

# esec

## ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

---



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Departamento de Comunicação e Ciências Empresariais da Escola Superior de  
Educação de Coimbra

Mestrado em Turismo de Interior – Educação para a Sustentabilidade

### Eventos de Turismo Desportivo e Desenvolvimento Local Sustentável: Avaliação dos Impactos da EDP Meia Maratona de Coimbra

Carla Sofia Miranda Ferreira Andrade

Coimbra, 2017



Carla Sofia Miranda Ferreira Andrade

**Eventos de Turismo Desportivo e Desenvolvimento Local  
Sustentável: Avaliação dos Impactos da EDP Meia Maratona de  
Coimbra**

Dissertação de Mestrado em Turismo de Interior – Educação para a Sustentabilidade,  
apresentada ao Departamento de Comunicação e Ciências Empresariais da Escola  
Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Prof. Doutora Adília Rita Cabral de Carvalho

Arguente: Prof. Doutora Susana Maria Peixoto Godinho Lima

Orientador: Prof. Doutor Ricardo José Espírito Santo de Melo

Outubro de 2017



**Agradecimentos**

*ao Professor Ricardo Melo pelo desafio lançado e pelo apoio na organização e  
construção do presente trabalho*

*à Globalsport pela colaboração prestada*

*ao Turismo de Portugal pelo apoio concedido*

*à minha colega Antónia Portugal pelo companheirismo*

*a todos aqueles que acreditaram que seria capaz de correr esta maratona*



## **Eventos de Turismo Desportivo e Desenvolvimento Local Sustentável: Avaliação dos Impactos da EDP Meia Maratona de Coimbra**

**Resumo:** Num contexto em que começam a ser reconhecidas as potencialidades dos eventos de turismo desportivo de pequena escala no desenvolvimento local sustentável, e existindo em Portugal poucos estudos que analisem os impactos destes eventos, centrando-se a maior parte deles na análise dos grandes eventos, interessa analisar os *small-scale events*. Em concreto, se estes permitem compatibilizar a atividade turística com a salvaguarda dos recursos naturais, a preservação do ambiente, o desenvolvimento económico e a qualidade de vida da população local, garantindo, assim, a sustentabilidade em todas as suas dimensões. É neste contexto que surge o presente estudo, com o objetivo de identificar os impactos económicos, sociais e ambientais da EDP Meia Maratona de Coimbra em termos de desenvolvimento local sustentável. O modelo metodológico seguido incluiu um inquérito por questionário, aplicado a todos os participantes e uma entrevista à entidade organizadora do evento. Os resultados sugerem que face à satisfação geral com a organização do evento, ao impacto económico positivo, às sinergias conseguidas com entidades e população local, à implementação de medidas de preservação ambiental e utilização de recursos existentes, o evento pode revelar-se uma forma viável de turismo sustentável. Assim, a continuidade do evento estudado constitui uma boa aposta como estratégia de promoção turística da cidade.

**Palavras-chave:** Eventos de Turismo Desportivo; Impactos; Meia Maratona; Turismo Desportivo; Turismo e Desenvolvimento Local Sustentável.

## **Sport Tourism Events and Sustainable Local Development: Evaluation of the Impacts of EDP Meia Maratona de Coimbra**

**Abstract:** In a context in which the potentialities of small-scale sports tourism events in local sustainable development begin to be recognized, and there are few studies in Portugal that analyze the impacts of these events, focusing mostly on the analysis of the impacts of major events, it is important to analyze the small-scale events. This analysis prove to be even more important when these events make it possible to reconcile tourist activity with the safeguarding of natural resources, preservation of the environment, creation of economic benefits and increase of the quality of life of the local population, thus guaranteeing sustainability in all its dimensions. It is in this context that the present study appears, with the objective of identifying the economic, social and environmental impacts of the *EDP Meia Maratona de Coimbra* in terms of sustainable local development. The methodological model followed includes a questionnaire survey, applied to all participants and an interview with the organizer of the event. The results suggest that the event, given the general satisfaction with the organization of the event, the positive economic impact, the synergies achieved with entities and local population, the implementation of environmental preservation measures and the use of existing infrastructures, may prove to be a viable way of sustainable tourism. Thus, it seems to make sense to continue with the organization of the event studied as a strategy to promote the city.

**Keywords:** Half Marathon. Impacts; Sport Tourism; Sport Tourism Events; Tourism and Local Sustainable Development.

## SUMÁRIO

<b>I. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>9</b>
2.1. NOTA INTRODUTÓRIA .....	11
2.2. TURISMO, SUSTENTABILIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL ...	11
2.3. DESPORTO E TURISMO: DEFINIÇÃO E RELAÇÃO ENTRE CONCEITOS .....	15
2.4. TURISMO DESPORTIVO .....	17
2.5. EVENTOS DE TURISMO DESPORTIVO: CLASSIFICAÇÃO PELOS IMPACTOS GERADOS.....	28
2.6. EVENTOS DE TURISMO DESPORTIVO DE PEQUENA ESCALA COMO PROMOTORES DE IMPACTOS E DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL .....	30
<b>III. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....</b>	<b>35</b>
3.1. NOTA INTRODUTÓRIA .....	37
3.2. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS.....	38
3.2.1. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO .....	38
3.2.2. ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA .....	40
3.3. RECOLHA DE DADOS.....	40
3.4. TRATAMENTO DOS DADOS .....	42
<b>IV. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>45</b>
4.1. NOTA INTRODUTÓRIA .....	47
4.2. A EDP MEIA MARATONA DE COIMBRA .....	47
4.3. RESULTADOS DA ENTREVISTA AO DIRETOR EXECUTIVO DA GLOBALSPORT .....	50

4.4. RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO .....	54
4.4.1. PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES NO EVENTO.....	54
4.4.2. PERFIL DE PARTICIPAÇÃO .....	60
4.4.3. IMPACTOS ECONÓMICOS .....	65
4.4.4. IMPACTOS AMBIENTAIS .....	69
4.4.5. IMPACTOS SOCIOCULTURAIS .....	73
4.5. SEGMENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES .....	76
4.5.1. CARACTERIZAÇÃO DOS GRUPOS.....	76
4.5.2. DIFERENTES GRUPOS CONSIDERADOS .....	83
4.5.2.1. RESIDENTES .....	83
4.5.2.2. EXCURSIONISTAS .....	84
4.5.2.3. TURISTAS .....	85
4.6. SÍNTESE DE RESULTADOS.....	86
<b>V. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>91</b>
5.1. NOTA INTRODUTÓRIA.....	93
5.2. CONCLUSÕES GERAIS .....	93
5.3. LIMITAÇÕES DO ESTUDO .....	96
5.4. PRINCIPAIS CONTRIBUTOS E PERSPETIVAS FUTURAS .....	97
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>111</b>

## **ABREVIATURAS**

<b>CP</b>	Comboios de Portugal
<b>EDP</b>	Energias de Portugal
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América
<b>IRNIST</b>	<i>International Research Network In Sport Tourism</i>
<b>OMT</b>	Organização Mundial do Turismo
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>RAE</b>	Resíduos Ajustados Estandarizados
<b>SPSS</b>	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>

## FIGURAS

FIGURA 1   Sobreposição do Turismo e do Desporto.....	22
FIGURA 2   Cronologia de iniciativas institucionais relativas ao desenvolvimento do turismo sustentável.....	13
FIGURA 3   Percursos da EDP Meia Maratona de Coimbra. ....	49
FIGURA 4   Sumário das respostas ao inquérito Avaliação dos Impactos da EDP Meia Maratona de Coimbra.....	41
FIGURA 5   Resumo do teste não paramétrico ANOVA de Kruskal-Wallis. ....	79
FIGURA 6   Participação no evento para competir - Comparação entre cada grupo.	79
FIGURA 7   Participação no evento para viajar/conhecer – Comparação entre cada grupo.....	80

## GRÁFICOS

GRÁFICO 1  Distribuição dos participantes inquiridos por sexo.....	54
GRÁFICO 2   Distribuição dos participantes inquiridos por sexo.....	54
GRÁFICO 3   Distribuição dos participantes inquiridos por sexo e escalão etário. ..	55
GRÁFICO 4   Distribuição dos participantes inquiridos por estado civil.....	56
GRÁFICO 5   Distribuição dos participantes inquiridos por habilitação literária. ....	57
GRÁFICO 6   Tipo de alojamento escolhido para pernoitar na cidade.....	62
GRÁFICO 7   Participação no evento como principal motivação. ....	64
GRÁFICO 8   Encargos suportados durante o evento, por rubrica de despesa.....	67
GRÁFICO 9   Perceção sobre as medidas de preservação ambiental adotadas por parte da organização.....	69
GRÁFICO 10   Participação em atividades complementares. ....	74
GRÁFICO 11   Opinião sobre a cidade.....	75
GRÁFICO 12   Intenção de participação em futuras edições do evento.....	75
GRÁFICO 13   Intenção de participar em outras corridas organizadas na cidade.....	75
GRÁFICO 14   Intenção de voltar em turismo.....	75

**TABELAS**

TABELA 1   Categorias de Turismo Desportivo. ....	21
TABELA 2   Sistematização de conceitos. ....	25
TABELA 3   Tipologia de Eventos Desportivos.....	29
TABELA 4   Sistematização dos impactos dos <i>Small Scale Events</i> comparativamente com os eventos de maior dimensão.....	34
TABELA 5   Estrutura do questionário aplicado no estudo.....	39
TABELA 5   Estrutura do questionário aplicado no estudo (cont.). ....	40
TABELA 6   A EDP Meia Maratona de Coimbra em números.....	49
TABELA 7   Distribuição dos participantes inquiridos por sexo e escalão etário. ....	55
TABELA 8   Distribuição dos participantes inquiridos por sexo e estado civil. ....	56
TABELA 9   Distribuição dos participantes inquiridos por sexo e habilitação literária. ....	57
TABELA 10   Distribuição dos participantes inquiridos por situação face ao emprego e sexo.....	58
TABELA 11   Distribuição dos participantes inquiridos por escalão de rendimentos mensais.....	58
TABELA 12   Residência dos participantes inquiridos. ....	59
TABELA 13   Forma de deslocação para o evento.....	60
TABELA 14   Número de participações no evento. ....	60
TABELA 15   Forma de participação no evento.....	60
TABELA 16   Forma de participação no evento por sexo. ....	61
TABELA 17   Número de acompanhantes.....	61
TABELA 18   Acompanhantes no evento.....	61
TABELA 19   Pernoita de não residentes na cidade. ....	61
TABELA 20   Número de noites de pernoita na cidade.....	62
TABELA 21   Razões da escolha do evento. ....	63
TABELA 22   Razões para a participação no evento.....	63
TABELA 23   Importância das rubricas de despesas em que foram suportados encargos.....	65
TABELA 24   Encargos totais e médios suportados durante o evento [em euros]. ...	66

TABELA 25   Projeção de encargos [em euros]. .....	68
TABELA 26   Quilómetros percorridos de carro para a participação no evento. ....	71
TABELA 27   Participação em atividades complementares. ....	74
TABELA 28   Tamanho dos grupos.....	76
TABELA 29   Perfil sociodemográfico dos inquiridos [por grupo].....	77
TABELA 30   Mediana das razões para participar no evento [por grupo].....	80
TABELA 31   Total de encargos suportados por rubrica de despesa [por grupo]. ....	81
TABELA 32   Média de encargos suportados por rubrica de despesa [por grupo]....	81
TABELA 33   Perceção sobre as medidas de preservação ambiental [por grupo].....	82
TABELA 34   Quilómetros percorridos de carro para a participação no evento [por grupo] .....	82
TABELA 35   Participação em atividades complementares [por grupo]. .....	83

## **I. INTRODUÇÃO**



O presente trabalho denominado “Eventos de Turismo Desportivo e Desenvolvimento Local Sustentável: Avaliação dos Impactos da EDP Meia Maratona de Coimbra” foi realizado no âmbito do curso de mestrado em Turismo de Interior – Educação para a Sustentabilidade, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra (ESEC). Este estudo aborda o turismo desportivo como uma nova forma de promover a atividade turística em destinos de interior, de forma integrada e promotora de desenvolvimento local sustentável, capaz de satisfazer uma procura emergente e cada vez mais exigente.

No contexto atual, um turismo de qualidade é aquele que simultaneamente promove o desenvolvimento local de um território e o respeito pelos princípios do desenvolvimento sustentável. Importa, então, refletir sobre as estratégias de desenvolvimento turístico que permitam a promoção do desenvolvimento económico, do bem-estar das populações e da preservação do ambiente (Torres-Delgado & Palomeque, 2012), em oposição ao modelo de crescimento ilimitado que produz destinos turísticos que se autodestruirão à medida que vão ficando saturados, e que caminham para a redução da procura turística (Careto & Lima, 2006).

A atual reflexão deve ainda considerar que os destinos turísticos enfrentam uma concorrência intensa e crescente e que os consumidores estão cada vez mais exigentes, pretendendo não só a garantia de qualidade dos serviços, mas também destinos turísticos socialmente responsáveis e sustentáveis (Kastenholz, Eusébio, Figueiredo, & Lima, 2012).

A sustentabilidade, assim entendida, assume-se como uma característica do fenómeno turístico inseparável da noção de turismo contemporâneo. Esta é a principal conquista dos últimos anos e representa uma diferença qualitativa na forma como a atividade turística é considerada (Torres-Delgado & Palomeque, 2012).

Kastenholz e Ladero (2009) referem que, por parte dos turistas, há um crescente interesse pela sustentabilidade dos locais que visitam e pelos impactos que a atividade turística tem no meio ambiente e na população das zonas visitadas.

As mudanças ao nível da motivação e padrões de comportamento de turistas, a par com a institucionalização do conceito de turismo sustentável, têm levado à adoção progressiva do paradigma da sustentabilidade nas empresas turísticas, enquanto instrumento de desenvolvimento económico, social e ambiental e, conseqüentemente, de desenvolvimento regional e do país (Torres-Delgado & Palomeque, 2012).

Efetivamente, a competitividade do sector do turismo dependerá, em grande medida, da maior ou menor capacidade de adaptação de empresas e destinos turísticos face às novas condições impostas por mercados emergentes e exigentes (Careto & Lima, 2006).

Nesta matéria, a Organização Mundial do Turismo (OMT), que define turismo sustentável como aquele que deve permitir a satisfação das necessidades dos atuais turistas e das regiões recetoras e, ao mesmo tempo, proteger e fomentar as oportunidades para o futuro (Kastenholz & Ladero, 2009), tem assumido um papel de relevo através de iniciativas e publicações que incentivam o setor do turismo a adotar práticas mais responsáveis (Careto & Lima, 2006).

É, portanto, imperioso adotar modelos de desenvolvimento turístico que simultaneamente promovam a defesa dos valores naturais e culturais intrínsecos de um território e assegurem um novo mercado de turistas mais exigentes em matéria de experiências ambientais, culturais e de qualidade total (Lima & Partidário, 2002). A excelência de um destino turístico é avaliada cada vez mais pela qualidade e diferença. Os turistas mais sofisticados e responsáveis procuram conforto, novidade e exclusividade (Lima & Partidário, 2002).

Neste contexto, o Turismo Desportivo pode revelar-se uma experiência atrativa alicerçada numa cultura desportiva, apresentar-se como um segmento do mercado turístico com um importante contributo económico, disponibilizando um conjunto diversificado de serviços (Pigeassou, 2004) e constituir um elemento de alavancagem de um destino, conforme preconizado por Chalip (2001). De acordo com Brown, Chalip, Jago e Mules (2002), a crescente importância dos eventos, onde se incluem os eventos de turismo desportivo, faz com que estes, em termos de criação da imagem de marca de um destino, muitas vezes se sobreponham às atrações culturais

e naturais aí existentes. Referindo-se aos Jogos Olímpicos de Sidney estes autores concluem que “even a one-time event can have a significant impact on a destination’s brand” (Brown, Chalip, Jago, & Mules, 2002, p.163). Por essa razão, muitos países começam a promover iniciativas desportivas como estratégia de desenvolvimento turístico (Sofield, 2003).

Ao longo dos anos 80, vários estudos focaram os benefícios da organização de grandes eventos desportivos, como os Jogos Olímpicos e os Campeonatos Mundiais de Futebol ou Atletismo (Weed, 2009). Lazer (1985) reportando ao estudo sobre a 23ª Edição dos Jogos Olímpicos, que decorreu em Los Angeles, concluiu que a competição desportiva foi um sucesso e que, a longo prazo, foi benéfico para o turismo da cidade. Armstrong (1985) num estudo realizado sobre trinta eventos distintos, ocorridos em nove países, destacou que estes revelaram capacidade de gerar receita e de atrair um grande número de turistas aos destinos. Em geral, estes autores destacaram os impactos económicos gerados, imediatos e pós evento (Weed, 2009) e a capacidade de regeneração das economias impulsionada pelo turismo e pelo desporto (Beioley, Crookston, & Tyrer, 1988). Outros autores, como Crompton (2004, 2006), Hudson (2001), Kasimati (2003) e Preuss (2005, 2007), concluem que a um nível macro, acolher mega eventos tem efeitos económicos positivos. No entanto, estes autores alertam que não se consegue medir com exatidão esse impacto (Weed, 2009).

Paralelamente, começou a ser dado maior destaque aos impactos sociais e ambientais decorrentes da organização de eventos desportivos (Weed, 2009). Efetivamente, diversos estudos criticam o desenvolvimento de grandes eventos desportivos, do ponto de vista da sustentabilidade, se atendermos à utilidade das infraestruturas criadas para esse efeito e aos impactos ambientais e sociais negativos, junto da população residente (Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012; Hall, 1992; Higham, 1999; Sack & Johnson, 1996; Walo, Bull, & Breen, 1996).

Estas reflexões levaram a que muitos autores considerem que os eventos de turismo desportivo de pequena escala são uma forma de turismo sustentável, com respeito pelos três pilares da sustentabilidade - económico, social e ambiental (Gibson,

Kaplanidou, & Kang, 2012), e geradores de oportunidades de crescimento económico e turístico (Daniels & Norman, 2003; Higham, 1999; Walo, Bull, & Breen, 1996). Segundo Higham (1999) os *small-scale events*, atraem um fluxo adequado de visitantes, usam as infraestruturas existentes, têm uma escala mais compatível com a cidade e comunidade de acolhimento e requerem muito menos investimento público. A este respeito, Daniels e Norman (2003) sugerem a promoção de eventos desportivos compatíveis com a escala, infraestruturas e facilidades existentes na comunidade recetora, realçando que, inclusivamente, este tipo de eventos pode permitir a revitalização de economias locais onde o turismo tradicional está em declínio.

É neste contexto que surge a presente investigação, com o objetivo de identificar os impactos económicos, sociais e ambientais da EDP Meia Maratona de Coimbra em termos de desenvolvimento local sustentável. Com este propósito foram definidos os seguintes objetivos específicos: (1) Caracterizar o perfil dos participantes na corrida; (2) Conhecer as motivações e os comportamentos dos participantes na corrida; (3) Conhecer os encargos suportados por participante e por principais rubricas de despesa; (4) Apurar a perceção dos participantes relativamente às medidas de preservação ambiental tomadas pela entidade organizadora do evento; e (5) Conhecer as atividades desenvolvidas pelos participantes para além da participação no evento.

Partindo do mote lançado por Gibson (1998b), Gibson et al. (2012) e Daniels e Norman (2003), sobre a necessidade de desenvolvimento de novos modelos de análise dos impactos dos eventos de turismo desportivo e de uniformização desses mesmos modelos, para que sejam possíveis comparações entre eventos, foi desenvolvido pela *International Research Network In Sport Tourism (IRNIST)*, um projeto internacional que visa comparar os impactos ambientais, económicos e socioculturais de meias maratonas em países da União Europeia, África e América do Sul. A IRNIST, criada em 2010, funciona como um laboratório de investigação virtual em turismo desportivo, centrando-se no estudo do turismo desportivo como motor de desenvolvimento local sustentável. Com esse propósito, procura desenvolver a colaboração internacional e interdisciplinar para criar estratégias e metodologias que melhorem o desenvolvimento local sustentável através do turismo

desportivo. O presente estudo faz uso dos instrumentos estandardizados, criados por esta organização, nomeadamente do modelo de inquérito por questionário a aplicar aos participantes de meias maratonas e do modelo de entrevista a realizar à entidade organizadora deste tipo de evento, que facilitam a comparação de resultados provenientes de outros estudos, tendo o propósito e a ambição de aumentar o conhecimento dos impactos de eventos de turismo desportivo de pequena escala.

O trabalho está organizado em cinco capítulos. Inicia-se com o enquadramento geral do estudo, onde são definidos os objetivos gerais da investigação e prossegue com o enquadramento teórico no âmbito do Turismo, Sustentabilidade e Desenvolvimento Local, Turismo Desportivo, Eventos de Turismo Desportivo e Impactos. Após apresentação da metodologia de investigação, alinhada com o modelo metodológico da IRNIST, partir-se-á para a análise e discussão dos resultados obtidos através de inquérito aplicado *on line* aos participantes da EDP Meia Maratona de Coimbra e de entrevista aplicada ao responsável pela empresa organizadora do evento. Depois de enunciados os resultados, serão apresentadas as conclusões e identificadas as limitações, os contributos e as perspetivas futuras.



## **II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**



## **2.1. NOTA INTRODUTÓRIA**

Este capítulo está dividido em seis secções, percorrendo a literatura mais relevante sobre a temática em análise. Nesta primeira secção, *Nota Introdutória*, apresentam-se os conteúdos das secções seguintes. Na segunda secção, intitulada *Turismo, Sustentabilidade e Desenvolvimento Local* faz-se uma apresentação dos conceitos de desenvolvimento sustentável, desenvolvimento local e desenvolvimento local sustentável. A terceira secção, *Desporto e Turismo: Definição e Relação entre Conceitos*, explicita estes dois conceitos, assinalando os pontos de contacto entre eles. A quarta secção, *Turismo Desportivo*, procura apresentar uma sistematização dos conceitos usados na literatura, assim como das publicações mais relevantes neste âmbito. Na quinta secção, intitulada *Eventos de Turismo Desportivo – Classificação pelos Impactos Gerados*, enunciam-se algumas tipologias de eventos, classificam-se os eventos desportivos em função dos impactos gerados, clarificando-se o conceito de impacto económico resultante do desenvolvimento de eventos de turismo desportivo. Na última secção deste capítulo, *Eventos de Turismo Desportivo de Pequena Escala como Promotores de Impactos e de Desenvolvimento Local Sustentável*, identificam-se os impactos dos eventos de turismo desportivo em termos de desenvolvimento local sustentável, nomeadamente, impactos económicos, sociais e ambientais.

## **2.2. TURISMO, SUSTENTABILIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL**

O conceito de Desenvolvimento Sustentável, definido como aquele que permite responder às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades (Brundtland, 1987 cit. in Careto & Lima, 2006), surgiu como resposta à crise social e ambiental que se agravou na década de 1970. A partir desta data assiste-se ao desenvolvimento de uma consciência ambiental em que assume grande relevância a constituição da Comissão Mundial para o Ambiente e Desenvolvimento pela Organização das Nações Unidas (ONU), que viria a publicar, em 1987, o relatório “O Nosso Futuro Comum” também conhecido por “Relatório Brundtland”. Este relatório introduz a interligação entre

economia, tecnologia, sociedade e política “propondo um compromisso entre ecologia e economia, assente no conceito de desenvolvimento sustentável, ou seja, conciliar a intervenção tecnológica com a capacidade ecossistémica do planeta de suportar essa intervenção” (Carvalho, 2007, p.15)

No entanto, é nos anos 60 que pela primeira vez se coloca a questão da existência de uma crise ecológica global, capaz de afetar a espécie humana. A publicação, em 1962, da obra de Rachel Carson “*Silent Spring*” constitui um marco na história do ambientalismo e está na origem do nascimento de muitos movimentos ambientais. Rachel Carson “alertava para os graves perigos que o planeta estava a correr face à ação desenfreada e prepotente do homem (...)” (Carvalho, 2007, p.12).

Em 1972, em Estocolmo, na Conferência da ONU sobre Ambiente Humano enunciam-se as primeiras declarações de compromisso com vista ao estabelecimento de medidas contra os problemas entretanto identificados de degradação do ambiente. Na sequência desta Conferência, são criados os primeiros Ministérios do Ambiente e são constituídas as primeiras Organizações Não Governamentais de Ambiente. Apesar da relevância destas iniciativas para a criação de uma consciência ecológica a nível internacional, estas traduziram-se apenas em compromissos políticos. Será apenas em 1992, com a Conferência da ONU sobre Ambiente e Desenvolvimento, também designada por “Cimeira da Terra” que passamos a ter um plano de ação mais concreto e concertado a nível mundial (Careto & Lima, 2006). Esta Cimeira deu origem à Declaração do Rio sobre Ambiente e Desenvolvimento e à Agenda 21 que corresponde a um programa de ação dirigido a vários sectores de atividade que teve a pretensão de identificar os principais problemas ambientais do planeta e criar uma estratégia global para a adoção de práticas de desenvolvimento sustentável (Careto & Lima, 2006).

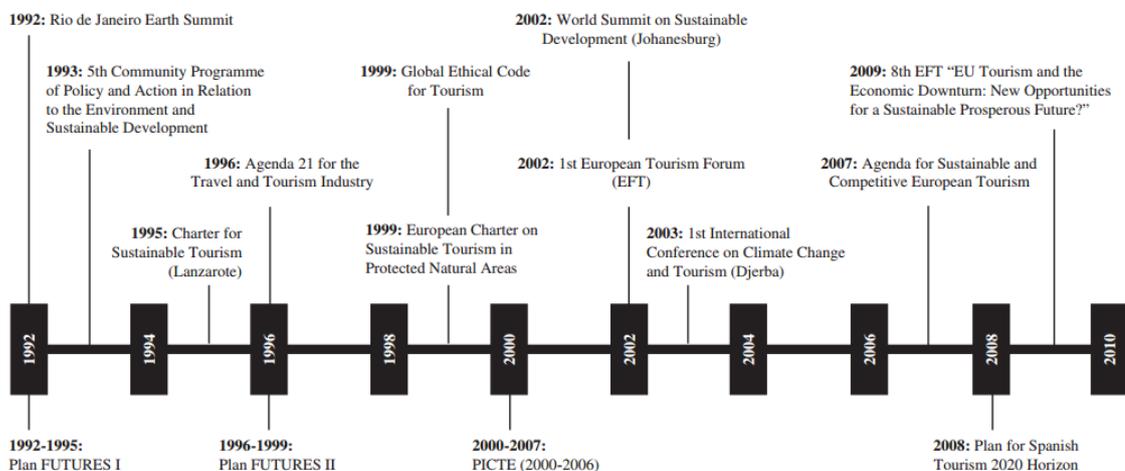
No que se refere ao setor do Turismo, não se verificou a produção de qualquer documento orientador no âmbito da Agenda 21. Isto levou a que em 1996 fosse criado um grupo de trabalho – Aliança para o Turismo Sustentável – que definiu um plano de ação para o sector do turismo, a nível mundial, alcançar os objetivos da Agenda 21. Foi, assim, criada pela *United Nations Tourism World Organization*, a

*World Travel & Tourism Council e a Earth Council a Agenda 21 para a Indústria de Viagens & Turismo (WTTC, WTO & Earth Council, 1995).*

Esta Agenda contribuiu para a consolidação do conceito de Turismo Sustentável, entendido como todas os modos de desenvolvimento e planeamento das atividades turísticas que respeitem e preservem a longo prazo os recursos naturais, culturais e sociais e contribuam positiva e equitativamente para o desenvolvimento dos indivíduos – que viajam ou que acolhem turistas (Careto & Lima, 2006).

Em termos cronológicos, a Figura 2 identifica as iniciativas institucionais mais relevantes para o crescimento e divulgação do conceito de turismo sustentável até 2010 (Torres-Delgado & Palomeque, 2012), às quais se junta em 2012 a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio +20:

**FIGURA 1 | Cronologia de iniciativas institucionais relativas ao desenvolvimento do turismo sustentável.**



**Fonte: Torres-Delgado e Palomeque (2012).**

Paralelamente, a partir de meados da década de 1990, a nível internacional, foram sendo produzidas Declarações, Cartas e Códigos de Conduta Internacionais com o propósito de implementar políticas que promovam o desenvolvimento económico, o bem-estar das populações e a preservação do ambiente (Torres-Delgado & Palomeque, 2012). A este respeito, destaca-se o Código Mundial de Ética para o Turismo, que estimula todos os governos a inspirarem-se neste, sempre que produzam legislação ou regulamentação turística nacional (Careto & Lima, 2006).

Merece especial atenção o artigo 3º dedicado ao Turismo como fator de desenvolvimento sustentável, estabelecendo, nomeadamente o dever de salvaguardar o ambiente e os recursos naturais, poupar os recursos naturais raros e preciosos, reduzir a produção de resíduos bem como a pressão da atividade turística sobre o meio ambiente; recomenda, ainda, a proteção dos ecossistemas e da biodiversidade e reconhece o turismo de natureza e o ecoturismo como formas especialmente enriquecedoras e valorizadoras do turismo (Careto & Lima, 2006).

Apesar dos recursos naturais e culturais constituírem uma parte importante do produto turístico, é importante ter em consideração que o desenvolvimento turístico sustentável é dinâmico (Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012) e requer que, simultaneamente, se satisfaçam as necessidades dos turistas, das empresas turísticas, e da comunidade recetora, bem como as relacionadas com a preservação ambiental (Liu, 2003). Esta visão assenta na melhoria da qualidade de vida, na satisfação dos turistas, no desenvolvimento da indústria turística e na proteção ambiental (Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012).

O desenvolvimento local, entendido como um paradigma mais recente de desenvolvimento, é um desenvolvimento endógeno, integrado, comunitário e sustentável (Silva, 2009). Para se assumir como um processo consistente e sustentável deve aumentar as oportunidades sociais, a viabilidade e competitividade da economia local e assegurar a conservação dos recursos naturais (Carvalho, 2009). Partindo das necessidades existentes localmente, procura responder a estas através das capacidades locais, articulando-as com os recursos exógenos (Carvalho, 2009). Quer isto dizer que o desenvolvimento local deve ser entendido como um processo que procura articular os recursos endógenos e exógenos de forma sustentável, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida em todos os domínios (Carvalho, 2009). Efetivamente, este modelo pressupõe a partilha de objetivos identificados como comuns e o trabalho coletivo para a prossecução de fins previamente definidos (Brito, 2004). Por outro lado, Carvalho (2009) refere que para que possa ser definida uma estratégia de desenvolvimento local sustentável é necessário investir em atividades de planeamento que de alguma forma antecipem os processos de mudança. O planeamento do desenvolvimento local sustentado deve ser projetado

como um processo de transformação e mudança que pressupõe um trabalho de parceria e cooperação (Amaro, 2003), permitindo que os cidadãos tenham um papel relevante no processo de desenvolvimento e de mudança social definindo prioridades que orientam a tomada de decisões (Carvalho, 2009).

Numa tentativa de expandir e diversificar a economia local, muitos destinos escolhem a promoção de eventos de turismo desportivo (Walo, Bull, & Breen, 1996). Essa é uma estratégia que os poderá distinguir e tornar mais competitivos (Ritchie, 1984), promovendo um desenvolvimento local efetivo se forem definidos objetivos capazes de dar resposta às dimensões económica, social, ambiental e institucional (Carvalho, 2009).

### **2.3. DESPORTO E TURISMO: DEFINIÇÃO E RELAÇÃO ENTRE CONCEITOS**

O Turismo e o Desporto estão historicamente associados desde o aparecimento dos desportos de Inverno nos Alpes, no início do século XX (Pigeassou, Bui-Xuan, & Gleyse, 2003). Standeven e De Knop (1999) destacaram a interdependência existente entre estes dois conceitos, partindo de uma premissa básica de que não só o desporto influencia o turismo como o turismo influencia o desporto.

Até muito recentemente o turismo e o desporto eram estudados separadamente como duas esferas de atividade distintas (Glyptis, 1991), sendo reconhecido que estes dois conceitos estão relacionados e se sobrepõem (Glyptis, 1991; Hinch & Higham, 2001). Para que consigamos perceber a articulação entre estes dois conceitos atentemos em algumas definições.

Hinch e Higham (2001), citando o English Dictionary, definem desporto como “uma atividade individual ou em grupo, muitas vezes organizada de forma competitiva, com o objetivo de praticar exercício físico ou simplesmente por prazer” (p.47). O Conselho da Europa, na Carta Europeia do Desporto de 1992, define desporto como “todas as formas de atividades físicas que, através de uma participação organizada ou não, têm por objetivo a expressão ou o melhoramento da condição física e psíquica, o

desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis” (Conselho da Europa, 1992, p.3). Estas duas definições, ao referirem o carácter social e lúdico do desporto, já evidenciavam o entendimento de Melo (2013) que refere que se assiste a um crescimento das atividades desportivas com um carácter mais lúdico em alternativa aos modelos desportivos ultracompetitivos e que esta noção mais ampla de desporto engloba uma maior diversidade de atividades associadas ao lazer, à recreação e ao turismo. Na tentativa de explicação da interligação do desporto com o turismo, Pigeassou, Bui-Xuan e Gleyse (2003) referem que o desporto é uma atividade complementar que diversifica a oferta turística, revelando-se assim benéfico para o turismo. Em suma, o atual paradigma do conceito de desporto, mais abrangente, permite alargar esta relação entre turismo e desporto (Standeven & De Knop, 1999).

Na perspetiva de Pigeassou, Bui-Xuan e Gleyse (2003), turismo é uma atividade de lazer livremente escolhida e organizada de acordo com escolhas pessoais e contexto cultural. Hinch e Higham (2001) referem que a definição de turismo agrega três dimensões: espacial, temporal e a relacionada com as atividades desenvolvidas. Para que sejam considerados turistas, as pessoas têm que sair do local habitual de residência – dimensão espacial. Esta deslocação tem que ser de pelo menos uma noite – dimensão temporal. As atividades escolhidas durante a deslocação definirão o propósito desta, reportando para vários nichos de mercado. A definição apresentada pela Organização Mundial do Turismo (OMT, 1995) vai no mesmo sentido: “conjunto de atividades desenvolvidas por pessoas durante as viagens e estadas em locais fora do seu contexto habitual por um período sucessivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, negócios e outros” (p. 1). A OMT, na sua definição de turismo, faz uma referência específica ao desporto listando-o como uma das atividades de lazer (Hinch & Higham, 2001), confirmando a ligação entre estes dois setores.

Nas últimas décadas, os pontos de contacto entre desporto e turismo aumentaram significativamente. De acordo com Kurtzman e Zauhar (1997), assiste-se a uma maior participação em atividades desportivas, revelando-se o desporto um

“fenómeno social de grande importância e magnitude” (p.9), que serve de alavancagem turística a muitos destinos (Kurtzman & Zauhar, 1997).

Atualmente, o turismo apresenta um potencial de crescimento e a sua importância económica tem vindo a ser reconhecida por muitos países. Desta forma, novas formas de turismo passaram a ser desenvolvidas, verificando-se que o segmento do turismo que mais tem crescido é precisamente o das viagens relacionadas com desporto e atividade física (Gibson, 1998a). O termo Turismo Desportivo aparece, então, para descrever esta relação do desporto ligado a viagens de lazer (Redmond, 1991).

#### **2.4. TURISMO DESPORTIVO**

As viagens em torno do desporto têm crescido enormemente nas últimas décadas (Hinch & Higham, 2001). Viajar para participar ou assistir a atividades desportivas não é algo novo, mas usar o termo Turismo Desportivo para o descrever é relativamente recente (Gibson, 2005). Esta terminologia aparece apenas na década de 70, do século XX (Pigeassou, Bui-Xuan, & Gleyse, 2003), tornando-se cada vez mais popular e crescente (Gibson, 1998b).

A popularidade crescente do turismo desportivo resulta, na opinião de Gibson (1998b), do aumento das preocupações com a saúde e o bem-estar e do crescimento da organização de eventos desportivos como estratégia de desenvolvimento turístico de alguns destinos. Segundo esta autora, a competição entre diferentes destinos turísticos pela organização de grandes eventos desportivos contribuiu, igualmente, para uma maior visibilidade do turismo desportivo. Kurtzman e Zauhar (1997) referem, a este respeito, que a maior popularidade do desporto, o crescente reconhecimento da relação entre turismo e desporto, bem como a facilidade de deslocação de pessoas, estimularam iniciativas desportivas que se revelam uma oportunidade para o segmento do turismo desportivo.

Paralelamente, cada vez mais estudos, livros, revistas científicas especializadas e conferências sobre o tema foram sendo publicados. Este súbito interesse deve-se, na

opinião de Kurtzman e Zauhar (1993) e Gammon e Robinson (2003), a cinco razões: (1) crescente popularidade dos grandes eventos desportivos; (2) maior perceção das vantagens, em termos de saúde, associadas à participação ativa em atividades desportivas; (3) crescente importância dada pelas autoridades governamentais e turísticas ao desporto, pelos impactos na economia e nas relações internacionais; (4) programação desportiva mais variada, com oferta de eventos ao longo de todo o ano, disponíveis para participantes e espetadores; e (5) facilidade de comunicação e de deslocação de pessoas, decorrente do desenvolvimento de novas tecnologias e infraestruturas.

Um outro ponto de vista é apresentado por Schreiber (1976), que sugere que a alteração na organização do trabalho fez com que as pessoas sintam necessidade de se desafiar a elas próprias, participando em algo ativo. De Knop (1990) atribui ao desejo de participar em atividades desportivas nas férias uma forma de aumentar o leque de atividades de lazer. Este autor considera que os turistas estão cada vez mais exigentes, mais bem informados e mais conscientes sobre as questões de saúde; têm ao seu dispor um conjunto mais diversificado de infraestruturas turísticas, desejando ter uma participação ativa nos seus momentos de lazer.

Também as revistas de viagens, os jornais, a televisão e a rádio estão cheios de mensagens sobre destinos, atrações e eventos focados no desporto e na atividade física. Os *resorts* passaram a disponibilizar uma série de atividades de desporto e *fitness* e outros segmentos, como o dos cruzeiros, passaram a tentar atrair turistas desportivos ativos (Gibson, 1998b).

A junção dos conceitos de turismo e desporto é um fenómeno relativamente recente não existindo, ainda, uma definição consensual de turismo desportivo (Sofield, 2003). Efetivamente, são muitas as definições existentes, verificando-se algumas disparidades entre elas (Gibson, 1998a).

A primeira publicação relacionada com o turismo desportivo terá sido a de Don Anthony, em 1966, intitulada “Sport and Tourism”, realçando o papel que o desporto poderia assumir nas atividades turísticas, nomeadamente nas férias. Os primeiros estudos, neste domínio, focavam-se nas férias desportivas. Por exemplo, De Knop

(1990) definiu turista desportivo como aquele que participa de forma ativa numa atividade desportiva nas férias, e identificou três tipos de férias desportivas: (1) férias puramente desportivas, como uma viagem para esquiar; (2) beneficiar das atividades desportivas disponíveis no destino de férias, ainda que o desporto não seja o principal propósito da viagem; e (3) férias desportivas privadas, onde os turistas participam em atividades desportivas não organizadas como, por exemplo, o voleibol de praia. Glyptis (1982) na sua investigação aplicada em França, Holanda, Espanha, Suécia e Alemanha, estudou a importância que o desporto pode assumir nas férias e como é que as infraestruturas desportivas podem ter um uso turístico e assim contribuir para a promoção do desporto. O foco destes autores nas férias desportivas pressupõe que as *day-trips* não fossem consideradas como turismo desportivo. No entanto, hoje, como sabemos, as viagens de um dia constituem uma parte significativa do turismo desportivo (Weed, 2009).

Nestes primeiros estudos, o conceito de turismo desportivo pressupõe a participação ativa em atividades desportivas (Glyptis, 1991). Redmond (1991) foi dos primeiros autores a reconhecer os espetadores de eventos desportivos como turistas desportivos, a par dos que participam em atividades desportivas e dos que visitam atrações desportivas. Hall (1992) apresenta, igualmente, uma definição abrangente: viajar para longe de casa para assistir ou participar numa atividade desportiva. Este autor reconheceu o desporto como uma atração turística e sistematizou três domínios com relevância para o turismo desportivo: (1) Grandes Eventos Turísticos, onde se incluem por exemplo os Jogos Olímpicos; (2) Atividades de *Outdoor* (Turismo de Aventura na Natureza), que incluem atividades lúdicas em ambiente natural, como o *canyoning*, o *surf* ou o *ski*; e (3) Turismo de Saúde e *Fitness*, que inclui atividades em *spa*, ténis ou golfe.

Na investigação levada a cabo por Nogawa et al. (1996), sobre turistas desportivos Japoneses, os autores concluem que um turista desportivo é um visitante temporário, que permanece, pelo menos, vinte e quatro horas na zona de um evento desportivo, com o propósito de participar. Na visão destes autores, a visita ao destino de acolhimento do evento é uma atração secundária. Ainda no âmbito deste estudo, consideram que os turistas desportivos podem enquadrar-se em três categorias: (1)

participantes – aqueles que têm como principal motivação participar num evento desportivo organizado; (2) espetadores – aqueles cuja principal motivação é assistir a um evento desportivo organizado; e (3) *sport lovers* – aqueles que viajam para participar em atividades desportivas organizadas por eles próprios. Esta visão considera que o turismo desportivo abrange as atividades desportivas não competitivas e auto-organizadas, mas não dá grande importância às atrações desportivas que Redmond (1991) destaca como uma importante componente do turismo desportivo.

Nesta matéria, Hinch e Higham (2001) realçam o contributo dado por Kurtzman e Zauhar (1995) e Gammon e Robinson (1997) que construíram os primeiros modelos de turismo desportivo, tendo Kurtzman e Zauhar (1997) identificado a emergência do desporto como uma alavanca turística.

Kurtzman e Zauhar (1997) tentam contornar as dificuldades de definição do conceito de turismo desportivo sistematizando cinco categorias de atividades de turismo desportivo: (1) atrações de turismo desportivo; (2) *resorts* de turismo desportivo; (3) cruzeiros de turismo desportivo; (4) viagens de turismo desportivo; e (5) eventos de turismo desportivo. Esta abordagem reconhece a importância do turismo nas atrações desportivas preconizada por Redmond (1991). De acordo com Kurtzman e Zauhar (2005), a participação em atividades de turismo desportivo está relacionada com escolhas de pessoas que inevitavelmente têm alguma afinidade com o desporto.

Esta proposta de categorização das atividades de turismo desportivo foi apresentada por Kurtzman (2005), com exemplos de atividades permitindo, assim, um melhor entendimento desta sistematização (Tabela 1).

**TABELA 1 | Categorias de Turismo Desportivo.**

<b>Atrações</b>	<b>Resorts</b>	<b>Cruzeiros</b>	<b>Viagens</b>	<b>Eventos</b>
Museus de desporto, locais desportivos famosos	<i>Resorts</i> de pesca/caça, ski/mergulho/ténis	Cruzeiros com celebridades desportivas	Excursões para prática de golfe, ténis, mergulho, escalada, ciclismo ou caminhada	Eventos desportivos regionais, nacionais e internacionais
Conferências/simpósios/reuniões/congressos sobre desporto	<i>Spas</i>	Cruzeiros temáticos (golfe, ténis, multidesportos)	Excursões para visitas a património desportivo	Concursos, seminários, campeonatos, ligas profissionais, copas do mundo
Desmonstrações desportivas, Exibições de ginástica	Conferências/seminários desportivos organizados em <i>resorts</i>	Cruzeiros para visita a atrações turísticas	Visitas de estudo	Regatas, Circuitos de Ralis, Corridas de cavalos
Parques temáticos, parques aquáticos	Acampamentos desportivos	Cruzeiros de pesca desportiva e submarina	Safaris de caça	Festivais desportivos, Jogos olímpicos, Campeonatos europeus
<i>Bungee jumping/rafting</i>	Escolas de basquetebol, escolas de futebol		Estágios desportivos	
Campos de golfe, estâncias de <i>ski</i>	Acampamentos desportivos recreativos		Expedições de aventura desportiva	
Estádios				

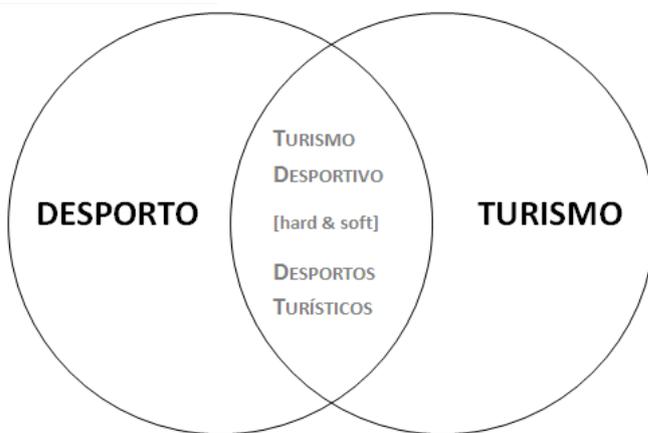
**Fonte: Adaptado de Kurtzman (2005).**

Já o modelo proposto por Gammon e Robinson (1997, 2003), baseado numa abordagem motivacional, sugere a existência de quatro categorias de turismo desportivo. Os autores começam por distinguir os conceitos de turismo desportivo e desportos turísticos. No turismo desportivo consideram que se incluem os indivíduos que, de forma ativa ou passiva, participam numa atividade desportiva, competitiva ou recreativa, implicando viajar para fora do local de residência. Aqui, o desporto é a principal motivação para a deslocação, ainda que a atividade turística funcione como um reforço ou complemento à experiência global. Nos desportos turísticos os indivíduos viajam para longe das suas residências para participarem, ativa ou passivamente, numa atividade desportiva recreativa ou competitiva, como atividade secundária. A principal motivação da viagem é estar de férias ou visitar um local. Nestes dois domínios, fazem a classificação de *hard* e *soft*. Os turistas desportivos *hard* são aqueles que de forma ativa ou passiva viajam e participam num evento desportivo competitivo - Jogos Olímpicos, Maratonas, Campeonatos de Futebol, por exemplo; os turistas desportivos *soft* são todos aqueles que viajam e participam

ativamente numa atividade recreativa de lazer – caminhadas, *ski*, entre outros. Nos desportos turísticos temos aqueles que no planeamento das suas férias consideram a atividade desportiva como uma atividade secundária que enriquece as suas férias - desportos turísticos *hard*; e aqueles que viajam e pontualmente se envolvem numa atividade desportiva – desportos turísticos *soft*.

A figura 1 pretende ilustrar de forma simplificada o modelo proposto por Gammon e Robinson (1997, 2003).

**FIGURA 2 | Sobreposição do Turismo e do Desporto.**



**Fonte: Elaboração própria com base no modelo de Gammon e Robinson (2003).**

Esta categorização, apresentada por Gammon e Robinson (1997, 2003), permite perceber as sinergias existentes entre desporto e turismo e as diferentes motivações dos participantes e espetadores de eventos desportivos. Pode revelar-se uma boa ferramenta para a indústria turística incorporar, nas ofertas turísticas, uma variedade de serviços que vão ao encontro dos diferentes tipos de turistas (Sofield, 2003).

Standeven e De Knop (1999) apresentam uma definição de turismo desportivo, consonante com a de Gammon e Robinson (1997), descrevendo-o como todas as formas de participação numa atividade desportiva, ativa ou passiva, organizada ou não, que levam à deslocação do local de residência ou de trabalho.

A revisão da literatura efetuada por Gibson (1998b) possibilitou a reflexão sobre o que se conhecia no domínio do turismo desportivo até então e a sistematização de

três tipos de comportamento associado ao turismo desportivo: (1) Turismo Desportivo Ativo - que se refere a pessoas que se deslocam para participar ativamente numa atividade desportiva; (2) Turismo Desportivo de Eventos – que engloba todos aqueles que viajam para assistir a eventos desportivos; e (3) Turismo Desportivo de Nostalgia - que inclui a visita a espaços relacionados com atividades desportivas (museus de desporto e outros locais desportivos famosos). Com base nestas tipologias, Gibson (1998b) apresenta a sua própria definição referindo que o turismo desportivo se refere a viagens de lazer, para fora da área de residência, para participar em atividades desportivas, assistir a atividades desportivas ou admirar atrações associadas a atividades desportivas.

A abordagem de Hinch e Higham (2001) considera que o turismo desportivo engloba as viagens para fora do local de residência, por um período limitado de tempo, com o objetivo de participar numa atividade desportiva competitiva (com um conjunto específico de regras e onde é avaliada a proeza física) ou lúdica. Esta abordagem está de acordo com a maioria das definições de turismo, respeitando as suas dimensões (espacial, temporal e atividades englobadas), com a diferença de que no turismo desportivo a atividade é especificamente o desporto. O desporto assume o papel principal na experiência turística, sendo o fator decisivo na opção de viagem.

Para Pigeassou, Bui-Xuan e Gleyse (2003) o conceito de turismo desportivo pode ser entendido como um conjunto de atividades onde o desporto é a base do projeto turístico. O turismo desportivo, segundo Pigeassou (2004) apareceu como uma atividade turística com impacto económico antes de ser entendida como uma experiência de cultura desportiva. Este autor apresenta uma definição de turismo desportivo como uma experiência alicerçada num conjunto de serviços necessários à realização de uma deslocação a determinado destino com o objetivo de ter uma experiência desportiva – considera que o desporto é fundamental na atividade turística. Pigeassou (2004) refere que a visão contemporânea do turismo desportivo está organizada em quatro categorias, em função do perfil e motivação dos participantes: o turismo desportivo de evento (os que assistem), o turismo desportivo de ação (os que praticam), o turismo desportivo de cultura (os que têm interesse pela

história desportiva) e o turismo desportivo de envolvimento (os que estão envolvidos na organização desportiva).

Numa tentativa de sistematização dos conceitos utilizados pela doutrina académica, foi elaborada a Tabela 2, construída a partir de Hinch e Higham (2001).

Considerando a diversidade de definições, considera-se neste trabalho turismo desportivo como a realização de uma viagem para mais de 40 km de distância de casa, quer seja para destinos domésticos ou internacionais, cuja permanência nos locais de destino é de, pelo menos, uma noite, e não mais de 12 meses, incluindo a participação ativa em atividades desportivas, o acompanhamento dos praticantes nessas viagens, a assistência de eventos desportivos, a visita a locais relacionados com a cultura desportiva ou o envolvimento na organização desportiva, como motivação principal ou secundária (Gammon & Robinson, 1997, 2003; Gibson, 1998b; Jago, 2003; Pigeassou, 2004).

**TABELA 2 | Sistematização de conceitos.**

<b>Conceito</b>	<b>Definição</b>	<b>Autor</b>
<b>Turismo Desportivo</b>	Identificação de três tipos de férias desportivas: (1) Férias puramente desportivas; (2) Beneficiar das atividades desportivas disponíveis no destino de férias; (3) Férias desportivas privadas.	(De Knop, 1990)
	Participação ativa em atividades desportivas.	(Glyptis, 1991)
	Viagem, para longe de casa, para assistir ou participar numa atividade desportiva. Sistematiza três domínios com relevância para o turismo desportivo: (1) Grandes Eventos Turísticos; (2) Atividades de <i>Outdoor</i> (Turismo de Aventura); (3) Turismo de Saúde e <i>Fitness</i> .	(Hall, 1992)
	Sistematização de cinco categorias de atividades de turismo desportivo: (1) Atrações de turismo desportivo; (2) <i>Resorts</i> de turismo desportivo; (3) Cruzeiros de turismo desportivo; (4) Viagens de turismo desportivo; (5) Eventos de turismo desportivo.	(Kurtzman & Zauhar, 1997)
	Viagens de lazer, para fora da área de residência, para participar em atividades desportivas, assistir a atividades desportivas ou visitar atrações associadas a atividades desportivas. Sistematiza três tipos de comportamento associado ao turismo desportivo: (1) Turismo Desportivo Ativo; (2) Turismo Desportivo de Evento; (3) Turismo Desportivo de Nostalgia.	(Gibson, 1998b)
	Todas as formas de participação numa atividade desportiva, ativa ou passiva, organizada ou não, que levam à deslocação do local de residência ou de trabalho.	(Standeven & De Knop, 1999)
	Viagens para fora do local de residência, por um período limitado de tempo, com o objetivo de participar numa atividade desportiva competitiva (com um conjunto específico de regras e onde é avaliada a proeza física) ou lúdica.	(Hinch & Higham, 2001)

**TABELA 2 | Sistematização de conceitos (cont.).**

<b>Conceito</b>	<b>Definição</b>	<b>Autor</b>
<b>Turismo Desportivo</b>	Conjunto de atividades onde o desporto é a base do projeto turístico.	(Pigeassou, Bui-Xuan, & Gleyse, 2003)
	Experiência alicerçada num conjunto de serviços necessários à realização de uma deslocação a determinado destino, com o objetivo de ter uma experiência desportiva; considera que o turismo desportivo está organizado em quatro categorias: (1) Turismo desportivo de evento (os que assistem); (2) Turismo desportivo de ação (os que praticam); (3) Turismo desportivo de cultura (os que têm interesse pela história desportiva); (4) Turismo desportivo de envolvimento (os que estão envolvidos na organização desportiva).	(Pigeassou, 2004)
<b>Turista Desportivo</b>	Aquele que participa de forma ativa numa atividade desportiva nas férias.	(De Knop, 1990)
	Visitante temporário, aquele que permanece pelo menos vinte e quatro horas na zona de um evento desportivo, com o propósito de participar. Podem enquadrar-se em três categorias: (1) Participantes; (2) Espetadores; (3) <i>Sport lovers</i> ;	(Nogawa, Yamaguchi, & Hagi, 1996)
	Indivíduos que, de forma ativa ou passiva, participam numa atividade desportiva, competitiva ou recreativa, com deslocação para fora do local de residência. Fazem a classificação de turista desportivo <i>hard</i> e <i>soft</i> .	(Gammon & Robinson, 1997, 2003)
<b>Desportos Turísticos</b>	Incluem os indivíduos que viajam para longe das suas residências para participar, ativa ou passivamente, numa atividade desportiva recreativa ou competitiva, como atividade secundária. Fazem a classificação de desportos turísticos em <i>hard</i> e <i>soft</i> .	(Gammon & Robinson, 1997, 2003)

**Fonte: Elaboração própria adaptada de Hinch e Higham (2001).**

No que se refere a publicações no âmbito do turismo desportivo, Melo e Sobry (2017) e Weed (2009) fazem uma sistematização cronológica daquilo que foi sendo editado a partir de 1966, data em que surgiu a primeira publicação neste domínio por Anthony (1966). Nos quinze anos que se seguiram a esta publicação apenas esporadicamente foram sendo editados artigos acerca da função do desporto no turismo (Melo & Sobry, 2017; Weed, 2009).

A partir da década de 1980, aparecem alguns estudos sobre a relação entre o turismo e o desporto, destacando-se a publicação de Glyptis (1982) que analisou, em cinco países da Europa, a importância do desporto nas atividades de lazer e de que forma o turismo pode contribuir para a utilização de infraestruturas desportivas e para o desenvolvimento do desporto. Ao longo desta década, outros estudos foram sendo publicados, centrando a sua atenção nos benefícios de acolher grandes eventos desportivos como os Jogos Olímpicos (Armstrong, 1985; Lazer, 1985; Ritchie, 1984) e nas potencialidades do desporto e do turismo na regeneração de economias em declínio (Beioley, Crookston, & Tyer, 1988).

Na década de 1990 assiste-se à publicação de um maior número de artigos científicos sobre turismo desportivo, úteis para o conhecimento e sistematização do conceito (Melo & Sobry, 2017; Weed, 2009).

A partir do ano 2000, várias obras foram sendo publicadas, dando enfoque ao turismo desportivo, analisando os impactos dos eventos desportivos (Melo & Sobry, 2017). Destacam-se as publicações de Standeven e De Knop (1999), Gammon e Kurtzman (2002), Turco, Riley e Swart (2002), Hinch e Higham (2003), Weed e Bull (2004), Higham (2005), Hinch e Higham (2009), entre outros.

Melo e Sobry (2017) destacam, ainda, em matéria de publicações na área do turismo desportivo, o aparecimento de revistas académicas de qualidade nas áreas do desporto e do turismo, como o *Journal of Sport Managment*, o *Journal of Vacation Marketing*, e, a partir de 1993, uma publicação já centrada na temática do turismo desportivo o *Journal of Sport Tourism*.

Estes autores referem, ainda, que o tema do turismo desportivo tem sido alvo de debate em diversas conferências internacionais, muitas das quais organizadas pela *International Research Network In Sport Tourism (IRNIST)*, uma rede internacional de académicos, investigadores e profissionais que trabalham na área do turismo desportivo, com o objetivo de promover estratégias de desenvolvimento local sustentável através do turismo desportivo. A primeira conferência promovida pela IRNIST decorreu em Lille, em 2013, a segunda em Coimbra, em 2014 e a terceira em Zagreb, em 2016 (Melo & Sobry, 2017).

Após análise das publicações mais relevantes no âmbito do turismo desportivo, é possível concluir que os eventos e os seus impactos são a área mais estudada neste domínio (Melo & Sobry, 2017), reforçando a pertinência do presente estudo, e remetendo-nos, no ponto seguinte, para a classificação dos eventos em função dos seus impactos e a seguir para a análise dos eventos de turismo desportivo como promotores de impactos e desenvolvimento local sustentável.

## **2.5. EVENTOS DE TURISMO DESPORTIVO: CLASSIFICAÇÃO PELOS IMPACTOS GERADOS**

Na literatura é possível encontrar inúmeras classificações de eventos. Nordin (2003), por exemplo, sistematiza quatro categorias de eventos: (1) Mega-Eventos, eventos organizados à escala internacional com um grande impacto económico; (2) Eventos Marcantes, organizados, por norma, anualmente com o objetivo de aumentar a atratividade de um destino turístico; (3) Grandes Eventos, aqueles que conseguem atrair um grande número de participantes, com abrangência local; e (4) Pequenos Eventos, onde se enquadram a maioria dos eventos.

No que se refere aos eventos desportivos, que surgem como uma atividade específica do turismo desportivo (Kurtzman & Zauhar, 1997), estes revelam-se como uma nova forma de promover a atividade turística (Salgado, Barajas, & Sánchez, 2017), podendo ser classificados em função do seu impacto no turismo.

Consoante o evento e o território onde este ocorre os seus impactos diferem, pelo que um grande número de estudos passou a dar uma crescente importância à análise dos impactos dos eventos de turismo desportivo (Daniels & Norman, 2003; Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012; Ritchie, 1984).

A este respeito, Gratton, Dobson e Shibli (2000) propõem uma classificação dos eventos desportivos, definindo quatro categorias, a que Wilson (2006) acrescentou uma quinta. A seguir apresentam-se as cinco categorias referidas (Tabela 3).

**TABELA 3 | Tipologia de Eventos Desportivos.**

<b>Tipo de Evento</b>	<b>Características Gerais</b>
Tipo A	Possuem um carácter irregular e ocorrem uma única vez; Atraem uma elevada participação de atletas e espetadores internacionais; Impulsionam de forma significativa a atividade económica; Atraem os <i>media</i> ; Exemplo: Jogos Olímpicos
Tipo B	Possuem um carácter regular; Atraem um grande número de espetadores; Impulsionam de forma significativa a atividade económica; Atraem os <i>media</i> ; Exemplo: Torneiro de Wimbledon
Tipo C	Possuem um carácter irregular e ocorrem uma única vez; Atraem a participação de atletas e espetadores internacionais; Impulsionam de forma pouco significativa a atividade económica; Exemplo: Mundial de Badmington
Tipo D	Atraem uma elevada participação de atletas; Impulsionam de forma pouco significativa a atividade económica; Exemplo: Eventos desportivos Nacionais
Tipo E	Atraem um número reduzido de atletas e espetadores; Promovem pouco impacto na atividade económica; Originam pouco interesse mediático; Exemplo: Eventos desportivos Locais e Regionais

**Fonte: Elaboração própria adaptada de Salgado, Barajas e Sánchez (2017).**

Com esta classificação dos eventos, em função do seu impacto turístico, é possível melhorar a gestão e planeamento dos eventos e, assim, conseguir um impacto económico mais efetivo na região que o acolhe (Salgado, Barajas, & Sánchez, 2017).

A generalidade dos estudos sobre os impactos dos eventos desportivos centra-se na análise dos impactos económicos (Gibson, 1998b). Lee (2001) define impacto

económico de um evento como a alteração líquida verificada na economia local resultante do evento desportivo. Este impacto, de acordo com o mesmo autor, é composto pelo impacto direto, indireto e pelos efeitos induzidos. Os impactos diretos resultam das aquisições de bens e serviços por parte dos participantes; os indiretos dos consumos subsequentes e os induzidos do aumento de rendimentos e de emprego resultantes dos impactos diretos e indiretos.

Segundo Crompton (1995), os eventos desportivos podem provocar um efeito multiplicador, estimulando e desenvolvendo a economia local. Mas conhecer o impacto económico de um evento desportivo é muito difícil e subjetivo (Lee, 2001). Os efeitos multiplicadores (índice aplicado aos impactos económicos diretos em substituição do cálculo dos impactos indiretos e efeitos induzidos) são muitas vezes trabalhados por empresas com o objetivo de demonstrar a viabilidade de um evento e, por norma, só são considerados os impactos positivos, não sendo ponderados os impactos negativos e os problemas sociais, como o congestionamento, vandalismo, degradação ambiental (Lee, 2001).

Perante estas dificuldades Barajas, Coates e Sanchez-Fernandez (2016) sugerem que os estudos de impacto económico se centrem apenas no impacto económico direto do evento. Desta forma elimina-se a falta de precisão, o uso de índices desajustados e evita-se o risco de resultados desconformes. Para o cálculo do impacto económico direto é fundamental conhecer o número de participantes, os seus gastos diários e obter uma elevada taxa de resposta aos questionários aplicados (Barajas, Coates, & Sanchez, 2016).

## **2.6. EVENTOS DE TURISMO DESPORTIVO DE PEQUENA ESCALA COMO PROMOTORES DE IMPACTOS E DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL**

Anualmente são organizados em todo o mundo milhares de eventos desportivos, desde “mega eventos”, que atraem milhares de visitantes, a pequenos eventos locais que podem atrair um número reduzido de visitantes (Sofield, 2003).

De acordo com Turco (1997, 1998) as comunidades acolhem eventos de turismo desportivo por três grandes razões: (1) oferta de entretenimento à população local; (2) aumento do sentimento de orgulho da comunidade local; e (3) incremento de receita na comunidade de acolhimento. O impacto de acolher um evento desportivo vai para além do evento propriamente dito, pois são muitos os turistas que, após conhecerem determinado destino no âmbito de um evento desportivo, *in loco* ou através da comunicação social, ficam com vontade de regressar ou visitar esse mesmo local (Gibson, 1998b).

Em termos de desenvolvimento sustentável, muitos estudos revelam uma postura bastante crítica relativamente à organização de grandes eventos desportivos (Gibson, 1998b; Hall, 1992; Higham, 1999; Sack & Johnson, 1996;). Sack e Johnson (1996) concluem no seu estudo, sobre o *Volvo International Tennis Tournament*, que o investimento público em infraestruturas para este evento foi elevadíssimo, com a construção de um estádio, que após o evento passou a ter uma função residual e diferente da inicialmente prevista. Hall (1992) alerta para a possibilidade do “*displacement effect*” – efeito que leva turistas e população residente a evitarem determinados destinos nos dias em que aí ocorre um grande evento desportivo devido ao aumento generalizado de preços. Roche (1994) refere, a este respeito, que “*mega-events are short term events with long-term consequences for the cities that stage them*” (p.1).

Por oposição ao acolhimento de grandes eventos desportivos, os *small-scale events* que suscitam menos interesse e atenção têm, também, menos possibilidade de gerarem impactos negativos; a capacidade de compatibilização da escala dos eventos desportivos com as infraestruturas e recursos disponíveis na comunidade de acolhimento, promove alternativas de desenvolvimento turístico de sucesso (Higham, 1999). Assim, as autoridades governamentais devem apostar no desenvolvimento regular de competições e eventos desportivos como forma de promoção turística dos seus destinos (Higham, 1999); esta aposta pode revelar-se indutora de outras formas de turismo e aumentar a competitividade do destino (Getz, 2008).

A maioria dos estudos sobre os impactos da organização de eventos de turismo desportivo centra-se na análise dos impactos económicos (Gibson, 1998b), avaliados através dos padrões de consumo dos participantes. A este respeito, Crompton e McKay (1994) e Doshi et al. (2001) citados em Daniels e Norman (2003), referem que o impacto económico de um evento corresponde às alterações económicas concretas verificadas na comunidade de acolhimento resultantes de receitas relacionadas com o evento, ou seja, o incremento de receita na economia local resultante do evento ter decorrido naquele lugar.

Os eventos desportivos de pequena escala, apresentados por Gibson et al. (2012) como eventos em que o número de atletas pode ultrapassar o número de espetadores, desenvolvidos com uma periodicidade regular e, em regra, com pouca cobertura mediática, têm potencial para a comunidade de acolhimento em termos económicos. Estes são organizados recorrendo à capacidade instalada, não acarretam custos acrescidos e são menos invasivos para a população local comparativamente com os grandes eventos desportivos (Daniels & Norman, 2003).

Em termos económicos, e apesar de existirem poucos estudos que divulguem os impactos dos eventos de turismo desportivo de pequena escala do ponto de vista do desenvolvimento sustentável (Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012), alguns deles revelam que estes eventos tendem a proporcionar benefícios económicos para as comunidades que os acolhem, sobretudo ao nível do alojamento e restauração (Daniels & Norman, 2003; Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012; Horne, 2000; Walo, Bull, & Breen, 1996). Note-se, no entanto, que nos eventos desportivos locais, a distância percorrida até ao local do evento é menor, logo, a capacidade para atrair os participantes a ficarem alojados é inferior e, conseqüentemente, as receitas com alojamento são pouco expressivas (Turco, 1998). Normalmente, estes eventos utilizam infraestruturas existentes e atraem visitantes que de outro modo aí não se deslocariam. Os eventos desportivos podem, assim, funcionar como catalisadores de desenvolvimento económico e de requalificação urbana (Wilson, 2006), e para que promovam desenvolvimento económico de forma sustentável, devem ser organizados de forma regular, assegurando um fluxo consistente de turistas e respetivas delegações desportivas (O'Brien & Chalip, 2008). Walo, Bull e Breen (1996)

consideram que uma diferença significativa entre grandes eventos desportivos e eventos desportivos de pequena escala se prende com o facto de estes últimos conseguirem melhorar a qualidade de vida da comunidade de acolhimento do evento. Isto porque, os eventos mais pequenos conseguem ter um efeito positivo nos rendimentos dos residentes e por norma a comunidade local é envolvida de alguma forma. Alertam, no entanto, que mesmo nestas situações podem existir impactos negativos como por exemplo graves problemas de congestionamento em alguns destinos.

A nível social, o desenvolvimento deste tipo de eventos contribui para o aumento da qualidade de vida das populações locais, assim como para o aumento do seu sentimento de orgulho (Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012; Horne, 2000). Frequentemente, assistimos ao envolvimento voluntário da comunidade local na organização destes eventos. Para além das vantagens enunciadas, grande parte deste tipo de eventos são de livre acesso, pelo que os residentes acabam igualmente por usufruir desse entretenimento (Daniels & Norman, 2003). Gibson, Kaplanidou e Kang (2012) advoga que o recurso a voluntários e o uso de infraestruturas existentes são duas condições essenciais que maximizam os benefícios sociais e económicos de acolher eventos desportivos de pequena escala.

Os impactos ambientais dos eventos de turismo desportivo são os menos estudados na literatura (Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012). Os que assumem maior relevo, nos grandes eventos desportivos, como os Jogos Olímpicos ou Campeonatos Mundiais de Futebol, estão relacionados com a “pegada de carbono” (quantidade de dióxido de carbono que produzimos diariamente e a forma como essas emissões de gases influenciam o ambiente), com a construção de novas infraestruturas e a concentração de pessoas nos dias dos eventos (Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012). Também nesta matéria existem vantagens na organização de eventos desportivos de pequena escala: a “pegada de carbono”, relacionada com o impacto que o nosso estilo de vida tem sobre o planeta, é claramente inferior já que os participantes tendem a ser locais ou regionais, são usadas infraestruturas existentes e o fluxo de visitantes é mais compatível com a comunidade de acolhimento (Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012).

A seguir, na Tabela 4, sistematizam-se os impactos dos eventos de turismo desportivo de pequena escala mais comumente aceites pelos autores que sustentam que estes tipos de eventos podem revelar-se como promotores de desenvolvimento local sustentável, em comparação com os eventos de maior dimensão.

**TABELA 4 | Sistematização dos impactos dos *Small Scale Events* comparativamente com os eventos de maior dimensão.**

<b>Impactos</b>		
<b>Económicos</b>	<b>Socioculturais</b>	<b>Ambientais</b>
Utilizam infraestruturas e recursos existentes;	Atraem um fluxo de participantes compatível com a escala da comunidade de acolhimento;	A “pegada de carbono” é pequena porque os participantes são, maioritariamente, locais ou regionais;
Exigem pouco investimento público;	Promovem o envolvimento da população local;	Não exigem a construção de novas infraestruturas;
Geram receita na comunidade de acolhimento proveniente, essencialmente, de alojamento e restauração;	Proporcionam entretenimento à população local;	Não geram grande concentração de pessoas com os problemas daí resultantes (ruído, congestionamento de trânsito, degradação do espaço urbano, lixos, etc.).
	Aumentam o sentimento de orgulho da comunidade de acolhimento;	
	Melhoram a qualidade de vida da comunidade local (aumento de rendimentos).	

**Fonte: Elaboração própria com base em Daniels e Norman (2003), Getz (2008), Gibson, Kaplanidou e Kang (2012) e Higham (1999).**

### **III. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO**



### 3.1. NOTA INTRODUTÓRIA

Neste capítulo pretende-se apresentar a abordagem metodológica seguida no presente estudo, salientando-se que o mesmo se enquadra num projeto de investigação internacional realizado no âmbito da *International Research Network In Sport Tourism* (IRNIST). Este projeto foi desenvolvido com o objetivo de comparar os impactos ambientais, económicos e socioculturais de meias maratonas em países da União Europeia, África e América do Sul. O modelo metodológico proposto inclui um inquérito por questionário, a aplicar aos participantes em eventos desta natureza (corridas de meias maratonas), e três entrevistas a aplicar à entidade organizadora do evento, ao município que o acolhe e à respetiva população local. Estes modelos foram disponibilizados na versão inglesa, em agosto de 2016 e posteriormente adaptados e validados para o contexto português. Em suma, este trabalho visa integrar-se num estudo mais alargado que pretende implementar o mesmo modelo de investigação em diferentes eventos de meia maratona, realizados em cidades de média dimensão de diferentes países, para, posteriormente, fazer um estudo comparativo dos impactos ambientais, económicos e socioculturais de eventos com estas características em termos de desenvolvimento local sustentável.

Para dar cumprimento ao objetivo do estudo – avaliar os impactos ambientais, económicos e socioculturais de meias maratonas em termos de desenvolvimento local sustentável, optou-se por escolher o evento EDP Meia Maratona de Coimbra, realizado em Coimbra anualmente. Esta escolha teve a ver com o horizonte temporal em que se pretendia desenvolver este estudo, com a localização do evento (numa cidade de dimensão média do país) e com o número mínimo de participantes esperado – critérios idênticos em todos os países participantes no estudo.

De salientar que não foi possível o agendamento de entrevista ao responsável pelo pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Coimbra<sup>1</sup> (após vários contactos e dificuldades colocadas, esta possibilidade foi descartada) e que se decidiu não fazer a

---

<sup>1</sup> Em anexo consta o *email* enviado ao Município de Coimbra com o pedido de colaboração (Anexo 1)

entrevista à população local, devido a constrangimentos de tempo que poderiam comprometer a finalização do estudo.

Apresentam-se de seguida, com maior detalhe, os instrumentos de recolha de dados, bem como a forma de recolha e de tratamento de dados.

## **3.2. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS**

### **3.2.1. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO**

O inquérito por questionário usado no estudo seguiu o modelo criado pelo consórcio internacional. Para efeitos de aplicação no contexto nacional foi efetuada a respetiva tradução para português, da versão em inglês, e elaborada uma primeira versão de questionário na plataforma *on line Limesurvey*. As grandes vantagens deste instrumento de recolha de dados passam pela rapidez com que se conseguem obter os dados e com a facilidade de comparar os resultados obtidos.

O questionário foi redigido e traduzido de acordo com o preconizado por Hill e Hill (2009), nomeadamente no que diz respeito aos seguintes aspetos: clareza da linguagem utilizada, seleção do tipo de escala a utilizar em cada pergunta, seleção do tipo de resposta desejável para cada pergunta, respostas qualitativas descritas por palavras pelo respondente, respostas qualitativas escolhidas pelo respondente a partir de um conjunto de respostas alternativas fornecidas pelo autor, respostas quantitativas apresentadas em números pelo respondente, respostas quantitativas escolhidas pelo respondente a partir de um conjunto de respostas alternativas fornecidas pelo autor, versões iniciais e finais das perguntas adequadas aos objetivos do estudo, inserção de instruções associadas a cada pergunta para informar o respondente como responder e definição das secções do questionário.

O questionário denominado *Avaliação dos Impactos da EDP Meia Maratona de Coimbra*<sup>2</sup> foi estruturado por forma a não demorar mais de 10 minutos a ser

---

<sup>2</sup> Em anexo consta o modelo de questionário aplicado aos participantes do evento (Anexo 3)

respondido, adotando-se uma estética atrativa (moderna e *clean*), por forma a potenciar a resposta por parte dos inquiridos. Depois de criado na plataforma *Limesurvey*, realizaram-se 30 testes de resposta, apenas para analisar e aferir a adaptação da tradução à realidade do país e correção de eventuais gralhas, uma vez que o modelo havia sido validado por especialistas.

O inquérito está estruturado em cinco grupos de questões: perfil sociodemográfico, perfil de participação, impactos económicos, impactos ambientais e impactos socioculturais. A Tabela 5 permite-nos perceber a sequência do questionário, ajudando na perceção da sua estrutura e na ligação aos objetivos do estudo.

**TABELA 5 | Estrutura do questionário aplicado no estudo.**

<b>Grupo</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Variáveis</b>
Perfil sociodemográfico	Caracterizar o perfil dos participantes na corrida	Sexo, idade, estado civil, habilitações literárias, situação face ao emprego, rendimentos mensais, residência;
Perfil de participação	Conhecer as motivações e os comportamentos dos participantes na corrida.	Forma de deslocação, forma de participação, pernoita na cidade, razões e motivações para a escolha do evento, avaliação do evento, intenção de voltar a participar e de voltar à cidade;
Impactos económicos	Conhecer os encargos suportados pelo participante e por principais rubricas de despesa	Rubricas de despesa em que foram suportados encargos, valores despendidos por rubrica de despesa, valores suportados com a participação no evento e na cidade;

**TABELA 6 | Estrutura do questionário aplicado no estudo (cont.).**

<b>Grupo</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Variáveis</b>
Impactos ambientais	Apurar a perceção dos participantes relativamente às medidas de preservação ambiental tomadas pela organização do evento	Avaliação das medidas de preservação ambiental;
Impactos socioculturais	Conhecer as atividades desenvolvidas pelos participantes, para além da participação no evento	Atividades desenvolvidas, intenção de voltar a participar em futuras edições;

**Fonte: Elaboração própria.**

### **3.2.2. ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

A entrevista semi-estruturada aplicada ao responsável da entidade organizadora do evento, seguiu igualmente o modelo de guião criado pelo consórcio internacional, tendo sido efetuada a respetiva tradução para português<sup>3</sup>. Apresenta 47 perguntas estruturadas em 4 grupos: (1) caracterização do evento; (2) impactos económicos; (3) impactos ambientais; e (4) impactos socioculturais. O modelo utiliza perguntas fechadas e abertas, nestas últimas dando oportunidade ao entrevistado de expor os seus conhecimentos sobre o tema. O facto de estar estruturada num guião permite a recolha de dados de forma uniforme, sem descurar qualquer aspeto relevante.

### **3.3. RECOLHA DE DADOS**

A recolha de dados, através do inquérito por questionário aplicado aos participantes na EDP Meia Maratona de Coimbra e da entrevista aplicado ao Diretor Executivo da empresa organizadora do evento, foi possível após confirmação da empresa Globalsport em colaborar no presente estudo. O pedido de colaboração foi remetido

---

<sup>3</sup> Em anexo consta o modelo de guião de entrevista aplicado à empresa organizadora do evento (Anexo 4)

por *email* em 31 de julho de 2016<sup>4</sup> e durante os meses de agosto e setembro várias insistências, por *email* e telefónicas, foram efetuadas. Apenas em 8 de outubro de 2016, foi possível obter a confirmação da empresa sobre o envio do *link* do questionário aos inscritos na prova, agendando-se na mesma data uma entrevista com o Diretor Executivo da empresa.

O *link* do inquérito por questionário - Avaliação dos Impactos da EDP Meia Maratona de Coimbra - foi enviado por email, pela empresa Globalsport, a todos os participantes na Meia e Mini Maratona da EDP Meia Maratona de Coimbra, num total de 2155 inscritos, no dia 18 de outubro de 2016<sup>5</sup>. O questionário ficou disponível até ao dia 31 de outubro de 2016, tendo sido registadas 592 respostas, 345 completas e 247 respostas incompletas (Figura 4). No presente estudo apenas foram consideradas as respostas completas que representam 16% da totalidade de participantes.

**FIGURA 3 | Sumário das respostas ao inquérito Avaliação dos Impactos da EDP Meia Maratona de Coimbra.**

Sumário das respostas	
Respostas completas	345
Respostas incompletas	247
Total de respostas	592

**Fonte:** Plataforma informática *LimeSurvey*.

A entrevista aplicada ao Diretor Executivo da empresa organizadora do evento – Paulo Costa, foi realizada presencialmente em 2 de dezembro de 2016, em Coimbra. Foi gravada em suporte áudio e transcrita integralmente, no decorrer do mês de janeiro de 2017. O guião de entrevista foi sendo adaptado, não seguindo uma sequência rígida, permitindo uma maior adaptação às respostas que foram sendo dadas pelo entrevistado e uma recolha de dados mais alargada.

<sup>4</sup> Em anexo consta o teor do *email* remetido à empresa organizadora do evento com o pedido de colaboração (Anexo 1)

<sup>5</sup> Em anexo consta o teor do *email* remetido pela Globalsport aos participantes do evento com o *link* do questionário (Anexo 5)

### 3.4. TRATAMENTO DOS DADOS

A análise e o tratamento dos dados foram elaborados com recurso a dois instrumentos de suporte a estudos quantitativos: *Microsoft Office Excel 2007* e *SPSS 21 (Statistical Package for the Social Sciences)*. Após a recolha dos dados na plataforma *Limesurvey*, os mesmos foram exportados para o programa *Microsoft Excel* e posteriormente para o *software SPSS*, através do qual se procedeu à análise estatística dos mesmos, com o objetivo de resumir, apresentar e facilitar a interpretação dos dados observados.

A análise estatística descritiva foi elaborada da seguinte forma:

- (1) As variáveis qualitativas, medidas em escalas nominais ou ordinais (e.g. sexo, estado civil, grupo etário, etc.) foram analisadas através da distribuição das frequências (absolutas, relativas e acumuladas) e de medidas de tendência central (média, mediana ou moda). Os resultados foram descritos e apresentados em tabelas e gráficos de barras ou circulares;
- (2) As variáveis quantitativas, medidas em escala de razão (e.g. idade, número de acompanhantes, número de noites de pernoita na cidade, etc.) foram analisadas através de medidas de tendência central (média) e de dispersão (desvio padrão). Os resultados foram descritos e apresentados em tabelas e gráficos de barras ou circulares;
- (3) Algumas variáveis medidas em escala de razão (e.g. idade) foram posteriormente convertidas em escalas ordinais, através do agrupamento de valores. Os resultados foram descritos e apresentados em tabelas e gráficos de barras ou circulares;

Depois de caracterizadas as variáveis foi efetuada uma segmentação dos inquiridos em três grupos (residentes, excursionistas e turistas) e analisadas as diferenças estatisticamente significativas entre os grupos através de:

- (1) Teste não paramétrico do Qui-quadrado por Simulação de Monte Carlo, adequado para testar se dois ou mais grupos independentes diferem relativamente a uma determinada característica. Nas situações em que existiu

uma relação de dependência entre duas variáveis foram analisados os resíduos ajustados estandardizados (RAE) para assim apurar em que grupos se verificam diferenças estatisticamente significativas;

- (2) Análise da existência de diferenças estatisticamente significativas nas razões para a participação no evento, entre os três grupos de inquiridos definidos, através da aplicação do teste não paramétrico *Anova* de *Kruskal-Wallis*, apropriado para comparar as distribuições de duas ou mais variáveis ordinais observadas em dois ou mais grupos independentes;
- (3) Análise de diferenças estatisticamente significativas nos encargos suportados com a participação no evento entre os grupos de inquiridos, através da aplicação do teste de *Anova One Way*, com comparações múltiplas de médias e teste de homogeneidade das variâncias (através dos testes de Tukey ou Games-Howell).



#### **IV. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**



#### **4.1. NOTA INTRODUTÓRIA**

Apesar dos dados disponíveis sobre o turismo desportivo em Portugal serem ainda escassos, o segmento dos eventos desportivos é apontado como uma tendência no mercado português. Conhecer os impactos do desenvolvimento de eventos desportivos de pequena escala e o seu contributo em termos de desenvolvimento local sustentável, é o objetivo do presente estudo que tem ainda o intuito de contribuir, em momento posterior, para o estudo comparado dos impactos de eventos desta natureza com outros países.

A apresentação dos resultados está dividida em cinco secções. Inicia-se com a apresentação sumária das características do evento *EDP Meia Maratona de Coimbra*. A seguir são apresentados os dados da entrevista, realizada em 2 de dezembro de 2016 a Paulo Costa, Diretor Executivo da empresa que organiza o evento. De seguida apresentam-se os resultados do inquérito por questionário aplicado *on line* através da plataforma informática *Limesurvey* aos participantes da EDP Meia Maratona de Coimbra. Estes dados estão organizados por cinco subsecções: perfil sociodemográfico dos participantes no evento, perfil de participação, impactos ambientais, impactos económicos e impactos socioculturais. Na penúltima secção, para uma análise mais detalhada dos resultados, é apresentada a segmentação dos participantes em residentes, excursionistas e turistas. A terminar apresenta-se uma síntese conclusiva de resultados.

Em cada uma destas secções, para além da apresentação dos resultados faz-se uma discussão dos mesmos com base na literatura. No final de cada ponto apresenta-se um resumo das principais conclusões obtidas.

#### **4.2. A EDP MEIA MARATONA DE COIMBRA**

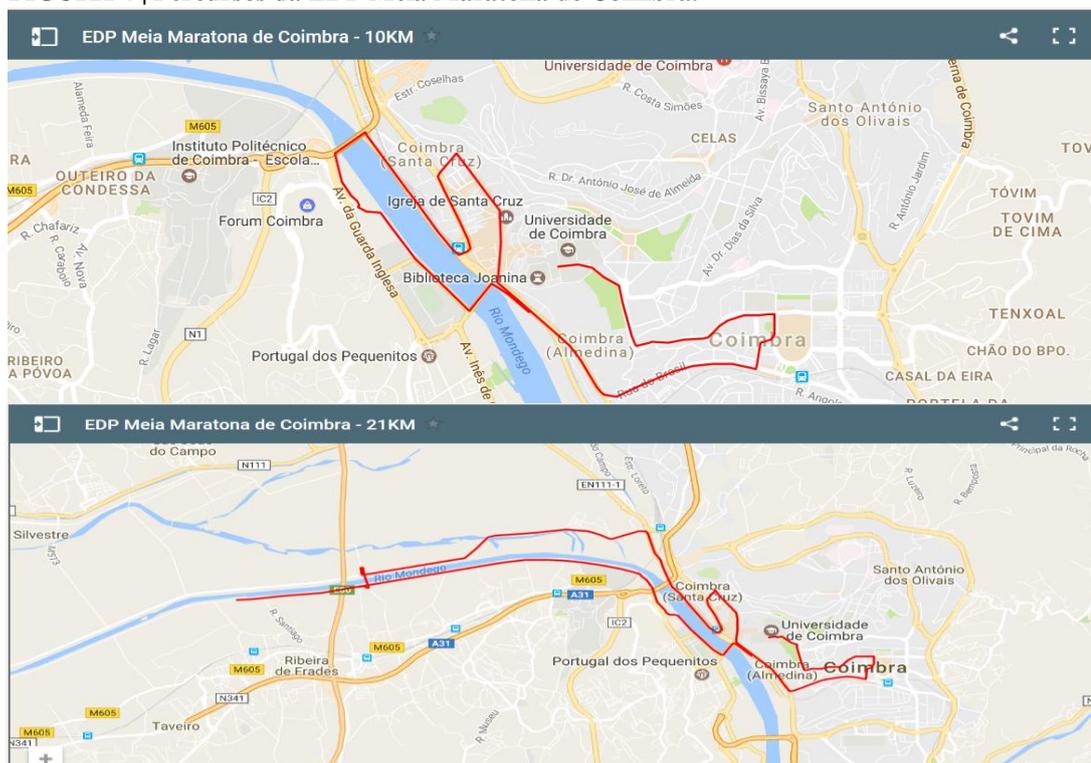
A EDP Meia Maratona de Coimbra é organizada pela empresa Globalsport, Lda, empresa de organização de eventos desportivos, e insere-se no circuito das *Running Wonders* EDP - corridas em cidades com património reconhecido pela Unesco. As corridas *Running Wonders* EDP “pretendem a integração sustentável do homem com

o meio ambiente e cultural, na prática de um estilo de vida ativa e saudável”, assumindo-se como um “projeto de partilha de experiências e de completa integração do meio envolvente com os participantes na prática de atividade física” (RunningWonders, 2016).

Atualmente, as *Running Wonders* EDP ocorrem em cinco cidades, com a característica de todas serem património mundial, com exceção da EDP Meia Maratona do Dão, “cuja presença nas *Running Wonders* EDP representa a manifestação do nosso apoio ao desejo das gentes de Viseu, de verem o seu burgo histórico reconhecido pela UNESCO” (RunningWonders, 2016).

Neste âmbito, em 2016 foram realizadas as seguintes provas desportivas: EDP Meia Maratona do Douro Vinhateiro, designada por “A mais Bela Corrida do Mundo” em 15/05/2016, a EDP Meia Maratona de Guimarães – “Corrida dos Conquistadores” em 26/06/2016, a EDP Meia Maratona do Dão – “Corrida da Emoção” em 25/09/2016, a EDP Meia Maratona de Coimbra – “Corrida do Conhecimento” em 09/10/2016 e a EDP Meia Maratona de Évora – “Corrida Monumental” em 27/11/2016. Todas estas corridas englobam provas de Meia Maratona (21 km), Mini Maratona (10km) e Caminhada (5 km) (RunningWonders, 2016). Em Coimbra, esta prova realizou-se pelo terceiro ano consecutivo, com os percursos a seguir indicados (Figura 3):

**FIGURA 4 | Percursos da EDP Meia Maratona de Coimbra.**



Fonte : RunningWonders (2016).

O evento contou, na sua globalidade, com 2155 participantes nas provas de Meia Maratona e Mini Maratona, número que excedeu o número de inscritos em 2015 (Tabela 4), o que de acordo com a empresa organizadora, resultou do plano de marketing que a empresa vem promovendo, quer a nível nacional quer a nível internacional.

**TABELA 7 | A EDP Meia Maratona de Coimbra em números.**

EDP Meia Maratona de Coimbra	n.º inscritos	
	2015	2016
Mini Maratona	709	1102
Meia Maratona	1305	1053
Total	2014	2155

Fonte: Elaboração própria (dados cedidos pela Câmara Municipal de Coimbra).

### **4.3. RESULTADOS DA ENTREVISTA AO DIRETOR EXECUTIVO DA GLOBALSPORT**

Referindo-se à EDP Meia Maratona de Coimbra, Paulo Costa, começa por referir que este evento desportivo tenta ser inovador e diferenciador, desde logo, por trazer para os centros históricos de cidades património mundial este tipo de corrida. Depois, pelo conjunto de atividades que agrega, nomeadamente, pelo conjunto de ofertas museológicas e turísticas que propõem aos participantes, pelas ações formativas e educativas oferecidas nos dias que antecedem o evento (reciclagem, plantação de árvores, práticas de vida saudável e rastreios médicos) e pelo plano de animação criado ao longo do percurso, com tunas, ranchos e bandas. Consegue ainda o envolvimento do comércio local através da dinamização de um concurso de decoração de montras alusivas ao evento. Organizam, também, em torno da meta, a *Running Village*, a vila dos patrocinadores, com uma mostra de produtos regionais, nomeadamente, de artesanato e gastronomia. As linhas de partida e de chegada são dinamizadas com música, teatro de rua, pinturas faciais, entre outras ações de entretenimento.

No evento de Coimbra, a Globalsport conseguiu envolver um conjunto de entidades locais, como a Universidade de Coimbra, a Associação Académica de Coimbra, associações de escuteiros, associações de estudantes, escolas profissionais, grupos de tunas académicas e grupos de corrida existentes na cidade. Contou, igualmente, com a colaboração de cerca de 140 voluntários, maioritariamente locais, que apoiaram no secretariado, na elaboração dos *Kits* distribuídos aos participantes e na sinalética do percurso. A este respeito, Walo, Bull e Breen (1996) referem que o número de voluntários locais que são envolvidos na organização deste tipo de evento é uma das condições fundamentais para a maximização de benefícios sociais e económicos de um evento. Por outro lado, o envolvimento de uma série de entidades da cidade e do comércio local contribui para o aumento do sentimento de orgulho da comunidade tal como referido em diversos estudos (Daniels & Norman, 2003; Horne, 2000; Walo, Bull, & Breen, 1996; Wilson, 2006). Estes dois factores - angariação de voluntários e envolvimento das entidades locais, contribuíram para que o evento tivesse um impacto sociocultural positivo.

O evento tem financiamento zero em termos de dinheiros públicos, com exceção do apoio financeiro da Câmara Municipal de Coimbra e da Entidade Regional Turismo do Centro no pagamento da cobertura televisiva efetuada pelas estações televisivas, “tvi” e “tvi24”. Estes canais, ao longo dos três dias que antecederam a corrida, transmitiram reportagens em estúdio e diversas entrevistas alusivas ao evento. No sábado e domingo, dias 8 e 9 de outubro de 2016, transmitiram o “Jornal das 8” e o “Jornal da 1” na íntegra, em direto, a partir do Paço das Escolas da Universidade de Coimbra, e no domingo de manhã ocorreu a transmissão em direto, durante duas horas e meia, de toda a corrida. Para além disso, o Município colabora com apoio logístico, recursos humanos, limpeza dos espaços públicos e cedência dos espaços para a realização do evento.

O apoio por parte do Município de Coimbra e da Entidade Regional Turismo do Centro, através do co-financiamento da cobertura televisiva e do apoio logístico disponibilizado, sem necessidade de investimento em infraestruturas, vai ao encontro do preconizado por Higham (1999), que sugere que os eventos de pequena escala trazem oportunidades de crescimento económico e turístico, normalmente positivas, pois requerem pouco investimento público.

O evento é sustentado por patrocinadores, sendo que as inscrições representam apenas 10% do total da receita. Os patrocinadores da corrida em Coimbra são os mesmos de todas as corridas do circuito *Running Wonders*. Existem patrocinadores financeiros (cerca de sete), e patrocinadores em espécie (cerca de quinze), que disponibilizam meios, viaturas, seguros, etc.

A empresa tem um *main sponsor* (EDP - Energias de Portugal), que é igualmente um *naming sponsor* e que dá o nome ao evento. Tem igualmente seis *official sponsors*, que têm uma maior notoriedade que os restantes, com divulgação da sua marca no pódio, nos pórticos de partida e chegada e na *T-shirt* oficial. Os restantes parceiros estão mencionados na comunicação digital do *site*, nas redes sociais e nas *newsletters*. Nos patrocinadores não financeiros, assume um maior destaque a AVIS, que disponibiliza mais de 150 viaturas ao longo do ano e que, assim, se equipara a um patrocinador financeiro puro.

O contributo de cada um dos patrocinadores é calculado com base numa métrica de retorno apurada pela empresa Cision. Esta empresa mede o impacto mediático e calcula o retorno de cada evento e é, desta forma, construído um dossiê de patrocínio, em função do retorno que cada marca conseguirá com o seu apoio ao evento. Para a corrida realizada em Coimbra, em 2016, ainda não foi realizado o cálculo do retorno, mas a empresa estima que o retorno mediático do evento seja superior a 1,5 milhões de euros. A preocupação da empresa em calcular anualmente este retorno mediático tem como objetivo a angariação de patrocinadores.

Em termos de impactos económicos, a empresa considera que o evento tem um impacto económico direto fortíssimo na região, avaliado pela taxa de ocupação hoteleira, pelos impactos na restauração, pelo efeito de contágio que este tipo de evento provoca, originando a dinamização de outros eventos desportivos e motivando um maior número de pessoas a aderir à prática desportiva. Note-se, no entanto, que não foi possível apurar a taxa de ocupação durante a realização do evento, nem a empresa apresenta um estudo de impacto económico, a este nível.

Em termos ambientais, a empresa promove uma série de iniciativas que vão no sentido de minimizar os impactos ambientais negativos originados pela realização do evento. Promovem o recurso a transporte público na deslocação para o evento, negociando com a empresa CP – Comboios de Portugal, descontos significativos que podem ir até aos 30%. Disponibilizam, ainda, autocarros com partidas do Porto e Lisboa, que tencionam estender a outras localidades em 2017, como Faro, Évora, Guimarães e Viseu. Concomitantemente, pretendem negociar com as empresas transportadoras a possibilidade de serem usados autocarros elétricos ou híbridos.

Uma outra “boa” prática implementada pela empresa resulta da reciclagem de todos os lixos e garrafas de água, com recolha e encaminhamento para um centro de tratamento de resíduos. Paralelamente, dinamizam *workshops* de reciclagem e de plantação de árvores, tendo a ambição de plantar a maior floresta do país nos próximos anos.

Uma outra prática ambiental diferenciadora do projeto é a atribuição de medalhas em cortiça, assim como a construção dos pórticos de partida e chegada e de entrega de

prémios nesta matéria-prima, tipicamente portuguesa, privilegiando, assim, a sustentabilidade ambiental e económica do projeto.

A empresa pretende ainda obter a certificação do evento não só a nível ambiental, mas de sustentabilidade total, que avalia a qualidade global do evento (segurança, higiene, recursos humanos, etc.). Para isso, está a diligenciar junto da Federação Europeia de Atletismo a certificação nestes termos, considerando, na opinião de Paulo Costa, que a empresa está a corresponder a todas as expectativas, realçando a importância de tal certificação.

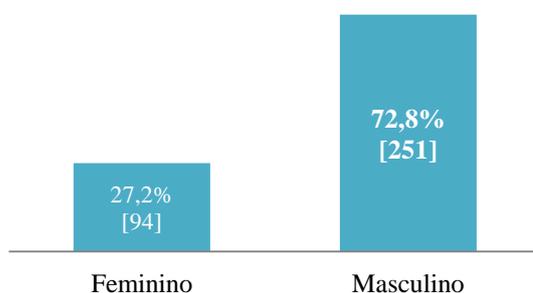
Os impactos ambientais dos eventos de turismo desportivo são os menos estudados na literatura (Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012). No estudo de Gibson, Kaplanidou e Kang (2012) é referido que as entidades organizadoras apesar de terem preocupações ambientais, não conseguem implementar medidas que consigam ultrapassar a questão ambiental mais relevante neste tipo de eventos que é a “pegada de carbono”. No evento em estudo, apesar do conjunto de medidas ambientais tomadas pela organização, à semelhança do citado estudo, não foi possível evitar a “pegada de carbono” resultante da deslocação para o evento, uma vez que, como se discutirá adiante, a generalidade dos participantes inquiridos se deslocou para o evento de carro e a maioria residia fora do concelho de Coimbra e a mais de 40 quilómetros.

Paulo Costa, na entrevista realizada, referiu ainda que a corrida EDP Meia Maratona de Coimbra é “um evento de referência (...), com um potencial de crescimento brutal (...) e um evento de dinamização, valorização e promoção do território”, perspetivando, por isso, que o evento se continue a realizar na cidade de Coimbra no próximo ano.

## 4.4. RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

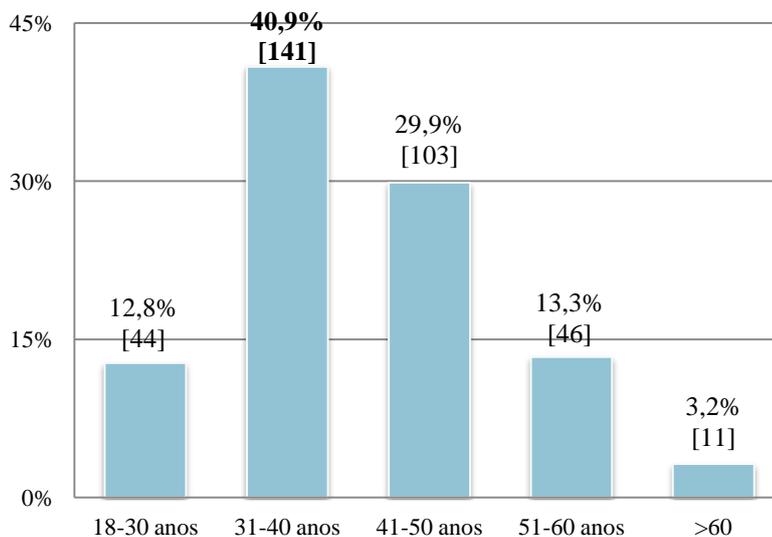
### 4.4.1. PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES NO EVENTO

Os dados recolhidos através do questionário indicam que 72,8% dos inquiridos são do sexo masculino e 27,2% do sexo feminino, conforme o Gráfico 1.



**GRÁFICO 1 | Distribuição dos participantes inquiridos por sexo.**

A média de idades dos participantes inquiridos é de 41 anos e o desvio padrão situa-se nos 9,8. Pela análise do Gráfico 2 percebemos que a predominância dos participantes inquiridos se situa no escalão etário dos 31-40 anos, com uma diminuição crescente nos grupos de idade superior.



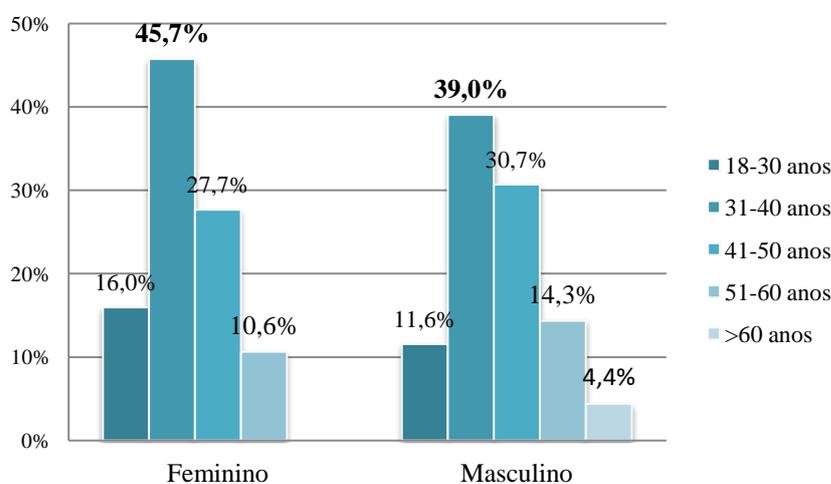
**GRÁFICO 2 | Distribuição dos participantes inquiridos por sexo.**

Esta tendência é comum aos participantes inquiridos do sexo feminino e masculino (Gráfico 3). Se analisarmos a distribuição etária por sexo (Tabela 6), verificamos que a maior taxa de resposta é de participantes do sexo masculino com idade compreendida entre os 31-40 anos, seguida dos inquiridos do sexo masculino com idade entre os 41-50 anos e dos inquiridos do sexo feminino do escalão etário dos 31-40 anos. Nenhum inquirido do sexo feminino tem mais de 61 anos de idade, tendo sido registadas 11 respostas de inquiridos masculinos com idade superior a 60 anos.

**TABELA 8 | Distribuição dos participantes inquiridos por sexo e escalão etário.**

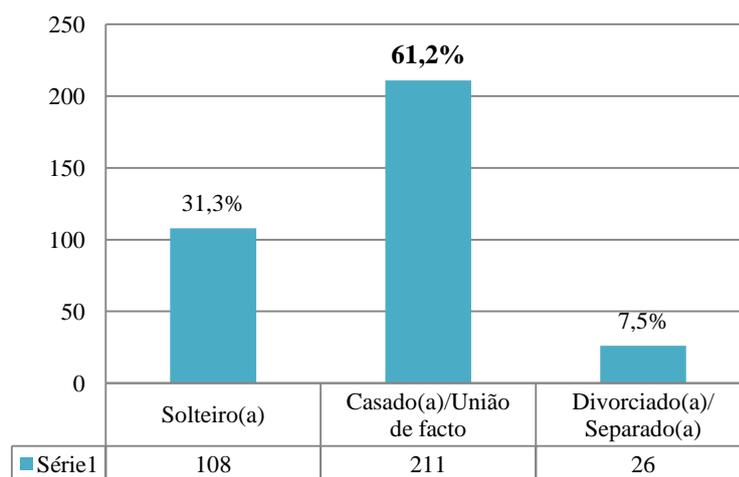
Escalão Etário	Sexo Feminino			Sexo Masculino			Total	
	N	% Feminino	% Total	N	% Masculino	% Total	N	% Total
18-30	15	16,0	4,3	29	11,6	8,5	44	12,8
31-40	43	45,7	12,5	98	39,0	28,4	141	40,9
41-50	26	27,7	7,5	77	30,7	22,3	103	29,9
51-60	10	10,6	2,9	36	14,3	10,4	46	13,3
>60	0	0,0	0,0	11	4,4	3,2	11	3,2
Total	94	100,0	27,2	251	100,0	72,8	345	100,0

Tal como se observa no Gráfico 3, a maioria dos participantes inquiridos do sexo feminino tem entre 31-40 anos e representa 45,7% dos inquiridos femininos (12,5% do total de inquiridos). Relativamente aos participantes inquiridos do sexo masculino predominam, igualmente, os do escalão etário situado entre os 31-40 anos e representam 39,0% do total de inquiridos masculinos (28,4% do total de inquiridos).



**GRÁFICO 3 | Distribuição dos participantes inquiridos por sexo e escalão etário.**

No que respeita ao estado civil, os dados apontam para a predominância de participantes inquiridos casados ou em união de facto: 61,2% do total de inquiridos respondeu casado(a)/união de facto relativamente ao estado civil (Gráfico 4). Nenhum respondente está na situação de viúvo(a).



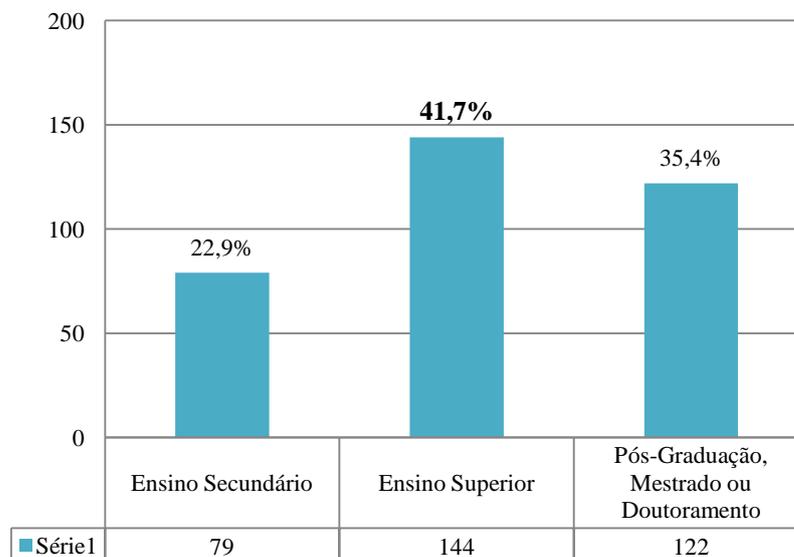
**GRÁFICO 4 | Distribuição dos participantes inquiridos por estado civil.**

Se cruzarmos as variáveis estado civil e sexo (Tabela 7) verificamos que, quer no sexo feminino (47,9%), quer no sexo masculino (66,1%), predominam participantes inquiridos casados ou em união de facto. No entanto, os inquiridos do sexo feminino solteiros assumem igualmente uma percentagem expressiva – 42,5%.

**TABELA 9 | Distribuição dos participantes inquiridos por sexo e estado civil.**

Estado Civil	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino		N	%
	N	%	N	%		
Solteiro(a)	40	42,5	68	27,1	108	31,3
Casado(a)/União de facto	45	47,9	166	66,1	211	61,2
Divorciado(a)/Separado(a)	9	9,6	17	6,8	26	7,5
Total	94	100,0	251	100,0	345	100,0

O Gráfico 5 mostra que 77,1% dos participantes inquiridos possuem formação superior e 22,9% formação secundária. Nenhum dos respondentes possui o ensino primário ou menos.



**GRÁFICO 5 | Distribuição dos participantes inquiridos por habilitação literária.**

Esta realidade é comum ao sexo masculino e feminino, com maior expressão nos inquiridos do sexo feminino (81,9%) do que nos inquiridos do sexo masculino (75,3%), conforme Tabela 8.

**TABELA 10 | Distribuição dos participantes inquiridos por sexo e habilitação literária.**

Habilitações Literárias	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino		N	%
	N	%	N	%		
Ensino Secundário	17	18,1	62	24,7	79	22,9
Ensino Superior	41	43,6	103	41,0	144	41,7
P.Graduação/Mestrado/Doutoramento	36	38,3	86	34,3	122	35,4
Total	94	100,0	251	100,0	345	100,0

Quanto à situação face ao emprego, os participantes são maioritariamente empregados por conta de outrem (74,2%). A situação face ao emprego é semelhante para os inquiridos do sexo masculino e do sexo feminino. No entanto, a situação de trabalhador por conta própria assume maior relevância nos respondentes do sexo feminino e a de empregado tem um peso maior nos respondentes do sexo masculino (Tabela 9).

**TABELA 11 | Distribuição dos participantes inquiridos por situação face ao emprego e sexo.**

Situação Face ao Emprego	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino		N	%
	N	%	N	%		
Empregado(a)	63	67,0	193	76,9	256	74,2
Empresário(a)	5	5,3	13	5,1	18	5,2
Trabalhador(a) por conta própria	14	14,9	16	6,4	30	8,7
Estudante	7	7,4	9	3,6	16	4,7
Desempregado(a)	4	4,3	11	4,4	15	4,3
Reformado(a)	0	0,0	6	2,4	6	1,7
Outras Situações	1	1,1	3	1,2	4	1,2
<b>Total</b>	<b>94</b>	<b>100,0</b>	<b>251</b>	<b>100,0</b>	<b>345</b>	<b>100,0</b>

Relativamente aos rendimentos mensais auferidos pelos inquiridos, verifica-se que a maioria dos inquiridos (30,7%) tem rendimentos mensais que se situam entre os 1001-1500 Euros. Esta é uma realidade comum ao sexo masculino e feminino, sendo ligeiramente mais expressiva no sexo masculino, conforme Tabela 10.

**TABELA 12 | Distribuição dos participantes inquiridos por escalão de rendimentos mensais.**

Rendimentos Mensais	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino		N	%
	N	%	N	%		
Sem rendimentos	7	7,5	11	4,3	18	5,2
Inferior a 500 euros	3	3,2	5	2,0	8	2,3
Entre 501 e 750 euros	15	16,0	26	10,3	41	11,9
Entre 751 e 1000 euros	19	20,2	31	12,4	50	14,5
Entre 1001 e 1500 euros	27	28,7	79	31,5	106	30,7
Entre 1501 e 2000 euros	11	11,7	42	16,7	53	15,4
Entre 2001 e 3000 euros	5	5,3	21	8,4	26	7,5
Entre 3001 e 5000 euros	2	2,1	16	6,4	18	5,2
Mais de 5001 euros	3	3,2	2	0,8	5	1,5
NS/NR	2	2,1	18	7,2	20	5,8
<b>Total</b>	<b>94</b>	<b>100,0</b>	<b>251</b>	<b>100,0</b>	<b>345</b>	<b>100,0</b>

No que se refere à residência dos inquiridos, os dados constantes da Tabela 11 permitem concluir que 60,6% dos respondentes não residem no concelho de Coimbra, 53,9% residem a mais de 40km do local do evento e que 97,7% residem em Portugal.

**TABELA 13 | Residência dos participantes inquiridos.**

Residência no Concelho de Coimbra	N	%
Sim	136	39,4
Não	209	60,6
Distância da Residência ao Local do Evento	N	%
Menos de 40km	159	46,1
Mais de 40km	186	53,9
País de Residência	N	%
Portugal	337	97,7
Brasil	3	0,8
Canadá	1	0,3
Espanha	1	0,3
França	1	0,3
Grã-Bretanha	1	0,3
Suíça	1	0,3
Total	345	100,0

Em resumo, os dados do inquérito aplicado aos participantes da EDP Meia Maratona de Coimbra revelam que os participantes inquiridos são maioritariamente do sexo masculino, com idade entre os 31-40 anos, casados ou em união de facto, com formação superior, trabalhadores por conta de outrem, com rendimentos situados entre os 1001-1500 euros e maioritariamente residentes em Portugal, fora do concelho de Coimbra.

Gibson et al. (2012) no seu estudo sobre seis eventos desportivos decorridos entre 2007 e 2008, em Gainesville, uma pequena cidade universitária do estado da Florida, chegam a resultados semelhantes relativamente ao perfil dos participantes - concluem que os participantes nos eventos não juvenis, são maioritariamente do sexo masculino, com uma idade média de 42 anos, com disponibilidade económica e formação superior. Também Daniels e Norman (2003) no seu estudo sobre os impactos de sete eventos desportivos que decorreram em 2001, na Carolina do Norte, EUA, concluíram sobre o evento *Cooper River Bridge Run* que a média de idades dos participantes é de 40 anos.

Os resultados apurados são consonantes, ainda, com os do Eurobarómetro (European Commission, 2014), cujas estatísticas sobre a atividade física desportiva da União

Europeia, apontam para os seguintes resultados: (1) maior prática desportiva por parte de indivíduos do sexo masculino; (2) diminuição da participação desportiva com o avançar da idade; (3) maior prática desportiva por parte de indivíduos com mais formação; e (4) menor prática desportiva por parte de pessoas com menos disponibilidade financeira e por parte de pessoas que vivem sozinhas.

#### 4.4.2. PERFIL DE PARTICIPAÇÃO

De acordo com os dados obtidos (Tabelas 12, 13 e 14) é possível apurar que a maioria dos participantes inquiridos se deslocou para o evento de carro (85,5%), participou no evento pela primeira vez (62,0%) e acompanhado (82,6%).

**TABELA 14 | Forma de deslocação para o evento.**

Forma de deslocação	N	%
De carro	295	85,5
De avião	4	1,2
De autocarro	4	1,2
De comboio	6	1,7
De motociclo	3	0,9
A pé	33	9,5
Total	345	100,0

**TABELA 15 | Número de participações no evento.**

Número de participações	N	%
1ª vez	214	62,0
2 a 5 vezes	117	33,9
6 ou mais vezes	14	4,1
Total	345	100,0

**TABELA 16 | Forma de participação no evento.**

Forma de participação	N	%
Sozinho(a)	60	17,4
Acompanhado(a)	285	82,6
Total	345	100,0

Se analisarmos a forma de participação no evento, por sexo, verificamos que a participação de forma acompanhada é ainda mais expressiva no caso dos inquiridos do sexo feminino (90,4%), conforme Tabela 15.

**TABELA 17 | Forma de participação no evento por sexo.**

Forma de participação	SEXO				Total	
	Feminino		Masculino		N	%
	N	%	N	%		
Sozinho(a)	9	9,6	51	20,3	60	17,4
Acompanhado(a)	85	90,4	200	79,7	285	82,6
Total	94	100,0	251	100,0	345	100,0

Em relação aos acompanhantes no evento, os dados apontam para uma média de 3,8 acompanhantes (desvio padrão de 3,9), sendo o máximo de acompanhantes referido pelos inquiridos de 35 e o mínimo de 1 (Tabela 16).

**TABELA 18 | Número de acompanhantes.**

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
N.º Acompanhantes	282	1	35	3,8	3,9

A este respeito podemos observar na Tabela 17 que, maioritariamente, os participantes inquiridos vieram acompanhados pela família (48,7%) e/ou amigos (47,0%).

**TABELA 19 | Acompanhantes no evento.**

Acompanhantes	N	%
Acompanhado(a) com família	171	48,7
Acompanhado(a) com amigos	165	47,0
Acompanhado(a) com clube/treinador	7	2,0
Acompanhado(a) outros	8	2,3
Total	351	100,0

Em relação à pernoita de não residentes na cidade (Tabela 18), 22,9% dos inquiridos responderam ter pernoitado em Coimbra, sendo que 17,4% destes inquiridos (60) referem residir a mais de 40 km do local do evento, sendo por isso considerados turistas (ver Tabela 27).

**TABELA 20 | Pernoita de não residentes na cidade.**

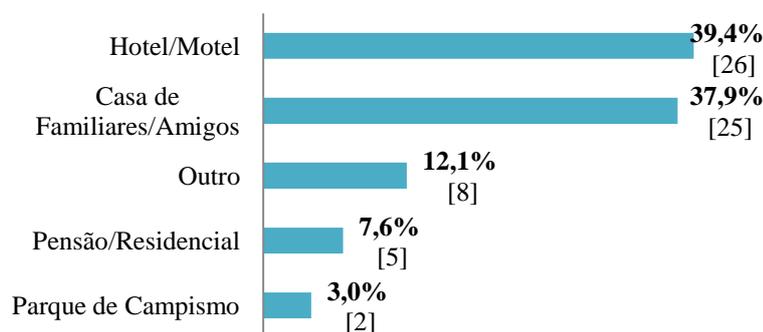
	N	%
Pernoita	79	22,9

Apenas 69 dos inquiridos que pernoveram na cidade identificaram o número de noites de pernoita. A estada média para este grupo de respondentes foi de 1,2 noites, variando entre 1 e 7 noites (Tabela 19).

**TABELA 21 | Número de noites de pernoita na cidade.**

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
N.º Noites de pernoita na cidade	69	1	7	1,2	0,8

Das 66 respostas obtidas em relação ao tipo de alojamento (Gráfico 6), 39,4% dos inquiridos afirmaram ter ficado alojados num hotel/motel, 37,9% optaram por ficar em casa de familiares ou amigos, 12,1% escolheram o alojamento em pensão ou residencial e 3,0% escolheram o parque de campismo para pernover. Dos inquiridos que escolheram a opção “Outro” - 12,1%, a maioria referiu ter ficado alojado num *hostel* (5 inquiridos, do total de 8). Estes dados são similares aos apresentados por Gibson et al. (2012).



**GRÁFICO 6 | Tipo de alojamento escolhido para pernover na cidade.**

Para se perceber quais os fatores mais determinantes para a escolha do evento, os inquiridos hierarquizaram a razão da escolha do evento, sem repetir a escala, do mais importante (1) ao menos importante (4). Note-se que ao valor mais baixo corresponde a razão mais importante e ao valor mais alto a razão menos importante. As respostas dos inquiridos (Tabela 20) revelam que a proximidade ao evento é o fator mais determinante com uma média de 2,31, seguido da qualidade da organização, com uma média de 2,34. A proximidade geográfica apontada como principal razão da escolha do evento está em consonância com o facto da maioria dos inquiridos não ter pernoverado na cidade (77,1%). O fator com menor importância,

com uma média de respostas de 2,78, é a oferta turística. Verifica-se, contudo, que as respostas não se concentraram de forma expressiva em nenhum dos fatores elencados.

**TABELA 22 | Razões da escolha do evento.**

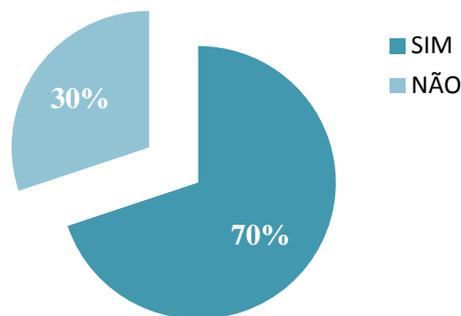
Razões da escolha do evento	1		2		3		4		Média	Desvio Padrão
	N	%	N	%	N	%	N	%		
Proximidade à residência	96	27,8	113	32,8	68	19,7	68	19,7	2,31	1,081
Qualidade da organização	92	26,7	98	28,4	99	28,7	56	16,2	2,34	1,043
Outros motivos	113	32,8	54	15,7	48	13,9	130	37,7	2,57	1,288
Oferta turística	44	12,8	80	23,2	130	37,7	91	26,4	2,78	0,979
Total	345	100,0	345	100,0	345	100,0	345	100,0		

Relativamente às razões para a participação no evento (Tabela 21), os inquiridos destacam a diversão, o exercício físico, o desafio, as questões de saúde e a participação como forma de relaxar. Todos estes fatores apresentam uma média superior a 5 (numa escala em que 1 é nada importante e 7 é totalmente importante), Com menor expressão, enquanto razões de participação na corrida, aparecem a viagem para conhecer o destino, o apoio e acompanhamento a amigos ou familiares e a novidade, todos com uma média inferior a 4. Com uma média entre os 4 e os 5 aparecem a competição e a socialização. No estudo de Gibson et al. (2012) a motivação principal para a participação nos seis eventos analisados é a competição, seguida da diversão e da socialização. Note-se, no entanto, que relativamente ao evento da maratona esta questão não foi colocada no referido estudo.

**TABELA 23 | Razões para a participação no evento.**

Razões	1		2		3		4		5		6		7		Média	Desvio Padrão
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
Diversão	15	4,6	9	2,6	9	2,6	19	5,4	34	9,8	91	26	168	49	5,88	1,59
Exercício físico	9	2,6	9	2,6	13	3,8	26	7,6	45	13	104	30	139	40	5,77	1,48
Desafio	20	5,8	13	3,7	18	5,2	30	8,8	54	16	85	25	125	36	5,43	1,75
Questões de saúde	17	4,9	20	5,8	29	8,4	51	15	49	14	82	24	97	28	5,11	1,78
Relaxar	19	5,5	20	5,8	23	6,7	39	11	68	20	101	29	75	22	5,09	1,72
Socializar	20	5,8	15	4,4	27	7,8	73	21	82	24	63	18	65	19	4,83	1,66
Competir	71	21	23	6,7	19	5,5	45	13	61	18	68	20	58	17	4,27	2,14
Novidade	64	19	33	9,6	40	12	77	22	47	14	46	13	38	11	3,87	1,96
Apoiar/acompanhar	96	28	26	7,5	33	9,6	53	15	48	14	50	15	39	11	3,69	2,13
Viajar/conhecer	95	28	34	9,9	37	11	53	15	30	8,7	49	14	47	14	3,65	2,18

Paralelamente, os dados revelam que a participação no evento foi a principal motivação da deslocação, assinalada por 70% dos participantes inquiridos (Gráfico 7). Esta evidência é também apontada nos estudos de Gibson et al. (2012) e de Daniels e Norman (2003) que afirmam que este tipo de eventos traz à comunidade de acolhimento visitantes que de outra forma aí não se deslocariam.



**GRÁFICO 7 | Participação no evento como principal motivação.**

Em resumo, os dados recolhidos sobre o perfil de participação permitem concluir que a grande maioria dos inquiridos se deslocou de carro para participar no evento. Este comportamento, muito provavelmente, não resulta de falta de consciência ambiental por parte dos participantes, mas da dificuldade de deslocação para Coimbra em transportes públicos, uma vez que as prioridades de natureza política, a este nível, têm descurado opções alternativas. Os inquiridos participaram maioritariamente acompanhados e pela primeira vez na corrida. Em média, cada participante veio acompanhado por 3,8 pessoas, maioritariamente amigos ou membros da família. Na sua maioria, os participantes inquiridos não ficaram a pernoitar na cidade; os que pernoitaram ficaram em média 1,2 noites e sobretudo alojados em hotel/motel e em casa de familiares e amigos. A razão da escolha do evento teve a ver com a proximidade à residência e a participação pela diversão e exercício físico. A participação no evento como principal motivação foi igualmente apontada pela maioria dos inquiridos.

As principais conclusões estão em sintonia com os diversos estudos sobre o perfil de participação (Daniels & Norman, 2003; Gibson 1998a; Gibson et al., 2012) que afirmam, relativamente ao local da pernoita, que a maioria opta por hotel/motel e a

casa de familiares (Gibson et al., 2012); que este tipo de eventos atrai, à cidade organizadora, visitantes que de outra forma aí não se deslocariam (Daniels & Norman, 2003; Gibson et al., 2012); e que a motivação principal para a participação é a competição, diversão e socialização (Gibson et al., 2012). Os dados do Eurobarómetro (European Commission, 2014), relativos à motivação para a prática desportiva, vão no mesmo sentido das conclusões do estudo em análise. As razões mais frequentemente apontadas são a melhoria da condição física, relaxamento e a diversão.

#### 4.4.3. IMPACTOS ECONÓMICOS

Analisando, agora, a importância das rubricas de despesa em que foram suportados encargos, nomeadamente, deslocação, alimentação, alojamento, inscrição, equipamentos e outras despesas, os inquiridos hierarquizaram numa escala de 1 (totalmente importante) a 6 (nada importante) todas as rubricas, sem repetir a escala. Note-se que ao valor mais baixo corresponde a rubrica de despesa com mais importância e ao valor mais alto a rubrica menos importante. Os dados revelam que a deslocação para o evento é o principal encargo suportado (média de 3,23), seguindo-se os encargos com a inscrição no evento (média de 3,27) e com a alimentação (média de 3,28). Note-se, no entanto, que todas estas rubricas de despesa apresentam uma classificação média entre 3 e 4 valores, pelo que se conclui que houve uma grande dispersão de respostas, confirmada pelos desvios padrão situados entre os 1,35 e 1,99 (Tabela 22).

**TABELA 24 | Importância das rubricas de despesas em que foram suportados encargos.**

Rubricas em que foram suportados encargos	1		2		3		4		5		6		Média	Desvio Padrão
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
Deslocação	103	29,9	62	18,0	30	8,7	31	9,0	39	11,3	80	23,2	3,23	1,99
Inscrição	69	20,0	48	13,9	76	22,0	67	19,4	43	12,5	42	12,2	3,27	1,63
Alimentação	27	7,8	99	28,7	71	20,6	61	17,7	73	21,2	14	4,1	3,28	1,38
Equipamento	27	7,8	69	20,0	72	20,9	83	24,1	80	23,2	14	4,1	3,47	1,35
Out. Despesas	44	12,8	40	11,6	56	16,2	67	19,4	64	18,5	74	21,4	3,84	1,67
Alojamento	75	21,7	27	7,8	40	11,6	36	10,4	46	13,3	121	35,0	3,91	1,98
Total	345	100,0	345	100,0	345	100,0	345	100,0	345	100,0	345	100,0		

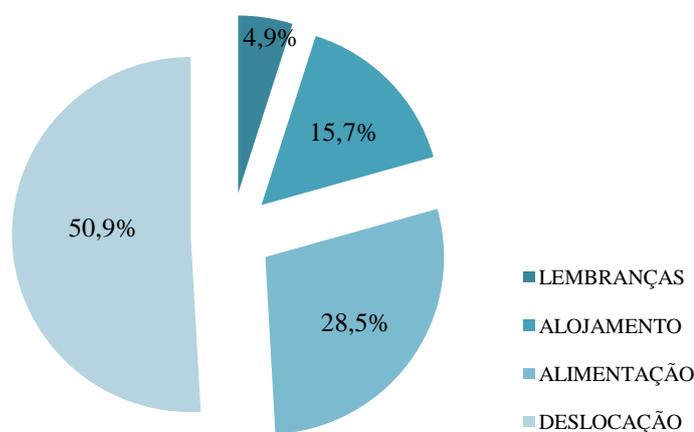
Relativamente aos encargos efetivamente suportados pelos inquiridos com deslocação, alojamento, alimentação e lembranças, os dados revelam que são as despesas de deslocação as mais expressivas. O grupo de inquiridos, constituído por 345 participantes, suportou despesas de deslocação no valor total de € 12 494,50, que correspondem a 50,9% do total de despesas suportadas (nestas 4 categorias). No que se refere a despesas com alimentação, estas assumiram um valor total de € 6 991, representando 28,5% das despesas totais. Os encargos com o alojamento totalizaram € 3 856, correspondendo a 15,7% das despesas globais. As lembranças, no valor total de € 1 206, foram responsáveis por 4,9% do total de encargos.

O valor médio gasto por inquirido na deslocação para o evento foi de € 36,21, a alimentação assume uma média de € 20,63, o alojamento acarretou um valor médio de € 11,17 e as despesas com aquisição de lembranças em média foram de € 3,49 por participante inquirido. Globalmente, os gastos totais dos inquiridos, na cidade de Coimbra, assumiram o valor de € 15.287,00, o que em média representa um gasto por inquirido de € 44,31.

A Tabela 23 e o Gráfico 8 sistematizam esta informação, ordenando de forma crescente e por categoria, os encargos totais e médios suportados pelos inquiridos com a participação no evento e, em concreto, na cidade de Coimbra.

**TABELA 25 | Encargos totais e médios suportados durante o evento [em euros].**

Rubricas	Encargos Totais	%	Encargos Médios/Inquirido
Deslocação	12.494,50 €	50,9	36,21 €
Alimentação	6.991,00 €	28,5	20,63 €
Alojamento	3.856,00 €	15,7	11,17 €
Lembranças	1.205,50 €	4,9	3,49 €
Total de Encargos	24.546,00 €	100,0	
Total de Encargos na cidade	15.287,00 €	100,0	44,31 €



**GRÁFICO 8 | Encargos suportados durante o evento, por rubrica de despesa.**

Através dos encargos médios suportados por pessoa inquirida é possível avançar com algumas projeções de despesas com as rubricas elencadas. A Tabela 24 apresenta a projeção de encargos para a totalidade dos participantes no evento (2155). Apresenta, ainda, a projeção de despesas para aproximadamente o dobro dos participantes (5000) caso se optasse por dinamizar, anualmente, um outro evento similar. Desta forma temos uma maior perceção do impacto económico direto que o evento origina e do potencial que o mesmo terá, caso seja replicado.

Para a avaliação do impacto económico do evento, optou-se por calcular o impacto económico direto com base no apuramento das despesas dos participantes, conforme defendido por Barajas, Coates e Sanchez (2016). Na linha de Lee e Taylor (2005) as despesas diretas devem ser consideradas como o ponto de partida para o cálculo do impacto de um evento desportivo pequeno. O próximo passo, caso pretendêssemos apurar todos os impactos económicos seria incorporar os impactos indiretos e os induzidos. Para isso existem diversos modelos económicos desenvolvidos que necessitariam da recolha de dados que não foi efetuada no presente estudo. Acresce que muitos autores realçam que a determinação do impacto económico de um evento desportivo é muito difícil e subjetivo, acarretando falta de precisão, uso de multiplicadores desadequados e risco de exagero nas estimativas do estudo (Barajas, Coates, & Sanchez, 2016; Lee, 2001).

Pela análise da Tabela 24, podemos verificar que o impacto económico direto na cidade de Coimbra, com a realização do evento em 2016, foi de cerca de € 95 000. Se este evento, ou outro com características semelhantes, fosse realizado duas vezes por ano e fosse promovido de forma a obter um pouco mais de participantes, poderia proporcionar um impacto direto na cidade no valor de aproximadamente € 221 000.

**TABELA 26 | Projeção de encargos [em euros].**

Rubricas	Projeção de Encargos Suportados		
	[N=345]	[N=2155]	[N=5000]
Deslocação	12.494,50 €	78.045,36 €	181.079,71 €
Alimentação	6.991,00 €	43.668,42 €	101.318,84 €
Alojamento	3.856,00 €	24.086,03 €	55.884,06 €
Lembranças	1.205,50 €	7.530,01 €	17.471,01 €
Total de Encargos	24.544,00€	153.329,82€	355.753,62€
Total de Encargos na cidade	15.287,00 €	95.488,36 €	221.550,72 €

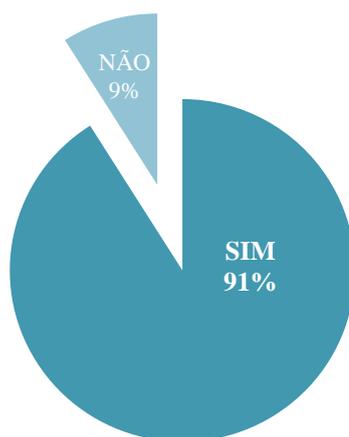
Podemos concluir, pelo impacto económico direto estimado (€ 95 000), que o evento proporcionou benefícios económicos à cidade e que as despesas mais expressivas resultaram da deslocação e da alimentação dos participantes. Diversos estudos confirmam que promover *small-scale events* tende a proporcionar valor económico para a comunidade e que a generalidade das despesas dos participantes resulta de alojamento e alimentação (Daniels & Norman, 2003; Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012; Horne, 2000; Walo, Bull, & Breen, 1996). Os resultados apurados no presente estudo vão no mesmo sentido, mas tratando-se de um evento em que os participantes são maioritariamente residentes e excursionistas, as despesas de alojamento acabam por não ser muito expressivas. Aliás, tal como referido por Turco (1997, 1998) neste tipo de eventos desportivos locais, a distância percorrida é menor, logo a capacidade para atrair participantes a ficarem alojados é também menor e, conseqüentemente, as receitas com alojamento são pouco expressivas neste tipo de evento.

Existem muito poucos estudos que divulguem os impactos de eventos de turismo desportivo de pequena escala (Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012), mas de acordo com Wilson (2006) são normalmente este tipo de *small-scale events*, com uma periodicidade anual e com pouca cobertura mediática nacional, que tendem a ter um

impacto económico superior caso ocorram em cidades mais pequenas. O apuramento do impacto económico de um evento revela-se fundamental às entidades turísticas locais na tomada de decisão relacionada com a construção de instalações desportivas e com a decisão de organização de eventos (Barajas, Salgado, & Sánchez, 2012).

#### 4.4.4. IMPACTOS AMBIENTAIS

Os inquiridos foram questionados sobre as medidas relativas à preservação ambiental adotadas pela organização do evento; 314 inquiridos (91%) consideram que foram tomadas medidas de preservação ambiental e 31 (9%) responderam que estas não foram asseguradas (Gráfico 9).



**GRÁFICO 9 | Perceção sobre as medidas de preservação ambiental adotadas por parte da organização.**

Efetivamente, a empresa promove um conjunto de medidas com o objetivo de minimizar os impactos ambientais negativos resultantes do evento: recurso a transporte público na deslocação para o evento; reciclagem de todos os lixos e garrafas de água produzidos no decorrer do evento; *workshops* de reciclagem e de plantação de árvores ao longo dos dias que antecedem o evento; e utilização de cortiça nas medalhas e pórticos de partida e chegada (ver resultados da entrevista, pág.50).

Na avaliação do impacto ambiental de um evento, para além do desempenho da organização, deve-se, também, analisar o comportamento dos participantes, nomeadamente, e de acordo com Collins, Roberts e Munday (2012), a forma de deslocação para o evento, as opções de alimentação, a estada média, o tipo de alojamento escolhido, as práticas de reciclagem adotadas e atividades complementares desenvolvidas durante o evento. Estes autores concluem que a forma de deslocação para o evento é o fator que mais contribui para a pegada ecológica dos participantes. Nesse estudo, os participantes viajaram em média 734 km e os meios de transporte mais usados foram o comboio (65,6%) e o carro (22,6%), este último com uma ocupação média de 2,6 pessoas.

Para analisarmos o comportamento dos participantes na EDP Meia Maratona de Coimbra, em termos de “pegada de carbono” relacionada com a deslocação de carro para o evento, apurámos a média de quilómetros percorridos por participante, considerando a taxa de ocupação média por veículo automóvel do estudo de Collins, Roberts e Munday (2012), isto é 2,6 pessoas.

Pelo concelho de residência dos inquiridos que se deslocaram de carro (295 participantes) foi possível estimar que o total de quilómetros percorridos foi de  $\pm 48.854\text{km}$ , conforme sintetizado na Tabela 25, e, assim, calcular a média de quilómetros percorridos por viatura:  $\pm 166\text{ km}$  ( $48.854\text{km}/295$ ).

Considerando a taxa de ocupação média por veículo automóvel de 2,6 pessoas/viatura apuramos um total de quilómetros percorridos pelo grupo de inquiridos de  $18.790\text{km}$  ( $48.854\text{km}/2,6$ ) o que em termos médios representa  $\pm 64\text{km}$  percorridos por cada inquirido ( $166\text{km}/2,6$ ).

Sendo este evento de carácter local e regional, em que a média de quilómetros percorridos, por inquirido, foi relativamente baixa (64 km), saiu minimizada a “pegada de carbono” dos participantes, existindo, então, também neste domínio, vantagens na organização deste tipo de evento desportivo de pequena escala (Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012).

**TABELA 27 | Quilómetros percorridos de carro para a participação no evento.**

Concelho de Residência	N	N.º kms percorridos
Abrantes	1	228
Águeda	1	128
Alcobaça	1	216
Alter do Chão	1	352
Amarante	1	340
Anadia	2	128
Ansião	3	288
Aveiro	3	372
Avis	1	354
Braga	4	1376
Caldas da Rainha	2	512
Cantanhede	2	120
Carregal do Sal	1	130
Cartaxo	1	288
Cascais	1	472
Condeixa-a-nova	4	128
Covilhã	2	760
Esposende	1	364
Évora	1	588
Figueira da Foz	3	336
Fundão	1	350
Golegã	1	200
Gondomar	3	750
Guimarães	4	1376
Lamego	2	588
Leiria	7	1078
Lisboa	10	4100
Loures	4	1584
Lousã	5	300
Madrid	1	1042
Mafra	1	404
Maia	7	1834
Mangualde	2	376
Matosinhos	2	512
Mealhada	3	138
Meda	1	358
Montemor-o-Velho	2	120
Montijo	1	438
Mortágua	2	200
Nazaré	1	218
Nelas	3	480
Odivelas	1	408
Oeiras	1	452
Oleiros	1	184
Oliveira de Azeméis	2	348
Oliveira do Bairro	1	82
Oliveira do Hospital	1	160

**TABELA 25 | Quilómetros percorridos de carro para a participação no evento (cont.)**

Concelho de Residência	N	N.º kms percorridos
Ourém	1	194
Paços de Ferreira	2	616
Palmela	1	464
Paredes	2	604
Penafiel	2	624
Peso da Régua	2	636
Poiares	1	42
Pombal	1	100
Portalegre	1	344
Porto	15	3870
Póvoa de Varzim	1	330
Sabrosa	1	366
Santa Comba Dão	2	224
Santa Maria da Feira	4	760
Santo Tirso	1	310
São João da Pesqueira	1	392
São Pedro do Sul	1	248
Sátão	2	468
Seia	3	570
Sertã	1	146
Setúbal	2	956
Sintra	4	1784
Soure	2	132
Tábua	2	248
Torres Novas	1	202
Torres Vedras	1	340
Vila do Conde	2	592
Vila Franca de Xira	6	2076
Vila Nova de Famalicão	2	656
Vila Nova de Gaia	5	1250
Vila Real	1	370
Viseu	11	1980
Concelho de Coimbra	100	1000
Não Responde	5	400
Total	295	48854

Em conclusão, apesar das iniciativas de preservação ambiental adotadas pela empresa organizadora (e.g. acordo de desconto no preço dos bilhetes da CP, autocarros com partidas de Lisboa e Porto, reciclagem de lixos) e da perceção positiva dos inquiridos relativamente a elas, a verdade é que não foi conseguido, neste evento, minimizar a “pegada de carbono” relacionada com a deslocação dos participantes, uma vez que, a principal forma de deslocação para o evento foi de veículo automóvel e a maioria dos inquiridos reside fora do distrito de Coimbra e a

mais de 40 quilómetros de distância do evento. Acresce que na atualidade, o parque automóvel português continua a ser, na sua larga maioria, composto por veículos que utilizam combustível (gasolina e gasóleo), não tendo o estudo apurado a utilização de veículos utilizadores de energia elétrica, por tal circunstância ter sido considerada residual. Esta é uma evidência salientada em outros estudos, nomeadamente no estudo de Gibson, Kaplanidou e Kang, (2012) que destaca que apesar das preocupações ambientais interiorizadas por parte das entidades organizadoras de eventos de turismo desportivo, a generalidade não consegue ultrapassar a “pegada de carbono” causada pela deslocação dos participantes. Ainda assim, face à média de quilómetros percorridos por participante, o impacto ambiental não se revela muito expressivo, se comparado com grandes eventos desportivos de âmbito nacional e internacional, em que o número médio de quilómetros percorridos por participante é inevitavelmente superior. Um outro grande problema ambiental associado aos eventos desportivos tem a ver com a construção de infraestruturas (Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012), mas no evento em análise verificamos que se fez uso das infraestruturas existentes (uso das vias públicas da cidade), pelo que também nesta matéria o impacto ambiental é reduzido.

#### **4.4.5. IMPACTOS SOCIOCULTURAIS**

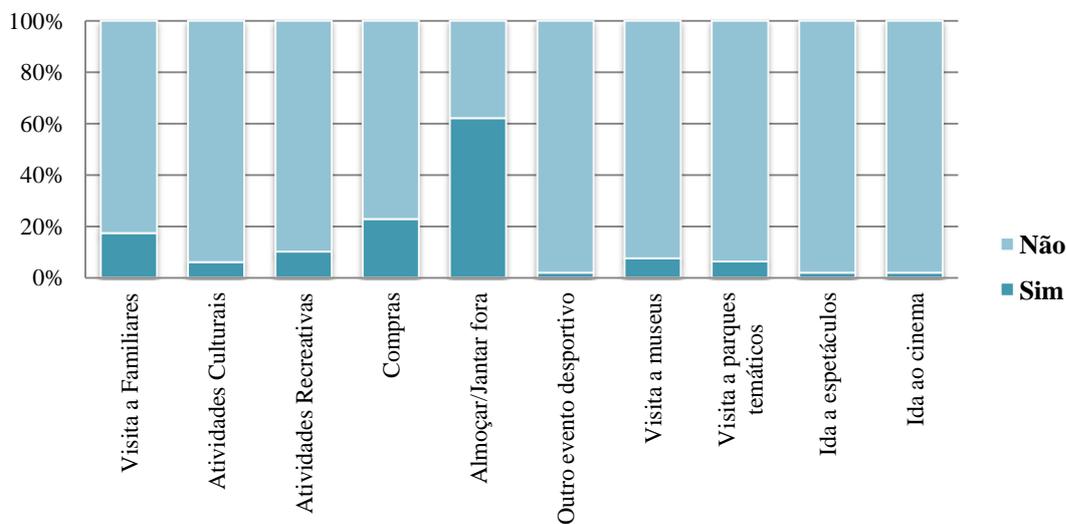
Neste particular, foi questionado ao grupo de inquiridos as atividades realizadas durante o evento para além da participação na corrida (Tabela 26 e Gráfico 10). Almoçar/jantar fora foi a atividade mais apontada, tendo sido mencionada por 214 inquiridos (62,0%). Fazer compras foi a segunda atividade mais desenvolvida durante o evento, referida por 79 participantes inquiridos (22,9%). No que concerne a visita a familiares, 60 inquiridos (17,4%) referiram ter visitado a família no decorrer do evento. Estes dados estão alinhados com os resultados do já citado estudo de Gibson et al. (2012) que refere no topo das atividades complementares à participação no evento, almoçar/jantar fora, compras e visita a familiares.

As atividades menos frequentes, de acordo com os resultados obtidos, foram a participação em atividades recreativas (10,1%), visitas a museus (7,5%), visitas a

parques temáticos (6,4%), participação em atividades culturais (6,0%), idas a espetáculos (2,0%), idas ao cinema (2,0%) e participação em outro evento desportivo (2,0%).

**TABELA 28 | Participação em atividades complementares.**

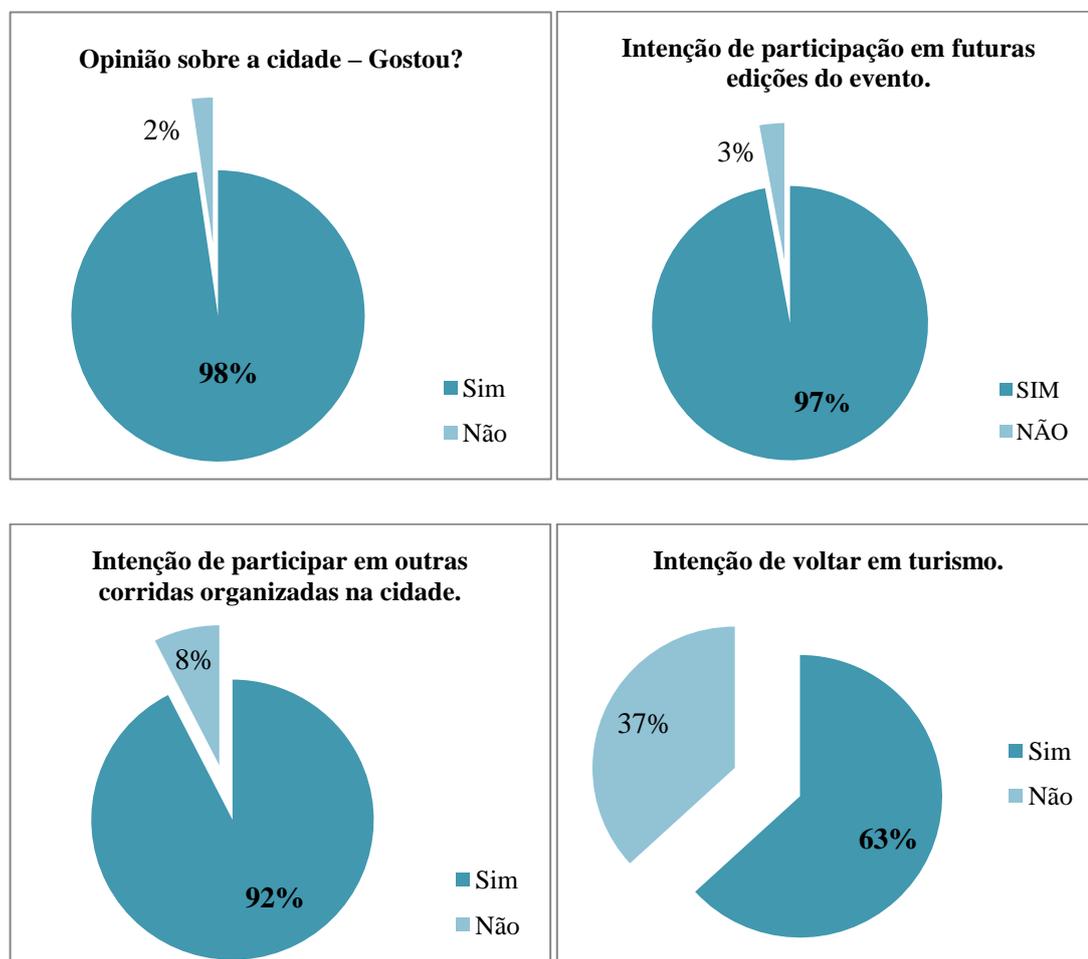
Atividades	N	%
Almoçar/jantar fora	214	62,0
Compras	79	22,9
Visita a familiares	60	17,4
Atividades recreativas	35	10,1
Visita a museus	26	7,5
Visita a parques temáticos	22	6,4
Atividades culturais	21	6,0
Ida a espetáculos	7	2,0
Ida ao cinema	7	2,0
Outro evento desportivo	7	2,0



**GRÁFICO 10 | Participação em atividades complementares.**

Analisando, agora, a opinião dos inquiridos sobre a apreciação que fazem da cidade, a intenção de voltar em turismo e de participar em futuras corridas aqui organizadas, os dados demonstram que 98,0% dos respondentes gostaram da cidade (Gráfico 11), 97,0% tencionam participar em futuras edições do evento (Gráfico 12) e 92,0% têm intenção de participar em futuras corridas organizadas na cidade (Gráfico 13).

A terminar, foi questionado ao grupo de participantes se tencionam regressar em turismo, tendo 63% dos inquiridos confirmado essa intenção (Gráfico 14).



**GRÁFICO 11 | Opinião sobre a cidade.**

**GRÁFICO 12 | Intenção de participação em futuras edições do evento.**

**GRÁFICO 13 | Intenção de participar em outras corridas organizadas na cidade.**

**GRÁFICO 14 | Intenção de voltar em turismo.**

Em resumo, e com exceção das refeições fora de casa, a generalidade dos inquiridos não realizou atividades complementares à participação no evento. Estes resultados não divergem dos dados de Daniels e Norman (2003), que concluem no seu estudo que os turistas desportivos gastam pouco com atividades complementares ao evento desportivo. A grande maioria dos inquiridos gostou da cidade e a maioria tem intenção de voltar a participar em futuras corridas organizadas na cidade. A intenção de regressar em futuras edições e em outras corridas organizadas na cidade deverá

ser tida em consideração por parte das entidades municipais e entidade organizadora sobre a decisão de manter a promoção do evento na cidade.

Ainda a este respeito, Gibson (1998a) conclui que acolher um evento desportivo promove o turismo para além do evento propriamente dito. Isto porque, participar num evento ou assistir a uma prova desportiva pela televisão pode motivar a visita ao destino em momentos posteriores. Estes dados estão de acordo com os obtidos no evento em análise, que indicam que a maioria dos participantes inquiridos pretendem regressar em turismo.

## 4.5. SEGMENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

### 4.5.1. CARACTERIZAÇÃO DOS GRUPOS

Para uma análise mais detalhada, considerou-se pertinente dividir os inquiridos em três grupos distintos (Tabela 27) e, assim, perceber os seus perfis e avaliar se existem diferenças (estatisticamente significativas) entre eles. Os inquiridos foram, então, agrupados nos seguintes grupos: Grupo 1 – Residentes, todos aqueles que residem no concelho de Coimbra, num total de 136 participantes (39,4%); Grupo 2 – Excursionistas, todos aqueles que não residem no concelho de Coimbra e não pernoveram na cidade, num total de 149 inquiridos (43,2%); Grupo 3 – Turistas, aqueles que residem a mais de 40 km e pernoveram na cidade, totalizando 60 participantes (17,4%).

**TABELA 29 | Tamanho dos grupos.**

Grupo	N	%
Residente	136	39,4
Excursionista	149	43,2
Turista	60	17,4
Total	345	100,0

Neste âmbito, decidiu-se analisar o perfil sociodemográfico, as razões de participação, os encargos suportados, a perceção ambiental e as atividades complementares desenvolvidas em cada um dos grupos.

Para analisarmos se as variáveis sociodemográficas diferem relativamente aos três grupos definidos utilizamos o teste do Qui-quadrado. Nas situações em que não se verificou independência entre as variáveis ( $p\text{-value} < 0,1$ ) foram analisados os resíduos ajustados estandardizados (RAE) para assim apurar em que grupos se verificam as diferenças estatisticamente significativas (Tabela 28).

**TABELA 30 | Perfil sociodemográfico dos inquiridos [por grupo].**

Perfil Sociodemográfico		Residentes [N=136] %	Excursionistas [N=149] %	Turistas [N=60] %	Total de Inquiridos [N=345] %
Sexo	Feminino	33,1 <b>a</b> )	21,5 <b>b</b> )	28,3	27,2
	Masculino	66,9 <b>b</b> )	78,5 <b>a</b> )	71,7	72,8
Escalão Etário	18-30 anos	15,4	10,7	11,7	12,7
	31-40 anos	36,0	43,6	45,0	40,9
	41-50 anos	28,6	32,9	25,0	29,9
	51-60 anos	16,1	9,40	16,7	13,3
	>60 anos	3,6	3,4	1,6	3,2
Estado Civil	Solteiro(a)	34,6	23,5 <b>b</b> )	43,3 <b>a</b> )	31,3
	Casado(a)/União de facto	57,4	70,5 <b>a</b> )	46,7 <b>b</b> )	61,2
	Divorciado(a)/Separado(a)	8,1	6,0	10,0	7,5
Habilitações	Ensino Secundário	15,4 <b>b</b> )	32,9 <b>a</b> )	15,0	22,9
	Ensino Superior	48,5 <b>a</b> )	34,2 <b>b</b> )	45,0	41,7
	P.Grad/Mestrado/Doutoramento	36,0	32,9	40,0	35,4
Situação Face ao Emprego	Empregado(a)	70,6	76,5	76,7	74,2
	Empresário(a)	5,1	4,7	6,7	5,2
	Trabalhador(a) Conta Própria	8,8	8,7	8,3	8,7
	Estudante	8,8 <b>a</b> )	2,7	0,0 <b>b</b> )	4,6
	Desempregado(a)	2,9	4,7	6,7	4,3
	Reformado(a)	1,5	2,0	1,7	1,7
	Outras Situações	2,2	0,7	0,0	1,2
Rendimentos Mensais	Sem rendimentos	8,1 <b>a</b> )	3,4	3,3	5,2
	Inferior a 500 euros	4,4 <b>a</b> )	0,7	1,7	2,3
	Entre 501 e 750 euros	9,6	14,8	10,0	11,9
	Entre 751 e 1000 euros	14,7	16,8	8,3	14,5
	Entre 1001 e 1500 euros	30,9	28,9	35,0	30,7
	Entre 1501 e 2000 euros	12,5	18,1	15,0	15,4
	Entre 2001 e 3000 euros	7,4	8,1	6,7	7,5
	Entre 3001 e 5000 euros	8,1 <b>a</b> )	0,7 <b>b</b> )	10,0	5,2
	Mais de 5001 euros	0,0	0,7	6,7 <b>a</b> )	1,4
NS/NR	4,4	8,1	3,3	5,8	

Legenda: a) RAE > 1,96; b) RAE < -1,96.

Genericamente, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas nas variáveis sexo, habilitações académicas e rendimentos mensais, entre os grupos de residentes e de excursionistas, na variável estado civil, entre os grupos de excursionistas e turistas, e na variável situação face ao emprego, entre os grupos de residentes e turistas.

Relativamente ao perfil de participação dos inquiridos, para apurarmos a existência de diferenças estatisticamente significativas, nas razões para a participação no evento, entre os três grupos de inquiridos definidos, optou-se por aplicar o teste não paramétrico Anova de Kruskal-Wallis. Este teste é apropriado para comparar as distribuições de duas ou mais variáveis ordinais observadas em dois ou mais grupos independentes. Pretendemos verificar se as razões para a participação no evento, nomeadamente, novidade, apoiar/acompanhar, viajar/conhecer, competir, socializar, relaxar, questões de saúde, desafio, exercício físico e diversão, que foram avaliadas numa escala de *likert* de 1 a 7 (1 - Nada Importante e 7 - Totalmente Importante), diferem entre os três grupos definidos. Após a realização do teste, verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas em duas das razões para a participação no evento: participação no evento para competir e participação no evento para viajar/conhecer ( $p\text{-value} < 0,05$ ) (Figura 5).

FIGURA 5 | Resumo do teste não paramétrico ANOVA de Kruskal-Wallis.

	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
1	The distribution of PARTICIPAÇÃO NO EVENTO PARA COMPETIR is the same across categories of grupo.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,022	Reject the null hypothesis.
2	The distribution of PARTICIPAÇÃO NO EVENTO POR DIVERSÃO is the same across categories of grupo.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,812	Retain the null hypothesis.
3	The distribution of PARTICIPAÇÃO NO EVENTO PARA SOCIALIZAR is the same across categories of grupo.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,566	Retain the null hypothesis.
4	The distribution of PARTICIPAÇÃO NO EVENTO POR QUESTÕES DE SAÚDE is the same across categories of grupo.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,077	Retain the null hypothesis.
5	The distribution of PARTICIPAÇÃO NO EVENTO PARA APOIAR/ACOMPANHAR is the same across categories of grupo.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,680	Retain the null hypothesis.
6	The distribution of PARTICIPAÇÃO NO EVENTO POR DESAFIO is the same across categories of grupo.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,163	Retain the null hypothesis.
7	The distribution of PARTICIPAÇÃO NO EVENTO PARA RELAXAR is the same across categories of grupo.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,692	Retain the null hypothesis.
8	The distribution of PARTICIPAÇÃO NO EVENTO PELO EXERCÍCIO FÍSICO is the same across categories of grupo.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,438	Retain the null hypothesis.
9	The distribution of PARTICIPAÇÃO NO EVENTO PELA NOVIDADE is the same across categories of grupo.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,241	Retain the null hypothesis.
10	The distribution of PARTICIPAÇÃO NO EVENTO PARA VIAJAR/CONHECER is the same across categories of grupo.	Independent-Samples Kruskal-Wallis Test	,000	Reject the null hypothesis.

Fonte: SPSS (versão 21).

A comparação entre cada grupo relativamente à participação no evento para competir diz-nos que as diferenças existem entre os grupos de residentes e de turistas (Figura 6).

FIGURA 6 | Participação no evento para competir - Comparação entre cada grupo.

Sample1-Sample2	Test Statistic	Std. Error	Std. Test Statistic	Sig.	Adj.Sig.
residente-excursionista	-19,914	11,653	-1,709	,087	,262
residente-turista	-40,856	15,229	-2,683	,007	,022
excursionista-turista	-20,942	15,024	-1,394	,163	,490

Fonte: SPSS (versão 21).

Na variável participação no evento para viajar/conhecer a comparação entre cada grupo permite-nos concluir que as diferenças estatisticamente significativas se verificam entre todos os grupos (Figura 7).

**FIGURA 7 | Participação no evento para viajar/conhecer – Comparação entre cada grupo.**

Sample1-Sample2	Test Statistic	Std. Error	Std. Test Statistic	Sig.	Adj.Sig.
residente-excursionista	-57,222	11,633	-4,919	,000	,000
residente-turista	-96,334	15,202	-6,337	,000	,000
excursionista-turista	-39,112	14,998	-2,608	,009	,027

Fonte: SPSS (versão 21).

Analisando agora os dados referentes à mediana das variáveis onde foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos (Tabela 29) podemos concluir que a razão de participação para competir é mais forte no grupo de excursionistas e de turistas (Md=5) do que no grupo de residentes (Md=4); a participação para viajar/conhecer é mais expressiva no grupo de turistas (Md=6) do que no grupo de excursionistas (Md=4) e do que no grupo de residentes (Md=2).

**TABELA 31 | Mediana das razões para participar no evento [por grupo].**

Razões	Mediana		
	Residentes	Excursionistas	Turistas
Diversão	6	7	6
Exercício físico	6	6	6
Desafio	6	6	6
Questões de saúde	6	6	5
Relaxar	6	5	6
Socializar	5	5	5
Competir	4	5	5
Novidade	4	5	5
Apoiar/acompanhar	4	4	3,5
Viajar/conhecer	2	4	6

Para analisarmos as diferenças estatisticamente significativas nos encargos suportados com deslocação, alimentação, alojamento e lembranças, assim, como nos

encargos totais suportados na cidade, nos três grupos de inquiridos optámos por realizar o teste de ANOVA *one way*, com comparações múltiplas de médias e teste de homogeneidade das variâncias (através dos testes de Tukey e Games-Howell).

Após a realização do teste de ANOVA *one way*, obteve-se um *p-value* <0,1 para todos os grupos, concluindo-se que existem diferenças estatisticamente significativas em todos os grupos em relação às despesas suportadas. Para apurar em que grupos existem as diferenças, analisamos o quadro das comparações múltiplas das médias dos testes *post-hoc* de Tukey e Games-Howell, concluindo-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre todos os grupos nos encargos com alimentação e lembranças; nos encargos com deslocação existem diferenças entre os grupos de residentes e excursionistas e entre o grupo de residentes e grupo de turistas; nos encargos com alojamento existem diferenças entre o grupo de residentes e grupo de turistas e entre o grupo de turistas e de excursionistas.

Analisando os encargos suportados com deslocação, alimentação, alojamento, lembranças e encargos totais suportados na cidade, em cada um dos grupos definidos (residentes, excursionistas e turistas), Tabelas 30 e 31, concluímos que foi o grupo de turistas que mais despesa suportou em todas as categorias. Este grupo representa 17,4% do total de inquiridos e é responsável por 55,4% do total de encargos suportados na cidade de Coimbra com a participação no evento.

**TABELA 32 | Total de encargos suportados por rubrica de despesa [por grupo].**

Despesas	Residentes		Excursionistas		Turistas		Total Inquiridos
	€	%	€	%	€	%	
Deslocação	498	4,0	6.092	48,8	5.904	47,3	12.493
Alojamento	-	0,0	1.165	30,2	2.691	69,8	3.856
Alimentação	931	13,3	3.052	43,7	3.008	43,0	6.991
Lembranças	-	0,0	444	36,8	762	63,2	1.206
Despesas suportadas na cidade	1.984	13,0	4.833	31,6	8.471	55,4%	15.287

**TABELA 33 | Média de encargos suportados por rubrica de despesa [por grupo].**

Despesas	Residentes	Excursionistas	Turistas	Total Inquiridos
Deslocação	3,62 €	40,88 €	98,48 €	36,21 €
Alojamento	0,00 €	7,82 €	44,85 €	11,17 €
Alimentação	6,85 €	20,48 €	50,13 €	20,63 €
Lembranças	0,04 €	2,98 €	12,61 €	3,49 €
Despesas suportadas na cidade	14,59 €	32,43 €	141,18 €	44,31 €

Para apurarmos se a perceção sobre as medidas de preservação ambiental implementadas pela empresa organizadora do evento e a participação em atividades complementares ao evento diferem relativamente aos três grupos definidos (residentes, excursionistas e turistas), utilizamos novamente o teste do Qui-quadrado por Simulação de Monte Carlo. Nas situações em que não se verificou independência entre as variáveis ( $p\text{-value} < 0,1$ ), foram analisados os resíduos ajustados estandardizados (RAE) para assim apurar em que grupos se verificam as diferenças estatisticamente significativas.

No que se refere à perceção sobre as medidas de preservação ambiental não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ( $p\text{-value} = 1,000$ ) (Tabela 32).

**TABELA 34 | Perceção sobre as medidas de preservação ambiental [por grupo].**

Medidas de Preservação Ambiental Adotadas	Residentes %	Excursionistas %	Turistas %	Total %
SIM	91,2	90,6	91,7	91,0
NÃO	8,8	9,4	8,3	9,0

Ainda a respeito do impacto ambiental, analisando os quilómetros percorridos, em viatura, por cada um dos grupos (residentes, excursionistas e turistas), é possível apurar que os excursionistas (49,5% do total de inquiridos que se deslocou de carro) percorreram 62,9% do total de quilómetros e que os turistas (16,6% do total de inquiridos que se deslocou de carro) percorreram 35,0%, deixando perceber que a “pegada de carbono” dos inquiridos deste grupo é substancialmente maior (Tabela 33).

**TABELA 35 | Quilómetros percorridos de carro para a participação no evento [por grupo]**

Grupos	N	%	N.º km percorridos	%	Média km percorridos
Residentes	100	33,9	1.000	2,0	10
Excursionistas	146	49,5	30.752	62,9	211
Turistas	49	16,6	17.102	35,0	349
Total	295	100,0	48.854	100,0	166

Na participação em atividades complementares ao evento (Tabela 34), verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas nos grupos de residentes e

turistas na participação em atividades culturais, compras, almoçar/jantar fora, visita a museus e a parques temáticos. Verificamos, após o teste do Qui-quadrado por Simulação de Monte Carlo, que existe uma tendência positiva para os inquiridos do grupo de turistas fazerem este tipo de atividades complementares ( $RAE > 1,96$ ) e uma tendência negativa para os residentes participarem neste tipo de atividades ( $RAE < -1,96$ ). Isto está de acordo com o defendido por Nogawa et al. (1996) que referem que os turistas, ao ficarem mais tempo no destino de acolhimento, têm mais apetência para participar em atividades turísticas tradicionais.

**TABELA 36 | Participação em atividades complementares [por grupo].**

Perfil sociocultural	Residentes %	Excursionistas %	Turistas %	Total %
Visita a familiares	16,9	16,1	21,7	17,4
Atividades culturais	5,1	4,7	11,7 a)	6,1
Atividades recreativas	8,8	9,4	15,0	10,1
Compras	14,0 b)	22,1	45,0 a)	22,9
Almoçar/jantar fora	47,8 b)	61,7	95,0 a)	62,0
Outro evento desportivo	1,5	2,7	1,7	2,0
Visita a museus	2,9 b)	6,7	20,0 a)	7,5
Visita a parques temáticos	1,5 b)	5,4	20,0 a)	6,4
Ida a espetáculos	2,2	2,0	1,7	2,0
Ida ao cinema	2,9	2,0	0,0	2,0

**Legenda:** a)  $RAE > 1,96$ ; b)  $RAE < -1,96$ .

## 4.5.2. DIFERENTES GRUPOS CONSIDERADOS

### 4.5.2.1. RESIDENTES

Os inquiridos do grupo de residentes são maioritariamente do sexo masculino (66,9%), ainda que apresentem uma maior tendência para a inclusão de indivíduos do sexo feminino ( $RAE = 2,0$ ). Têm maioritariamente idade compreendida entre os 31-40 anos (36%) e são casados ou vivem em união de facto (57,4%). Este grupo é o que apresenta uma percentagem mais elevada de inquiridos com o ensino superior (48,5% e  $RAE = 2,1$ ) e o que apresenta uma menor tendência para incluir indivíduos com habilitação de nível secundário (15,4% e  $RAE = -2,7$ ). São, igualmente, os que apresentam a maior percentagem de inquiridos sem rendimentos (8,1% e  $RAE=1,9$ ), pois pertencem ao grupo que apresenta a maior percentagem de estudantes (8,8% e

RAE=3,0), e com rendimentos inferiores a 500 euros (4,4% e RAE = 2,1). No entanto, são maioritariamente empregados (70,6%), com rendimentos entre os 1001 e os 1500 euros (30,9%) e com uma tendência positiva para auferirem rendimentos entre os 3001 e os 5000 euros (8,1% e RAE = 1,9).

Os membros deste grupo vieram ao evento, principalmente, pela diversão, exercício físico, desafio e saúde (Md=6), e são os que menos valorizam a competição e a participação no evento para viajar e conhecer (Md=4 e Md=2, respetivamente).

O grupo de residentes representa 39,4% do total de participantes inquiridos e foi responsável por 13% do total de despesas efetuadas na cidade. Os encargos suportados, em média, por inquirido (€14,59) resultaram maioritariamente de despesas com alimentação.

Os residentes têm uma perceção positiva relativamente às medidas de proteção ambiental implementadas pela empresa organizadora do evento (91,2% consideram que foram asseguradas essas medidas).

Os membros deste grupo participaram em atividades complementares ao evento, assumindo maior destaque, almoçar/jantar fora, mencionada por 47,8% dos residentes. No entanto este grupo apresenta uma tendência negativa para realizar atividades relacionadas com compras, refeições fora de casa, visitas a museus e a parques temáticos (RAE <-1,96).

#### **4.5.2.2. EXCURSIONISTAS**

O grupo de excursionistas é o que apresenta mais inquiridos do sexo masculino (78,5% e RAE=2,0) e menor tendência para incluir indivíduos do sexo feminino (21,5% e RAE = -2,1). Têm maioritariamente idade compreendida entre os 31-40 anos (43,6%). É o grupo que apresenta mais inquiridos casados ou a viver em união de facto (70,5% e RAE = 3,1) e o que apresenta uma menor tendência no estado civil solteiro (23,5% e RAE = -2,7). Possuem maioritariamente o ensino superior (34,2%), ainda que apresentem uma maior tendência para incluir indivíduos com o ensino

secundário (32,9% e RAE = 3,8). São maioritariamente empregados (76,5%) e com rendimentos entre os 1001-1500 euros (28,9%). É o grupo que apresenta uma menor tendência para incluir indivíduos com rendimentos entre os 3001 e 5000 euros (0,7% e RAE = -3,3).

Os membros deste grupo vieram maioritariamente ao evento por diversão (Md=7), exercício físico (Md=6), desafio (Md=6) e saúde (Md=6), e valorizam mais a participação no evento para competir (Md=5) do que para viajar e conhecer (M=4).

Os excursionistas representam 43,4% do total de participantes inquiridos e são responsáveis por 31,6% do total de despesas efetuadas na cidade. Em termos médios, gastaram € 43,40, assumindo a deslocação o maior peso no total de encargos suportados.

A atividade complementar ao evento, mais mencionada pelo grupo de excursionistas, foi almoçar/jantar fora (61,7%).

#### **4.5.2.3. TURISTAS**

Os inquiridos do grupo de turistas são maioritariamente do sexo masculino (71,7%), dos 31-40 anos (45%), casados ou em união de facto (46,7%), ainda que apresentem uma tendência positiva para incluir indivíduos solteiros (43,3% e RAE = 2,2) e apresentam, maioritariamente, escolaridade ao nível do ensino superior (45%). São os que mais se apresentam com uma condição ativa de empregado (76,7%), não apresentando qualquer indivíduo estudante (0% e RAE = -1,9). São o grupo com nível de rendimento mais elevado (35% entre os 1001 e 1500 euros), apresentando uma tendência positiva para incluir indivíduos com rendimentos acima dos 5001 euros (6,7% e RAE = 3,7).

Os membros deste grupo vieram, maioritariamente, ao evento por diversão (Md=6), exercício físico (Md=6), desafio (Md=6) e saúde (Md=5), e valorizam mais a participação no evento para viajar e conhecer (Md=6) do que para competir (Md=5).

O grupo de turistas representa 17,4% do total de participantes inquiridos e assumiu 55,4% do total de despesas efetuadas na cidade. Os encargos suportados, em média de € 141,18 por turista, resultam maioritariamente de despesas com a deslocação, seguindo-se as despesas com alimentação e alojamento. Estes dados confirmam as conclusões de Gibson (2004) que refere que a tentativa de distinção dos perfis de turista e excursionista é importante para perceber o comportamento de cada um deles, sendo a diferença mais comum, o impacto económico gerado pelos turistas desportivos na comunidade de acolhimento – por ficarem mais tempo assumem mais despesas com alojamento e alimentação.

Almoçar ou jantar fora foi uma das atividades mais frequentes por parte dos turistas (95%), seguida de compras (45%) e visitas a museus (20%) e a parques temáticos (20%). Este grupo apresenta uma tendência positiva para realizar atividades complementares ao evento, nomeadamente, a participação em atividades culturais, compras, almoçar/jantar fora, visitas a museus e a parques temáticos (RAE >1,9).

O perfil de turista a que se chegou no presente estudo enquadra-se no perfil identificado por Gammon e Robinson (1997, 2003) - *turista desportivo hard* - indivíduos que, de forma ativa ou passiva, viajam e participam num evento desportivo competitivo. A respeito do perfil do turista desportista, Gibson (1998a) conclui que apesar da participação em atividades desportivas e de *fitness* ser cada vez mais uma componente importante nos momentos de lazer e de turismo, a participação regular em atividades físicas está limitada a um grupo restrito de pessoas: com disponibilidade económica, formação e muito provavelmente do sexo masculino.

#### **4.6. SÍNTESE DE RESULTADOS**

Após a análise dos dados recolhidos (entrevista e inquérito por questionário) e seguindo a sequência da apresentação dos resultados, foi possível sintetizar os seguintes elementos relativamente ao evento:

- Desenvolveram-se sinergias entre entidades locais: Município de Coimbra, Entidade Regional Turismo do Centro, Universidade de Coimbra, Associação Académica de Coimbra, diversas escolas, tunas, grupos de corrida, comércio local, entre outras;
- Foram utilizadas as infraestruturas existentes, designadamente, as vias públicas da cidade num domingo de manhã;
- Colaboraram cerca de 140 voluntários locais;
- Beneficiou de cobertura televisiva, o que contribuiu para a divulgação não só do evento, mas também da cidade;
- Foi financiado através do patrocínio de empresas privadas, interessadas no retorno mediático do evento;
- Beneficiou de um plano de promoção e marketing do circuito de corridas *Running Wonders*;
- Promoveu iniciativas de minimização de impactos ambientais negativos: incentivo ao uso de transportes públicos, reciclagem de lixos, dinamização de *workshops* de reciclagem, uso de matérias-primas sustentáveis, como a cortiça (em pódios de partida, chegada e nas medalhas atribuídas aos atletas);
- Adotou medidas de preservação ambiental, as quais foram notadas pelos participantes: 91% dos inquiridos referem tal circunstância;
- Apesar da generalidade dos participantes inquiridos se ter deslocado para o evento de carro (85,5%), a estimativa da média de quilómetros percorridos por inquirido (64km) permite concluir que a “pegada de carbono” associada ao evento é claramente inferior ao de um grande evento com abrangência nacional e internacional, em que a média de quilómetros percorridos é inevitavelmente superior;
- Pretende, a curto prazo, ser um evento com certificação global;
- Conseguiu a participação de 2155 pessoas nas provas de Mini e Meia Maratona, às quais foi aplicado inquérito que obteve uma taxa de resposta de 16% (345 respondentes);

- Contou com participantes inquiridos maioritariamente do sexo masculino (72,8%), com uma média de idades de 41 anos, casados ou em união de facto (61,2%), formação superior (77,1%), trabalhadores por conta de outrem (74,2%), rendimentos entre os 1001 e 1500 euros (30,7%), maioritariamente residentes em Portugal (97,7%), fora do concelho de Coimbra (60,6%);
- Atraiu um perfil de participantes que não ficou a pernoitar na cidade (77,1%), que participou acompanhado por familiares e amigos (82,6%), pela primeira vez (62,0%) e motivado pela diversão e exercício físico;
- Trouxe visitantes a Coimbra que de outra forma não se deslocariam a esta cidade (70% dos inquiridos afirma que a principal razão da deslocação foi a participação no evento);
- Conseguiu atrair um fluxo de visitantes que gostaram da cidade (98%), que tencionam voltar em turismo (63%) e a participar em futuras corridas organizadas na cidade (92%);
- Teve um impacto económico positivo, aferido pelos encargos suportados pelo grupo de inquiridos na cidade de Coimbra;
- A maioria dos inquiridos fez refeições fora de casa (62,0%), 22,9% referem ter feito compras e 17,4% ter visitado familiares; a participação em outras atividades foi muito pouco expressiva, nomeadamente em atividades culturais, recreativas, visitas a museus, parques temáticos, entre outras.
- Proporcionou entretenimento à comunidade local, pelas atividades dinamizadas pela organização, no dia do evento e nos dias que o antecederam, e pela possibilidade de participação no evento;
- Conseguiu agradar a 97% dos inquiridos, os quais tencionam participar em futuras edições do evento;
- Atraiu essencialmente residentes e excursionistas (82,6% do total de inquiridos), mas o grupo de turistas (17,4% do total de inquiridos) assumiu 55,4% do total das despesas efetuadas na cidade (maioritariamente relacionadas com a deslocação, alimentação e alojamento), e foi o grupo de inquiridos que mais participou noutras atividades para além do evento.

- Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos de inquiridos definidos (residentes, excursionistas e turistas), no que se refere ao perfil sociodemográfico, às razões para a participação no evento, aos impactos ambientais, aos encargos suportados e às atividades desenvolvidas para além da participação no evento;
- As diferenças mais significativas entre os grupos estão relacionadas com os encargos suportados e a participação em atividades complementares ao evento, que assumem maior expressão no grupo de turistas;
- O grupo de turistas foi o que, em média, mais quilómetros percorreu em viatura automóvel na deslocação para o evento.



## **V. CONSIDERAÇÕES FINAIS**



## **5.1. NOTA INTRODUTÓRIA**

Com o objetivo de conhecer os impactos do desenvolvimento de eventos de turismo desportivo de pequena escala, em termos de desenvolvimento local sustentável, elaborou-se o presente estudo sobre o evento EDP Meia Maratona de Coimbra que cumpre os requisitos de *small-scale event* preconizado por Gibson (1998b): evento em que o número de atletas pode ultrapassar o número de espetadores, desenvolvido com carácter regular e, em regra, com pouca cobertura mediática.

Através de inquérito dirigido aos participantes da meia e mini maratona do citado evento e de entrevista com o responsável da empresa organizadora, o presente estudo procurou caracterizar o perfil dos participantes, conhecer as suas motivações, comportamentos e principais gastos, bem como fazer um levantamento das medidas de preservação ambiental adotadas pela organização. Desta forma foi possível aferir os impactos económicos, socioculturais e ambientais do evento.

A seguir apresentam-se as principais conclusões do estudo, as limitações identificadas e os principais contributos e perspetivas futuras.

## **5.2. CONCLUSÕES GERAIS**

Os eventos de turismo desportivo de pequena escala são considerados por diversos autores (Daniels & Norman, 2003; Getz, 2008; Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012; Higham, 1999) como indutores de impactos económicos, ambientais e socioculturais positivos em termos de desenvolvimento local sustentável. Efetivamente, a literatura sugere que estes eventos atraem um menor número de participantes, logo têm menos possibilidade de gerar impactos sociais negativos, pois são menos invasivos para a comunidade de acolhimento; são mais compatíveis com as infraestruturas e recursos disponíveis na comunidade de acolhimento, não acarretando grande investimento público por recorrerem à capacidade instalada; proporcionam benefícios económicos à comunidade de acolhimento pelas receitas provenientes de alojamento e restauração, melhorando a qualidade de vida da população local pelo aumento de rendimentos; atraem visitantes que de outra forma aí não se deslocariam; aumentam

o sentimento de orgulho da população local, facultando-lhes entretenimento; têm impactos ambientais negativos menos expressivos, pela menor utilização de viatura automóvel na deslocação para o evento.

Os dados deste estudo corroboram estas conclusões. Efetivamente, este trabalho permitiu realizar um estudo sobre um evento de pequena escala onde, por um lado, foi possível caracterizar o perfil sociodemográfico dos participantes e o seu perfil de participação, e, por outro, apurar os impactos económicos, ambientais e socioculturais resultantes da realização do evento.

Efetivamente foi possível apurar que os participantes no evento são maioritariamente do sexo masculino, com uma média de idades de 41 anos, casados ou em união de facto, com formação superior, trabalhadores por conta de outrem, com rendimentos entre os 1001 e 1500 euros. Residem maioritariamente em Portugal, fora do concelho de Coimbra. A maioria dos participantes optou por não pernoitar na cidade, participou acompanhada por amigos e familiares e pela primeira vez no evento, motivada pela diversão e exercício físico.

Em termos económicos, constatou-se a utilização das infraestruturas existentes, o que não exigiu dispêndio de investimento público e, por outro lado, a vinda de visitantes proporcionou um impacto económico direto resultante dos encargos suportados em alojamento e restauração. O grupo de turistas foi aquele que mais gastou na cidade, mas também aquele que acabou por se revelar mais poluente, designadamente no que concerne à “pegada de carbono”.

Os impactos ambientais resultantes do evento foram minimizados através de iniciativas como o incentivo de uso de transportes públicos, reciclagem de materiais e uso de matérias-primas sustentáveis. A este respeito, a perceção dos participantes relativamente a estas medidas foi bastante positiva. Ainda que a generalidade de participantes se tenha deslocado de carro, a “pegada de carbono” foi relativamente baixa, face ao número médio de quilómetros percorridos em viatura por cada participante.

Em termos socioculturais o evento revelou-se pouco perturbador para a população local, face ao número de participantes, não tendo gerado os efeitos normalmente associados a uma grande concentração de pessoas (congestionamento de trânsito, degradação do espaço urbano, lixos, ruído, entre outros), tendo disponibilizado entretenimento aos residentes. O evento alcançou grande aceitação entre a comunidade local (população e entidades), bem como entre os participantes, tendo a grande maioria destes últimos mostrado intenção de repetir a participação em eventos futuros ou simplesmente voltar à cidade apenas em turismo. O facto de ter beneficiado de cobertura televisiva e de promoção dos circuitos das *Running Wonders* EDP fez aumentar a atenção mediática sobre o evento e, conseqüentemente, o sentimento de orgulho da população local, mercê da notoriedade alcançada.

A análise deste tipo de dados pode vir a revelar-se importante para a tomada de decisão das entidades locais, na eventual ponderação sobre futuros eventos desportivos a promover e públicos-alvo a atrair. A segmentação dos participantes pode, igualmente, revelar-se uma ferramenta útil para a indústria turística, permitindo incorporar nas ofertas turísticas uma variedade de serviços adaptados aos diferentes perfis identificados e, na opinião de Gibson (2004), uma forma das entidades turísticas se adaptarem ao fenómeno do turismo desportivo que poderá ser usado para o desenvolvimento económico e social através de práticas e políticas que assegurem a sustentabilidade do turismo a longo prazo.

Paralelamente ao desenvolvimento do presente estudo, houve a divulgação da atual estratégia de desenvolvimento turístico, definida para o horizonte temporal 2017-2027<sup>6</sup>, centrada nas pessoas, no respeito e envolvimento dos residentes e satisfação dos turistas, a par da valorização dos profissionais. Ora, tais linhas estratégicas, de natureza institucional, vão ao encontro do que nos foi possível concluir relativamente ao objetivo do nosso estudo, na medida em que um dos eixos deste referencial estratégico para o turismo em Portugal na próxima década, deverá passar pela promoção de eventos desportivos que captem diferentes públicos, em diferentes épocas do ano e para territórios de menor densidade populacional.

---

<sup>6</sup> Documento A Estratégia para o Turismo 2027 consultado em <http://estrategia.turismodeportugal.pt/>

Assim, perante os atuais desafios estratégicos para o turismo nacional, face à satisfação geral com a organização do evento e ao impacto económico positivo, faz sentido continuar a apostar na promoção deste evento na cidade. Esta poderá ser uma estratégia de promoção turística da cidade, conforme preconizado por Chalip (2001). Por outro lado, o envolvimento das entidades e voluntários locais observado, permite que o evento tenha uma boa aceitação na cidade. As receitas geradas com o evento e a possibilidade de participação no mesmo contribuem para o aumento da qualidade de vida da população e a divulgação conseguida pela cobertura televisiva faz aumentar o sentimento de orgulho dos residentes, conforme sustentado por Gibson et al. (2012).

O evento tem potencial de crescimento, dada a crescente procura que este tipo de eventos desportivos tem e consequentemente a forte mediatização de que beneficiam, com o retorno económico daí decorrente, aliado ao facto de este, em particular, fazer parte do circuito das *Running Wonders* EDP - corridas em cidades com património reconhecido pela Unesco, circunstância que também projeta de forma positiva a imagem da cidade.

Em suma, a organização deste tipo de eventos desportivos de pequena escala, de forma regular, poderá funcionar como catalisador de desenvolvimento local sustentável, se assegurado o uso de recursos existentes, um fluxo adequado de visitantes e o envolvimento da comunidade de acolhimento, conforme evidenciado em diversos estudos (Gibson, Kaplanidou, & Kang, 2012; Higham, 1999; O'Brien & Chalip, 2008).

### **5.3. LIMITAÇÕES DO ESTUDO**

Apesar das vantagens apontadas à metodologia seguida no presente estudo, nomeadamente ao uso de instrumentos standardizados que facilitam a comparação de resultados, os modelos criados para recolha de dados, tendo sido utilizados pela primeira vez em Portugal, necessitam de alguns ajustes, designadamente o questionário aplicado aos participantes no evento. Assim, no que se refere à questão

da dormida na cidade, esta deveria ter sido aplicada apenas a não residentes no distrito de Coimbra. Também na questão relativa à hierarquização das razões de escolha do evento, na opção “outros motivos”, deveria estar previsto um campo para especificação das razões, já que foi esta a segunda razão mais apontada. Desta forma teria sido possível uma análise de conteúdo aos motivos indicados. Face aos objetivos do estudo, nomeadamente ao de conhecer os impactos ambientais associados ao evento, teria sido oportuno questionar o número de quilómetros percorridos na deslocação para o evento, o tipo de veículo utilizado e a razão da escolha da deslocação em viatura automóvel. Relativamente aos acompanhantes, teria feito sentido apurar se estes participaram de forma ativa no evento, vieram para apoiar/acompanhar ou aproveitaram para realizar outra atividade na cidade.

Uma outra limitação do estudo decorre da metodologia de aplicação do inquérito *on line*, a qual impede, por exemplo, o esclarecimento de dúvidas presenciais no seu preenchimento, apesar de se reconhecer a mais valia relacionada com a rapidez de aplicação e obtenção de resultados.

Face à impossibilidade de concretização da entrevista ao Município, subjacente à metodologia definida, ficaram por esclarecer algumas questões que seriam pertinentes no âmbito do estudo, nomeadamente, o tipo de colaboração prestado pela autarquia.

#### **5.4. PRINCIPAIS CONTRIBUTOS E PERSPETIVAS FUTURAS**

Decorreu do presente estudo que o evento escrutinado conseguiu o envolvimento da comunidade local, proporcionou entretenimento aos residentes e atração de visitantes à cidade, tudo consequência da vontade destes participarem neste evento desportivo. A organização do evento tentou minimizar os impactos ambientais negativos e conseguiu um impacto económico direto na cidade.

As principais conclusões aqui sintetizadas poderão ser um contributo para o caminho a seguir pelos decisores locais. Em nosso entender, estes devem prosseguir na dinamização do evento, melhorando a capacidade de atração de turistas, devendo

ainda proporcionar outras atividades complementares, conseguindo-se desta forma um impacto económico local mais expressivo. Devem assim promover a integração do programa desportivo com outras atividades turísticas (Daniels e Norman, 2003), por forma a cativar os participantes a desenvolver atividades complementares. Para isso, é necessária uma maior coordenação entre as entidades turísticas e os responsáveis desportivos e uma maior integração das políticas turísticas e desportivas. Esta é uma constatação referida por vários autores relativamente aos eventos do turismo desportivo (De Knop, 1987,1990; Glyptis, 1991; Nogawa et al, 1996; Standeven, 1998).

Os dados deste estudo devem ser comparados com outros que estão em desenvolvimento noutros países e que utilizam os mesmos modelos, permitindo, por essa via, um estudo comparativo de eventos de meias maratonas nunca antes conseguido, conforme sugerido por Gibson, Kaplanidou e Kang (2012) e Norman e Daniels (2003), que referem que desta forma será possível recolher padrões de comportamento, de motivações e de consumo.

No futuro, será importante, ainda, estudar eventos desportivos semelhantes, suscetíveis de validar as conclusões aqui evidenciadas em termos de desenvolvimento local, assim como, analisar e comparar outro tipo de eventos turísticos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



- Amaro, R. (2003). Desenvolvimento um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. *Cadernos de Estudos Africanos*, 4, 35-70.
- Anthony, D. (1966). *Sport and Tourism*. London: Central Council for Physical Recreation.
- Armstrong, J. (1985). International Events and Popular Myths. In *International events: the real tourism impact. Proceedings of the Canada Chapter Travel and Tourism Association Annual Conference* (pp. 9-37). Edmonton: Canada Travel and Tourism Association.
- Barajas, Á., Coates, D., & Sánchez, P. (2016). Beyond Retrospective Assessment. Sport Event Economic Impact Studies as a Management Tool for Informing Event Organization. *European Research on Management and Business Economics*, 22(3), 124-130.
- Barajas, Á., Salgado, J., & Sánchez, P. (2012). Problemática de los Estudios de Impacto Económico de Eventos Deportivos. *Estudios de Economía Aplicada*, 30(2), 441-462.
- Beioley, S., Crookston, M., & Tyrer, B. (1988). London Docklands: the Leisure Element. *Leisure Management*, 8(2), 30-33.
- Brito, B. (2004). *Turismo ecológico: uma via para o desenvolvimento sustentável em São Tomé e Príncipe*. Lisboa: ISCTE. Tese de Doutoramento não publicada.
- Brown, G., Chalip, L., Jago, L., & Mules, T. (2002). The Sydney Olympics and Brand Australia. In N. Morgan, A. Pritchard & R. Pride (Eds.), *Destination Branding: Creating the Unique Destination Proposition* (pp. 165-185). Oxford: Elsevier.
- Careto, H., & Lima, S. (2006). *Turismo e Desenvolvimento Sustentável* (Vol.1) Lisboa: GEOTA.
- Careto, H., & Lima, S. (2007). *Turismo e Desenvolvimento Sustentável* (Vol. 2). Lisboa: GEOTA.

- Carvalho, N. (2007). Da emergência do problema ambiental à emergência do ambiente na sociologia. *Barlia. Revista Científica sobre Ambiente e Desenvolvimento*, 3/4, 7-17.
- Carvalho, N. (2009). Desenvolvimento Local Sustentável: A Agenda 21 Local como instrumento de política privilegiado para a sua implementação. *Barlia. Revista Científica sobre Ambiente e Desenvolvimento*, 5, 79-94.
- Chalip, L. (2001). Sport and Tourism: Capitalising on the Linkage. In D. Kluka & G. Schillin (Eds.), *The Business of Sport* (pp. 77-90). Oxford: Meyer & Meyer.
- Collins, A. J., Roberts, A., & Munday, M. C. (2012). The environmental impacts of major cycling events: Reflections on the UK Stages of the Tour de France. The Center for Business Relationships Accountability Sustainability & Society, Cardiff University.
- Conselho da Europa. (1992). *Carta Europeia do Desporto*. Rhodes: Conselho da Europa.
- Crompton, J. (1995). Economic impact analysis of sports facilities and events: Eleven sources of misapplication. *Journal of Sport Management*, 9(1), 14-35.
- Crompton, J. (2004). Beyond economic impact: an alternative rationale for the public subsidy of major league sports facilities. *Journal of Sport Management*, 18(1), 40-58.
- Crompton, J. (2006). Economic impact studies: instruments for political shenanigans. *Journal of Travel Research*, 45(1), 67-82.
- Daniels, M., & Norman, W. (2003). Estimating the Economic Impacts of Seven Regular Sport Tourism Events. *Sport & Tourism*, 8(4), 214-222.
- De Knop, P. (1987). Some thoughts on the influence of sport tourism. In *International seminar and workshop on outdoor education, recreation and sport tourism. Proceedings of an International Seminar* (pp. 38-45). Netanya: Wingate Institute for Physical Education and Sport.

- De Knop, P. (1990). Sport for all and active tourism. *World Leisure & Recreation*, 32(3), 30-36.
- European Commission (2014). *Special Eurobarometer 412: Sport and Physical Activity*. Brussels: European Commission.
- Gammon, S., & Robinson, T. (1997). Sport and Tourism: A Conceptual Framework. *Journal of Sport & Tourism*, 4(3), 11-18.
- Gammon, S., & Robinson, T. (2003). Sport and Tourism: A Conceptual Framework. *Journal of Sport & Tourism*, 8(1), 21-26.
- Getz, D. (2008). Event tourism: definition, evolution, and research. *Tourism Management*, 29(3), 403-428.
- Gibson, H. (1998a). Active sport tourism: who participates? *Leisure Studies* 17(2), 155-170.
- Gibson, H. (1998b). Sport Tourism: A Critical Analysis of Research. *Sport Management Review*, 1, 45-76.
- Gibson, H. (2004). Moving beyond the "what is and who" of sport tourism to understanding "why". *Journal of Sport & Tourism*, 9(3), 247-265.
- Gibson, H. (2005). Sport Tourism: Concepts and Theories. An Introduction. *Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics*, 8(2), 133-141.
- Gibson, H., Kaplanidou, K., & Kang, S. J. (2012). Small-scale event sport tourism: A case study in sustainable tourism. *Sport Management Review*, 15(2), 160-170.
- Glyptis, S. (1982). *Sport and tourism in Western Europe*. London: British Travel Educational Trust.
- Glyptis, S. (1991). Sport and Tourism. In C. Cooper (Ed.), *Progress in tourism, recreation and hospitality management* (pp. 165-183). London: Belhaven Press.

- Gratton, C., Dobson, N., & Shibli, S. (2000). The economic importance of major sports events: a case-study of six events. *Managing Leisure*, 5(1), 17-28
- Hall, C. (1992). Adventure, sport and health tourism. In C. M. Hall & B. Weiler (Eds.), *Special interest tourism* (pp. 141-158). London: Belhaven Press.
- Higham, J. (1999). Commentary - sport as an avenue of tourism development: an analysis of the positive and negative impacts of sport tourism. *Current Issues in Tourism*, 2(1), 82-90.
- Higham, J. (Ed.) (2005). *Sport Tourism Destination: Issues, Opportunities and Analysis*. Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann.
- Higham, J., & Hinch, T. (2009). *Sport and Tourism: Globalization, Mobility and Identity*. Oxford: Elsevier.
- Hill, M. , & Hill, A. (2009). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Hinch, T., & Higham, J. (2001). Sport Tourism: a framework for research. *International Journal of Tourism Research*, 3(1), 45-58.
- Hinch, T., & Higham, J. (2003). *Sport Tourism Development*. Clevedon: Channel View Publications.
- Horne, W. (2000). Municipal economic development via hallmark tourist events. *Journal of Tourism Studies*, 11(1), 30-36.
- Hudson, I. (2001). The use and misuse of economic impact analysis. *Journal of Sport & Social Issues*, 25(1), 20-39.
- Jago, L. (2003). Sport tourism in Australia. *Journal of Sport Tourism*, 8(1), 7-8.
- Kasimati, E. (2003). Economic aspects and the Summer Olympics: a review of related research. *International Journal of Tourism Research*, 5(6), 433-444.
- Kastenholz, E., Eusébio, C., Figueiredo, E., & Lima, J. (2012). Accessibility as competitive advantage of a tourism destination: The case of Lousã. In H. F.

- Hyde, C. Ryan, & A. G. Woodside (Eds.), *Field Guide to Case Study Research in Tourism, Hospitality and Leisure* (pp. 369-385). Emerald Group Publishing Limited.
- Kastenholz, E., & Ladero, M. (2009). Turismo Accesible como ejemplo de responsabilidad social en las empresas y destinos turísticos. El caso de Lousã (Portugal). *ROTUR - Revista de Ócio y Turismo*, 2, 175-194.
- Kurtzman, J. (2005). Sports tourism categories. *Journal of Sport & Tourism* 10(1), 15-20.
- Kurtzman, J., & Zauhar, J. (1993). Research: sport as a touristic endeavour. *Journal of Sport & Tourism*, 1(1), 30-50.
- Kurtzman, J., & Zauhar, J. (1995). Tourism Sport International Council. *Annals of Tourism Research*, 22(3), 707-708.
- Kurtzman, J., & Zauhar, J. (1997). A wave in time - the sports tourism phenomena. *Journal of Sport & Tourism*, 4(2), 7-24.
- Kurtzman, J., & Zauhar, J. (2005). Sports tourism consumer motivation. *Journal of Sport & Tourism*, 10(1), 21-31.
- Lazer, T. (1985). The 1985 Los Angeles Olympics. In *International events: the real tourism impact. Proceedings of the Canada Chapter Travel and Tourism Association Annual Conference* (pp. 137-140). Edmonton: Alberta.
- Lee, C., & Taylor, T. (2005). Critical reflections on the economic impact assessment of a mega-event: the case of 2002 FIFA World Cup. *Tourism Management*, 26(4), 595-603.
- Lee, S. (2001). A review of economic impact studies on sporting events. *The Sport Journal*, 4(2), 12.
- Lima, S., & Partidário, M. (2002). *Novos Turistas e a Procura da sustentabilidade - Um novo segmento de mercado turístico*. Lisboa: GEP Ministério da Economia.

- Liu, Z. (2003). Sustainable tourism development: A critique. *Journal of Sustainable Tourism*, 11(6), 459-475.
- Melo, R. (2013). *Desporto de Natureza e Desenvolvimento Local Sustentável: Análise dos Praticantes e das Organizações Promotoras dos Desportos de Natureza*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras e Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Melo, R., & Sobry, C. (2017). *Sport Tourism: New Challenges in a Globalized World*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Nogawa, H., Yamaguchi, Y., & Hagi, Y. (1996). An empirical research study on Japanese sport tourism in sport-for-all events: Case studies of a single-night event and a multiple-night event. *Journal of Travel Research*, 35(2), 45-55.
- Nordin, L. (2008). *Economic Impacts of Sport Events: Case study of The European Championships in Figure Skating Malmö City 2003*. Student thesis, Jönköping University, Jönköping International Business School, Jönköping, Jönköping University.
- O'Brien, D., & Chalip, L. (2008). Sport Events and Strategic Leveraging: Pushing Towards the Triple Bottom Line. In A. Woodside, & D. Martin (Eds.), *Tourism Management: Analysis, behaviour, and strategy* (pp. 318-338). Oxford: CAB International.
- Organización Mundial del Turismo. (1995). *Compilación de las estadísticas del gasto turístico* (Manual Técnico n.º2). Madrid: OMT.
- Pigeassou, C. (2004). Contribution to the definition of sport tourism. *Journal of Sport & Tourism*, 9(3), 287-289.
- Pigeassou, C., Bui-Xuan, G., & Gleyse, J. (2003). Epistemological Issues on Sport Tourism: Challenge for a New Scientific Field. *Journal of Sport & Tourism*, 8(1), 27-34.

- Preuss, H. (2005). The economic impact of visitors at major multi-sport events. *European Sport Management Quarterly*, 5(3), 281-301.
- Preuss, H. (2007). The conceptualisation and measurement of mega sport event legacies. *Journal of Sport & Tourism*, 12(3-4), 207-228.
- Redmond, G. (1991). Changing styles of sports tourism: industry/consumer interactions in Canada, the USA and Europe. In M. T. Sinclair & M. J. Stabler (Eds.), *The Tourism Industry: An International Analysis* (pp. 107-120). Wallingford: CAB International.
- Ritchie, J. B. (1984). Assessing the impact of hallmark events: Conceptual and research issues. *Journal of travel research*, 23(1), 2-11.
- Roche, M. (1994). Mega-events and urban policy. *Annals of Tourism Research*, 21(1), 1-19.
- Running Wonders. (2016). *EDP Running Wonders Preservar*. Disponível em: <http://www.runningwonders.com/>
- Sack, A. L., & Johnson, A. T. (1996). Politics, Economic Development, and the Volvo International Tennis Tournament. *Journal of Sport Management*, 10(1), 1-14.
- Salgado-Barandela, J., Barajas, Á., & Sánchez-Fernandez, P. (2017). Key Factors in Sport-Event Tourism: An Economic Outlook. In Melo, R. & Sobry, C. (Eds.), *Sport Tourism: New Challenges in a Globalized World* (pp. 78-98). Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Schreiber, R. (1976). Sports interest: A travel definition. In *The Travel Research Association 7th Annual Conference Proceedings* (pp. 85-87). Boca Raton: TTRA.
- Silva, A. (2009). Desenvolvimento Local e Animação Turística. In A. Peres, & M. S. Lopes (Coord.), *Animação Turística* (pp. 68-85). Chaves: APAP.

- Sofield, T. (2003). Sports Tourism: From Binary Division to Quadripartite Construct. *Journal of Sport & Tourism*, 8(3), 144-165.
- Standeven, J. (1998). Sport tourism: Joint marketing- A starting point for beneficial synergies. *Journal of Vacation Marketing*, 4, 39-51.
- Standeven, J., & De Knop, P. (1999). *Sport Tourism*. Champaign: Human Kinetics.
- Torres-Delgado, A., & Palomeque, F. (2012). The growth and spread of the concept of sustainable tourism: The contribution of institutional initiatives to tourism policy. *Tourism Management Perspectives*, 4, 1-10.
- Turco, D. (1997). Are we there yet? Understanding the impacts of competitive vacations. *Cyber-Journal of Sports Marketing*, 1(4). [Http://www.cjism.com](http://www.cjism.com)
- Turco, D. (1998). Travelling and turnovers measuring the economic impacts of a street basketball tournament. *Journal of Sport Tourism*, 5(1), 7-14.
- Turco, D., Riley, R., & Swart, K. (2002). *Sport Tourism*. Morgantown: Fitness Information Technology, Inc.
- Walo, M., Bull, A., & Breen, H. (1996). Achieving economic benefits at local events: A case study of a local sports event. *Festival Management and Event Tourism*, 4(3/1), 95-106.
- Weed, M. (2006). Sports Tourism Research 2000-2004: A Systemic Review of Knowledge and a Meta-Evaluation of Methods. *Journal of Sport & Tourism*, 11(1), 5-30.
- Weed, M. (2009). Progress in sports tourism research? A meta-review and exploration of futures. *Tourism Management*, 30(5), 615-628.
- Weed, M., & Bull, C. (2004). *Sport Tourism: Participants, Policy and Providers*. Oxford: Butterworth Heinemann.

Wilson, R. (2006). The Economic Impact of Local Sport Events: Significant, Limited or Otherwise? A Case Study of Four Swimming Events. *Managing Leisure*, 11, 57-70.

WTTC, WTO, & Earth Council. (1995). Agenda 21 for the Travel and Tourism Industry: Towards Environmentally Sustainable Development. Madrid: WTO.



**ANEXOS**



ANEXO 1 – PEDIDO DE COLABORAÇÃO (EMPRESA ORGANIZADORA DO EVENTO)

ANEXO 2 – PEDIDO DE COLABORAÇÃO (MUNICÍPIO DE COIMBRA)

ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES DO EVENTO

ANEXO 4 – GUIÃO DE ENTREVISTA APLICADA À EMPRESA ORGANIZADORA DO EVENTO

ANEXO 5 – *EMAIL* COM *LINK* DO QUESTIONÁRIO REMETIDO PELA EMPRESA ORGANIZADORA DO EVENTO



## **ANEXO 1 – PEDIDO DE COLABORAÇÃO (EMPRESA ORGANIZADORA DO EVENTO)**

*Email* [info@globalsport.pt](mailto:info@globalsport.pt)

Exmos Srs.

No âmbito da tese de Mestrado em Turismo de Interior – Educação para a Sustentabilidade, da Escola Superior de Educação de Coimbra, desenvolvida pela aluna Sofia Andrade, sob orientação do Professor Doutor Ricardo Melo, pretende-se desenvolver um projeto de investigação sobre “**Eventos de Turismo Desportivo e Desenvolvimento Local Sustentável: avaliação dos impactos da EDP Meia Maratona de Coimbra**”.

Este estudo integra-se num projeto de investigação internacional realizado no âmbito da IRNIST (International Research Network In Sport Tourism – [www.irnist.com](http://www.irnist.com)), que tem como objetivo comparar os impactos ambientais, económicos e socioculturais) de eventos desportivos (meias maratonas) em 12 países da União Europeia, África e América do Sul (França, Espanha, Marrocos, Brasil, ....).

Assim, vimos solicitar a colaboração de V. Exas. no desenvolvimento do referido estudo que tem como objetivo avaliar os impactos económicos, sociais e ambientais de um evento de meia maratona, em termos de desenvolvimento local sustentável.

Em concreto solicitamos a v. colaboração para:

- i) **Aplicação de questionários** aos participantes na corrida, a realizar *on line*, nos dias imediatamente a seguir ao evento através da *mailing list* de inscritos a disponibilizar pela v. organização (o questionário é anónimo, confidencial e a participação voluntária);
- ii) **Realização de entrevista** a responsável da Running Wonders, em data e hora a combinar, posterior à realização do evento;

- iii) **Divulgação** do presente projeto de investigação junto dos inscritos, motivando-os para o preenchimento do inquérito, garantindo desta forma uma taxa de resposta elevada.

A v. colaboração é muito importante para a concretização deste projeto de investigação sendo assegurada a confidencialidade dos dados que serão usados apenas para efeitos académicos. Posteriormente comprometemo-nos a disponibilizar à v. organização os resultados do presente estudo.

Agradecemos desde já a vossa colaboração e disponibilizamo-nos para qualquer esclarecimento adicional.

Com os melhores cumprimentos,

Sofia F. Andrade

## **ANEXO 2 – PEDIDO DE COLABORAÇÃO (MUNICÍPIO DE COIMBRA)**

*Email* [carlos.cidade.ver@cm-coimbra.pt](mailto:carlos.cidade.ver@cm-coimbra.pt)

Exmo. Sr. Dr. Carlos Cidade

Dign.º Vereador do Desporto da Câmara Municipal de Coimbra

No âmbito da tese de Mestrado em Turismo de Interior – Educação para a Sustentabilidade, da Escola Superior de Educação de Coimbra, desenvolvida pela aluna Sofia Andrade, sob orientação do Professor Doutor Ricardo Melo, pretende-se desenvolver um projeto de investigação sobre “**Eventos de Turismo Desportivo e Desenvolvimento Local Sustentável: avaliação dos impactos da EDP Meia Maratona de Coimbra**”.

Este estudo integra-se num projeto de investigação internacional realizado no âmbito da IRNIST (International Research Network In Sport Tourism – [www.irnist.com](http://www.irnist.com)), que tem como objetivo comparar os impactos ambientais, económicos e socioculturais) de eventos desportivos (meias maratonas) em 12 países da União Europeia, África e América do Sul (França, Espanha, Marrocos, Brasil, ...).

Assim, vimos solicitar a colaboração de V. Exas. no desenvolvimento do referido estudo que tem como objetivo avaliar os impactos económicos, sociais e ambientais de um evento de meia maratona, em termos de desenvolvimento local sustentável.

Em concreto solicitamos a v. colaboração para a realização de uma entrevista a um responsável da CMC pela organização da prova, em data e hora a agendar, posterior à realização do evento.

A v. colaboração é muito importante para a concretização deste projeto de investigação sendo assegurada a confidencialidade dos dados que serão usados apenas para efeitos académicos. Posteriormente comprometemo-nos a disponibilizar à Câmara Municipal de Coimbra os resultados do presente estudo.

Agradecemos desde já a vossa colaboração e disponibilizamo-nos para qualquer esclarecimento adicional.

Com os melhores cumprimentos,

Sofia F. Andrade

## ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES NO EVENTO

### AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS DA EDP MEIA MARATONA DE COIMBRA

9 de outubro de 2016 | COIMBRA

Este questionário faz parte de um estudo integrado num projeto de investigação internacional, com o objetivo de comparar os impactos ambientais, económicos e socioculturais de meias maratonas em países da União Europeia, África e América do Sul.

Ao responder vai ajudar a alargar o âmbito do estudo, contribuindo para um maior conhecimento dos impactos de eventos desportivos no Desenvolvimento Local Sustentável.

Muito obrigado pela sua colaboração!

Existem 37 perguntas neste inquérito

### PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

#### [P1] Sexo \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

[R1] Feminino

[R2] Masculino

#### [P2] Idade \*

Neste campo só é possível introduzir números.

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

#### [P3] Estado Civil \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

[R1] Solteiro(a)

[R2] Casado(a)/União de facto

[R3] Divorciado(a)/Separado(a)

[R4] Viúvo(a)

### [P4] Habilitações Literárias \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- [R1] Ensino Primário ou menos
- [R2] Ensino Secundário
- [R3] Ensino Superior
- [R4] Pós-Graduação, Mestrado ou Doutoramento

### [P5] Situação Face ao Emprego \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- [R1] Empregado(a)
- [R2] Empresário(a)
- [R3] Trabalhador(a) por conta própria
- [R4] Estudante
- [R5] Desempregado(a)
- [R6] Reformado(a)
- [R7] Doméstico(a)
- Outras Situações

### [P6] Rendimentos Mensais \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- [R1] Sem rendimentos
- [R2] Inferior a 500 euros
- [R3] Entre 501 e 750 euros
- [R4] Entre 751 e 1000 euros
- [R5] Entre 1001 e 1500 euros

[R6] Entre 1501 e 2000 euros

[R7] Entre 2001 e 3000 euros

[R8] Entre 3001 e 5000 euros

[R9] Mais de 5001 euros

[R10] NS/NR

**[P7] Reside no concelho de Coimbra? \***

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

Sim

Não

**[P8] Se não, reside em que concelho?**

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

**[P9] Se no estrangeiro, em que país?**

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

**[P10] Qual a distância da sua residência ao local do evento/corrída? \***

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

[R1] Menos de 40km

[R2] Mais de 40km

## **PERFIL DOS PRATICANTES**

**[P11] Como se deslocou da sua residência para o local do evento/corrída? \***

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

[R1] De carro

[R2] De avião

[R3] De bicicleta

Outro

[P12] É a primeira vez que participa neste evento/corrída? \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

Sim

Não

[P13] Se não, quantas vezes já participou, incluindo a participação deste ano?

Neste campo só é possível introduzir números.

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

[P14] Veio sozinho(a) ou acompanhado(a) ao evento? \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

[R1] Sozinho(a)

[R2] Acompanhado(a)

[P15] Se acompanhado(a), com quem?

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

[R1] Família

[R2] Amigos

[R3] Clube/Treinador

Outros:

[P16] Quantas pessoas o(a) acompanharam?

Neste campo só é possível introduzir números.

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

[P17] Pernoitou na cidade durante o evento? \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

Sim

Não

**[P18] Se sim, quantas noites?**

Neste campo só é possível introduzir números.  
Por favor, escreva aqui a sua resposta:

**[P19] Onde pernoitou?**

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

[R1] Parque de Campismo

[R2] Hotel/Motel

[R3] Casa de Familiares/Amigos

[R4] Pensão/Residencial

Outro

**[P20] Qual a razão da escolha deste evento/corrida? \***

Hierarquize do 1 - Mais Importante ao 4 - Menos Importante, sem repetir a escala  
Por favor, selecione a posição apropriada para cada elemento:

	1	2	3	4
[R1] Pela qualidade da organização	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
[R2] Por não ser longe da minha residência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
[R3] Pela oferta turística	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
[R4] Outro Motivo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

[P21] A participação no evento desportivo foi a principal motivação da sua vinda a Coimbra? \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

Sim

Não

[P22] Classifique o grau de importância de cada uma das razões que o podem ter levado a participar no evento, considerando: \*

1= Nada Importante | 4=Nem Pouco nem Muito Importante | 7= Totalmente Importante

Por favor, seleccione a posição apropriada para cada elemento:

	1	2	3	4	5	6	7
[R1] Para competir (estar envolvido numa competição desportiva)	<input type="radio"/>						
[R2] Por diversão (pelo prazer que proporciona)	<input type="radio"/>						
[R3] Para socializar (conhecer outras pessoas/interação social; pelo convívio que o evento proporciona)	<input type="radio"/>						
[R4] Para me manter saudável (aconselhamento médico/questões de saúde)	<input type="radio"/>						
[R5] Para apoiar/acompanhar (criança/familiar/amigo)	<input type="radio"/>						
[R6] Para me desafiar (para desafiar as minhas capacidades; para me testar)	<input type="radio"/>						
[R7] Para relaxar (relaxamento/quebrar com as rotinas do dia-a-dia)	<input type="radio"/>						

	1	2	3	4	5	6	7
[R8] Pelo exercício (para manter ou melhorar a minha condição física)	<input type="radio"/>						
[R9] Pela novidade	<input type="radio"/>						
[R10] Para viajar (para visitar outros locais/ destinos; para aprender sobre outras tradições e culturas; para visitar e preservar o património)	<input type="radio"/>						

[P23] Como avalia a organização geral do evento? \*

Responda utilizando uma escala de 1 - Extremamente Insatisfeito e 7 - Extremamente Satisfeito  
Por favor, seleccione a posição apropriada para cada elemento:

	1	2	3	4	5	6	7
Organização Geral do Evento	<input type="radio"/>						

[P24] Em quantas corridas participou no último ano (2015)\*

Neste campo só é possível introduzir números.  
Por favor, escreva aqui a sua resposta:

[P25] Se for organizada outra corrida na cidade tenciona participar? \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

Sim

Não

[P26] Está a gostar da cidade? \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

Sim

Não

[P27] Tenciona voltar apenas em turismo? \*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

Sim

Não

## IMPACTOS ECONÓMICOS

[P28] Em que rubricas de despesa suportou encargos? \*

Hierarquize do 1 - Mais Importante ao 6 - Menos Importante, sem repetir a escala

Por favor, seleccione a posição apropriada para cada elemento:

	1	2	3	4	5	6
[R1] Deslocação	<input type="radio"/>					
[R2] Alimentação	<input type="radio"/>					
[R3] Alojamento	<input type="radio"/>					
[R4] Inscrição	<input type="radio"/>					
[R5] Equipamento	<input type="radio"/>					
[R6] Outra	<input type="radio"/>					

[P29] Quanto gastou com a deslocação [em Euros]?\*

Neste campo só é possível introduzir números.

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

[P30] Quanto gastou em alojamento [em Euros]? \*

Neste campo só é possível introduzir números.

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

[P31] Quanto gastou em alimentação [em Euros]? \*

Neste campo só é possível introduzir números.

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

[P32] Quanto gastou em lembranças [em Euros]? \*

Neste campo só é possível introduzir números.

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

[P33] No total, quanto gastou na cidade de Coimbra [em Euros]? \*

Neste campo só é possível introduzir números.

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

[P34] No total, quanto é que o seu grupo gastou com a participação no evento [em Euros]?

Neste campo só é possível introduzir números.

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

## IMPACTOS AMBIENTAIS

[P35] Considera que a organização tomou medidas relativas à preservação ambiental?\*

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

Sim

Não

## IMPACTOS SOCIOCULTURAIS

[P36] Para além da participação no evento, o que mais fez na cidade? \*

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

[R1] Visita a familiares

[R2] Participação em atividades culturais

[R3] Participação em atividades recreativas

[R4] Compras

[R5] Almoçar/Jantar fora

[R6] Participação em outro evento desportivo

[R7] Visita a museus

[R8] Visita a parques temáticos

[R9] Ida a espetáculos

[R10] Ida ao cinema

Outras Atividades:

**[P37] Voltará a participar em futuras edições deste evento? \***

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

Sim

Não

**Muito obrigado pela sua colaboração!**

Submeter o seu inquérito  
Obrigado por ter concluído este inquérito.

## **ANEXO 4 – GUIÃO DE ENTREVISTA APLICADA À EMPRESA ORGANIZADORA DO EVENTO**

**MODELO DE ENTREVISTA** a aplicar à Empresa Organizadora do Evento

**Entrevistador:**

[O entrevistador deve agradecer a disponibilidade para a realização da entrevista e explicar as linhas gerais do estudo. Deve, ainda, esclarecer que os dados recolhidos e as respostas são anónimas]

**País:** Portugal

**Cidade:** Coimbra

**Nome da Corrida:** EDP Meia Maratona da Cidade de Coimbra

**Entrevistado (n. obrigatório):** Paulo Costa

**Função que desempenha na organização:** Diretor Executivo

1. É a primeira vez que organiza este evento?

Sim

Não

2. Se não, quantas vezes já foi organizado?

3. Qual a entidade organizadora do evento?

O município

Uma entidade parcialmente controlada pelo Estado (semipública)

Uma associação não desportiva (organização sem fins lucrativos)

Uma associação desportiva

Uma empresa privada (qual?)

Outra (identifique)

4. Qual foi o número de participantes neste ano?

5. E nos restantes anos, qual a média do número de participantes?

6. Como explica a diferença do n.º de participantes em cada ano (caso exista)?
7. Como classifica esta corrida? É uma corrida “clássica” ou “temática”, no sentido de incluir alguma animação e/ou tema?
8. Quantas pessoas da comunidade local foram envolvidas na organização do evento?
9. A organização conta com a ajuda de voluntários?  
Sim  
Não
10. Se sim, quantos?
11. Quantos habitantes locais participaram na corrida?
12. E quantos estrangeiros?
13. Qual o país de origem dos participantes estrangeiros?
14. Os participantes nacionais deslocaram-se de onde?  
<40 km  
>40 km

## IMPACTOS ECONÓMICOS

15. No que se refere aos custos de organização do evento, que entidades o apoiaram/financiaram?  
O município  
Outra entidade pública (qual?)  
-  
-  
-  
Patrocinadores
16. Alguns patrocinadores ajudaram na organização do evento? Por exemplo, na área de comunicação, recursos humanos, ou outra?
17. Qual o número de patrocinadores privados?

18. Esse número tem crescido de ano para ano?

Sim

Não

19. Nos últimos anos perderam alguns patrocinadores importantes?

Não

Sim

Quais?

-

-

Porquê?

-

20. Foram encontrados novos patrocinadores nos últimos anos?

Não

Sim

Quais?

-

-

21. Alguns patrocinadores pagam para serem parceiros do evento?

Quais?

-

-

Como é definida a sua contribuição?

- é definida uma matriz pela organização

- é negociada individualmente com cada um dos patrocinadores

- outra (indicar)

-

Quantos patrocinadores contribuem com bens ou serviços para se tornarem parceiros (especificar o tipo de bens e serviços)?

-

-

22. Conhece os impactos económicos da organização deste evento na cidade?

Sim

Não

23. Sabe qual é o efeito multiplicador do investimento realizado?

Sim

Quanto é?

Não

24. Usa alguma ferramenta para calcular o impacto económico do evento?

Sim

Qual?

Quanto é o impacto económico calculado através dessa ferramenta?

Não

25. Se não sabe qual é o impacto económico do evento e não tenta apurá-lo, quais as razões que o levam a organizar este evento?

26. Este evento faz parte do programa de eventos da cidade?

Não

Sim

27. Quais são os outros eventos desportivos organizados anualmente na cidade?  
(tipo de eventos, âmbito regional, nacional ou internacional, n.º de participantes)

-

-

-

28. Quais os benefícios para a entidade organizadora?

Económicos (% de lucro)

Quantifique

Outros

Quais?

-

-

29. O Município paga alguma taxa para usar o nome do evento nas suas campanhas de comunicação/promoção?

Sim

Quanto?

Não

30. Qual o valor de inscrição na corrida? Têm vários preços?

-

-

31. Desenvolvem parcerias com as entidades de turismo?

Sim

Não

E com o comércio local?

Sim

Não

32. São oferecidos aos participantes ofertas específicas de produtos turísticos?

33. Considera que este evento promove o desenvolvimento turístico da cidade/região?

34. Propõe/disponibiliza aos participantes uma lista de hotéis?

Sim

Não

E de atividades turísticas?

Sim

Não

E um circuito turístico?

Sim

Não

35. Organiza, em torno da linha de partida e chegada, uma exposição/feira?

Sim

Não

36. Se sim, quais as lojas/marcas representadas?

Locais

Outras

37. Organiza outras atividades em torno da corrida?

Sim

Não

Se sim, que atividades?

## IMPACTOS AMBIENTAIS

38. Possui algum plano ambiental para o evento?

Sim

Não

39. Que medidas implementam para a preservação ambiental?

Registo *On Line* (sem papel)

Linhas de partida e chegada, definidas com base no critério de proximidade a estações de transportes públicos

Reciclagem de garrafas, papel, etc

Escolha de fornecedores locais para o fornecimento de alimentos e bebidas

Outras (especifique)

40. Conhece a certificação ambiental “selo verde” para eventos desportivos?

Sim

Não

41. Esta corrida possui esta certificação de “selo verde”?

Sim

Não

42. É importante para a organização obter esta certificação?

Sim

Não

43. Vai tentar obter esta certificação no futuro?

Sim

Não

44. Se não, porquê?

Porque não traz qualquer mais-valia para a imagem da corrida

Porque é demasiado oneroso e difícil de organizar uma corrida com as especificações e exigências da certificação ambiental “selo verde”

A certificação “selo verde” não é adequada ao tipo de eventos que organizamos

Não sabemos como o fazer e como obter a informação

Outro motivo (especificar)

## **IMPACTOS SOCIOCULTURAIS**

45. Considera este evento uma forma de criar uma identificação territorial?

46. Foram estabelecidos contactos entre a entidade organizadora do evento e:

Os responsáveis pela promoção do turismo local? Se sim, que tipo de colaboração foi desenvolvida?

Os responsáveis pelo comércio local (restaurantes, hotéis, bombas de gasolina, etc)?

Outras estruturas? Quais? Porquê?

47. Foram convidados a participar no evento:

Atletas de alta competição

Membros da Federação

Televisões Nacionais ou Internacionais

Operadores Turísticos

Jornalistas

Parceiros/patrocinadores e seus convidados

Fornecedores

**Muito Obrigada**

## ANEXO 5 – EMAIL COM LINK DO QUESTIONÁRIO REMETIDO PELA EMPRESA ORGANIZADORA DO EVENTO

---

**De:** Running Wonders EDP [mailto:info@globalsport.pt]  
**Enviada:** terça-feira, 18 de Outubro de 2016 21:05  
**Para:** Sofia Andrade  
**Assunto:** EDP Meia Maratona de Coimbra | Questionário



Vimos por este meio enviar um questionário que faz parte de um estudo com o objetivo de comparar os impactos ambientais, económicos e socioculturais de meias maratonas em diversos países.

Ao responder vai ajudar a alargar o âmbito do estudo, contribuindo para um maior conhecimento dos impactos de eventos desportivos no Desenvolvimento Local Sustentável.

Agradecemos a sua colaboração através do preenchimento deste questionário [aqui](#).

---

Copyright © 2016 | Running Wonders EDP by GlobalSport | Todos os direitos reservados.  
Rua Delminda Pinto Ribeiro, nº 17 5050-346 Poiares - Peso da Régua